

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
DIVISÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO PROFISISONAL EM SAÚDE E EDUCAÇÃO

NICOLE MASET FERNANDES

**O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO DE
CASO NAS ÁREAS DA SAÚDE, EXATAS E HUMANAS EM
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO INTERIOR
PAULISTA.**

Ribeirão Preto
2014

NICOLE MASET FERNANDES

**O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO DE
CASO NAS ÁREAS DA SAÚDE, EXATAS E HUMANAS EM
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO INTERIOR
PAULISTA.**

Dissertação apresentada a Universidade de
Ribeirão Preto como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Saúde e
Educação

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Daniela Costa
Carnio Marasea

Ribeirão Preto
2014

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento Técnico
da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

F363e Fernandes, Nicole Maset, 1988-
O ensino do empreendedorismo: um estudo de caso nas áreas
da saúde, exatas e humanas em Instituições de ensino superior do
interior paulista / Nicole Maset Fernandes. - - Ribeirão Preto,
2014.
106 f.: il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Costa Carnio Marasea.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Ribeirão Preto,
UNAERP, Saúde e Educação. Ribeirão Preto, 2014.

1. Empreendedorismo. 2. Ensino superior. 3. Metodologia de
Ensino. I. Título.

CDD 610

FOLHA DE APROVAÇÃO

NICOLE MASET FERNANDES

O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO DE CASO NAS ÁREAS DA SAÚDE, EXATAS E HUMANAS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO INTERIOR PAULISTA. .

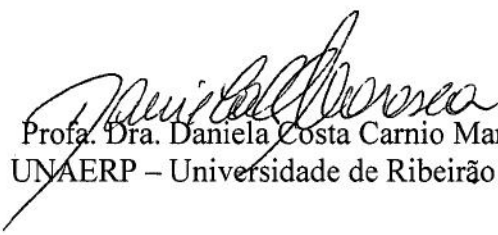
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Educação da Universidade de Ribeirão Preto para obtenção do título de Mestre em Saúde e Educação

Área de Concentração: Ensino de Ciências da Saúde

Data da defesa: 31 de março de 2014

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Daniela Costa Carnio Marasea
UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto


Profª. Dra. Adriana Cristina Ferreira Caldana
USP – Universidade de São Paulo


Prof. Dr. Rodrigo de Oliveira Plotze
UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto

A meus amados e
essenciais pais e irmão,
Kleber, Joseane e Filipe.

Muito obrigada!!!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que sempre confiaram em mim e na vitória deste trabalho, me fornecendo todo suporte necessário para a realização de cada objetivo por mim traçado.

A meu irmão, Filipe, e cunhada, Flávia, pelo carinho das palavras de incentivo nas horas certas.

À Prof^a Dra. Daniela Costa Carnio Marasea, minha orientadora, por ter aceitado este desafio e dividido sua sabedoria comigo, contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional.

À Prof^a Dra. Silvia Sidneia da Silva e ao Prof. Dr. Rodrigo de Oliveira Plotze que fizeram contribuições muito importante na qualificação deste trabalho, me orientando também por outros caminhos ricos de conhecimento para a conclusão deste trabalho.

À Prof^a Dra Adriana Cristina Caldana e à Prof^a Dra Rosalinda Chedian Pimentel, por terem aceitado o convite e se disponibilizado a participar desta banca de defesa.

A Deus por ter me proporcionado o dom da vida e o desenvolvimento dos meus objetivos.

A todos familiares que me incentivaram no decorrer desses dois anos.

Aos amigos mais do que especiais e namorado, que sempre estiveram comigo durante esta jornada, e foram essenciais para que este caminho ficasse mais fácil.

Aos participantes dessa pesquisa e funcionários envolvidos com o programa de pós graduação, pois sem eles, esse trabalho não poderia ter sido desenvolvido.

Obrigada a todos!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

(Paulo Freire)

RESUMO

MASET, N.F. O Ensino do Empreendedorismo: um estudo de caso nas áreas da saúde, exatas e humanas em instituições de ensino superior do interior paulista. 106 pág. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde e Educação), Universidade de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto - SP, 2014.

Palavras-chave: Empreendedorismo, Ensino Universitário, Metodologias de Ensino.

O fenômeno do empreendedorismo vem sendo alvo de muitos estudos e pesquisas no Brasil e no mundo, devido à sua importância para o crescimento econômico e para o desenvolvimento social. Cada vez mais, os países investem na promoção da cultura empreendedora desde cedo na educação dos jovens, visando um aumento dessa atividade na sociedade. Neste contexto, o ensino universitário aparece como propício ao desenvolvimento do conhecimento e das habilidades envolvidas no ato de empreender. Este estudo buscou avaliar cursos da área da saúde, exatas e humanas da cidade de Ribeirão Preto com relação ao ensino do empreendedorismo. Para isso, foi levantado quais os cursos que possuíam disciplinas a respeito do empreendedorismo na matriz curricular e, nos cursos encontrados, foi avaliada a forma como essa educação empreendedora vinha sendo feita, bem como a percepção que os alunos, docentes e coordenadores tinham sobre sua eficácia. Este se tratou de um estudo de caso exploratório, cuja análise foi feita de forma qualiquantitativa. A coleta de dados junto à amostra dividiu-se em dois momentos: no primeiro momento, a coleta de dados foi feita por meio de entrevistas com os docentes que ministram as disciplinas de empreendedorismo e com coordenadores destes cursos; e, no segundo momento, com os alunos, a coleta foi feita por meio de instrumentos validados que visavam avaliar o perfil empreendedor e as habilidades envolvidas nessa atividade, além de um questionário que levantava informações sobre a percepção destes alunos com relação à educação empreendedora recebida. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, mediante autorização, e os dados levantados foram analisados e interpretados de forma qualitativa e quantitativa. Foram entrevistadas 10 pessoas, e 57 alunos responderam aos questionários. Após a análise dos dados, foi encontrado apenas um curso, dentre oito investigados, com uma proposta de educação empreendedora que de fato foi considerada como eficiente, por conseguir desenvolver o empreendedorismo nos alunos. Os outros cursos evidenciaram ainda uma falta de maturidade nas práticas de ensino, pois desenvolvem, em sua maioria, conceitos sobre empreendedorismo, e não as capacidades necessárias para o desenvolvimento desta atividade. Além disso, não foram encontrados cursos da área da saúde que possuísem disciplinas de empreendedorismo, e poucos cursos na área das ciências humanas, evidenciando uma deficiência na educação empreendedora nestas áreas profissionais. Na conclusão deste trabalho, destaca-se o empreendedorismo enquanto uma atividade promotora do desenvolvimento da sociedade, e foram sugeridas possibilidades de pesquisas a serem realizadas no futuro.

ABSTRACT

MASET, N.F. Entrepreneurship teaching: a case study in human, exact and biological sciences in higher education institutions in the interior of Sao Paulo. 106 p. Dissertation (Professional Masters in Health and Education), Universidade de Ribeirao Preto, Ribeirao Preto – SP, 2014.

Key-words: Entrepreneurship, Higher Education, Teaching Methodologies.

The entrepreneurship phenomenon has been the target of many studies and researches in Brazil and throughout the world due to its importance for economic growth and social development. Countries are investing more and more in promoting an entrepreneurship culture since the early stages of education, aiming an increase of this activity in society. In this context, higher education seems favorable to the development of the knowledge and abilities involved in entrepreneurship. This study aimed to evaluate courses in human, exact and biological sciences from institutions of Ribeirao Preto with regards to entrepreneurship teaching. In order to achieve that, a research has been made to discover which courses included subjects related to entrepreneurship in their curriculum. On such courses, we evaluated how this entrepreneurship education had been taking place, as well as the opinions of the students, teachers and coordinators of its effectiveness. This was an exploratory case study, whose analysis had been made on a qualitative/quantitative basis. The data collection occurred in two different time periods: at first, the data was obtained through interviews with teachers that gave lectures of entrepreneurship-related subjects and the coordinators of the major courses. After that, working with the students, the data was obtained through validated instruments that aimed to evaluate the entrepreneurship profile and the abilities involved in this activity. Apart from that, the students also filled out a questionnaire regarding their opinion with relation to the entrepreneurship education being received. The interviews were recorded and subsequently transcribed with the permission of the participants, and the data obtained was analyzed and interpreted on a qualitative/quantitative basis. Ten people were interviewed and 57 students answered the questionnaires. After the data analysis, only one course among the 8 researched had a program of entrepreneurship education that was considered as effective, since it was able to develop the idea of entrepreneurship within the students. All other courses investigated showed a lack of maturity on their teaching practices, since they only presented concepts regarding entrepreneurship, instead of developing the skills required to perform it. The conclusion portion of this dissertation highlights entrepreneurship as an activity that promotes society development, and suggests researches to be made in the future.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Características mais frequentemente atribuídas aos empreendedores pelos comportamentalistas.....	09
Figura 2 – Relação dos professores e coordenadores entrevistados.....	24
Figura 3 – Etapas da coleta de dados junto à amostra.....	26
Figura 4 – Dimensões categorizadas a partir das entrevistas.....	28
Figura 5 – Habilidades empreendedoras avaliadas.....	47
Gráfico 1 – Cursos avaliados divididos por área.....	32
Gráfico 2 – Cursos encontrados com disciplinas de empreendedorismo divididos por área....	33
Gráfico 3 – Percepção dos alunos de Administração da U.1 em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo.....	45
Gráfico 4 – Percepção dos alunos de Administração da U.1 em relação ao preparo para empreender.....	46
Gráfico 5 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras - Administração U.1.....	48
Gráfico 6 – Percepção dos alunos de Administração da U.2 em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo.....	50
Gráfico 7 – Percepção dos alunos de Administração da U.2 em relação ao preparo para empreender.....	50
Gráfico 8 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras - Administração U.2.....	52
Gráfico 9 – Percepção dos alunos de Sistemas de Informação em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo.....	54
Gráfico 10 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras – Sistemas de Informação....	55
Gráfico 11 – Percepção dos alunos de Engenharia de Produção em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo.....	57

Gráfico 12 – Percepção dos alunos de Engenharia de Produção em relação ao preparo para empreender.....	58
Gráfico 13 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras – Engenharia de Produção....	59
Gráfico 14 – Percepção dos alunos de Ciências Contábeis em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo.....	60
Gráfico 15 – Percepção dos alunos de Ciências Contábeis em relação ao preparo para empreender.....	61
Gráfico 16 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras – Ciências Contábeis.....	62
Gráfico 17 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras – Biotecnologia.....	64

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1 OBJETIVO GERAL.....	03
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	03
2. EMPREENDEDORISMO.....	05
3. EMPREENDEDORISMO INTERNO.....	12
4. PROCESSO DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.....	17
5. METODOLOGIA.....	21
5.1 NATUREZA DO ESTUDO.....	21
5.2 LOCAL DA PESQUISA.....	22
5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	22
5.4 COLETA DE DADOS.....	24
5.5 ANÁLISE DE DADOS.....	27
5.6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	30
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	32
6.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO DO LEVANTAMENTO DE DADOS INICIAL.....	32
6.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS JUNTO À AMOSTRA.....	35
7. CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICES.....	74

1. INTRODUÇÃO

O campo de estudo do empreendedorismo foi em 2013 uma área com muitas pesquisas, publicações e em constante aperfeiçoamento, dado a quantidade de registros que são encontrados na literatura sobre o assunto.

Isso se deve muito ao fato que se vive em uma era em que o mercado é demasiadamente acelerado e dinâmico, e a criatividade, nesse contexto, aparece como um diferencial na descoberta de inovações, novas possibilidades, e aproveitamento de recursos e pessoas.

A palavra empreender, *imprehendere*, tem origem do latim medieval, antes do século XV, e significa “tentar empresa laboriosa e difícil”, ou ainda, “pôr em execução” (CUNHA, 2004).

O autor Filion (1999) buscou a conceituação deste termo ao longo da história e verificou que seu significado foi se alterando de acordo com as civilizações, sofrendo muitas modificações até assumir seu significado como é trazido hoje por diversos autores. Para ele, a palavra empreendedor tem origem francesa, no século XII, sendo associada a “aquele que incentivava brigas”, e depois no século XVI, passou a se referir a uma pessoa que assumia responsabilidades e dirigia uma ação.

Somente no final do século XVII e início do século XVIII, que a palavra adquiriu seu significado atual, primeiramente trazida por Cantillon, em 1775, e aprimorada posteriormente por Say entre 1815 e 1839, descrevendo seu conceito de forma geral como uma pessoa que criava e conduzia projetos.

Um dos seguidores dos estudos sobre o conceito de empreendedorismo de Say, foi Joseph Shumpeter, que em 1954 lançou como seu objetivo, transmitir aos anglo-saxões o universo do empreendedorismo descrito por este autor (FILLION, 1999).

Aos poucos, os estudos nesta área foram se ampliando e uma diversidade de registros e definições entre os autores ganharam espaço. Schumpeter não só difundiu o assunto de seu precursor, como fez contribuições, associou o termo à inovação e discutiu a importância dos empreendedores para o desenvolvimento econômico. Trouxe o conceito de empreendedor ligado à criatividade e a capacidade de fazer sucesso com inovações. Depois, os autores Cavaleiro e Peter Drucker, por volta de 1970, introduziram a esse conceito a ideia de correr riscos em algum negócio (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011).

Na literatura encontram-se várias definições de empreendedorismo, porém aquelas que mencionam o empreendedorismo apenas como a criação de empresas, não são atualmente as mais bem aceitas, pois o empreendedorismo passou a englobar muito mais do que o mundo do negócio.

Neste contexto é encontrado um vasto repertório de autores que escreveram e discutiram sobre o tema, e para acompanhar este trabalho cita-se aqui o conceito trazido por Chiavenato (2006, p.3): “O empreendedor é a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal, assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente”.

Drucker (1986) discute em um dos seus livros as razões da grande ascensão da economia americana, entregando grande parte desta responsabilidade pelo crescimento econômico das décadas de 50 e 60, aos novos empreendimentos surgidos. Em última análise, nos traz que aquilo que muitos chamam de “tecnologia” impulsionadora do crescimento econômico, não é a eletrônica, nem novos materiais, mas sim a administração empreendedora.

O empreendedorismo está ligado a qualquer oportunidade vista por alguém de transformação e inovação que trará bens a si mesmo, a sua comunidade ou a toda sociedade, que não necessariamente financeiros.

Drucker (1986) já sinalizava que os empreendimentos podem ser não comerciais, como serviços de saúde, educação e projetos sociais, embora a maioria das pessoas ainda associe o termo “empresa” quando se depara com as palavras empreendedorismo e administração, como se esses outros serviços, chamados de não comerciais, não precisassem de uma atitude empreendedora e da administração das ideias para serem bem sucedidos.

Na literatura pode-se encontrar dados e estudos de países, como é o caso de Portugal que, após implementações de políticas educacionais incentivadoras do empreendedorismo, apontaram para a importância do desenvolvimento dessa atividade desde o ensino universitário, correlacionando-a com um maior desenvolvimento econômico, e consequentemente social e cultural (REDFORD, 2006). Este mesmo estudo ainda traz que não apenas Portugal, como toda União Europeia, já estão estimulando o empreendedorismo nos últimos anos, visando impulsionar o crescimento econômico, assim como os Estados Unidos (DOLABELLA, 1999), e o Canadá (ANDRADE; TORKOMIAN, 2001).

Redford (2006) ainda discute em um levantamento sobre a educação empreendedora de Portugal, que os cursos de empreendedorismo deveriam ser lecionados para todos os estudantes universitários, independentemente de suas áreas de estudo.

No Brasil, no entanto, embora a produção sobre empreendedorismo tenha aumentado nos últimos anos, ainda são encontrados poucos estudos publicados que trazem experiências sobre educação empreendedora dentro das instituições de ensino superior.

Frente ao exposto, seguindo indícios de que o estímulo e desenvolvimento do empreendedorismo, como visto em diversos países, contribui não apenas para o crescimento econômico, como também para o desenvolvimento social; e alinhando essas informações com a baixa incidência de pesquisas encontradas na literatura brasileira dentro do ensino universitário, é que justifica-se a relevância de estudos neste âmbito no Brasil.

Essa situação sugere a importância de saber como está o incentivo e o desenvolvimento do empreendedorismo nos futuros profissionais do Brasil, dentro de faculdades das três áreas do saber: saúde, exatas e humanas.

Como questão de pesquisa deste projeto tem-se: Os cursos de graduação em Ribeirão Preto possuem conteúdos voltados ao ensino do empreendedorismo? Qual a eficiência deste ensino nos cursos que possuem?

1.1. OBJETIVO GERAL

Avaliar os cursos oferecidos por instituições de ensino superior das áreas da saúde, humanas e exatas da cidade de Ribeirão Preto, para verificar se possuem ou não conteúdos voltados ao desenvolvimento do empreendedorismo, e checar se há efetividade.

1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir a importância do ensino e desenvolvimento do empreendedorismo nos cursos de graduação;

- Levantar quais os cursos de graduação das faculdades na cidade de Ribeirão Preto possuem em sua matriz curricular matérias sobre empreendedorismo, e quais os objetivos propostos em cada uma delas para o aluno;

- Identificar quais os procedimentos e métodos utilizados pelos professores para o ensino do empreendedorismo;

- Avaliar os alunos que passaram pelas disciplinas de empreendedorismo em relação a seu preparo para empreender através de instrumento validado;

-Levantar quais espaços acadêmicos essas faculdades disponibilizam aos seus alunos para promover o desenvolvimento de um perfil empreendedor;

-Descobrir a percepção que os alunos e professores tem sobre a eficácia da preparação recebida para o empreendedorismo;

Com a finalidade de alcançar os objetivos aqui descritos, o projeto percorrerá o seguinte caminho de discussão: o conceito de empreendedorismo, os tipos existentes, como ocorre, o intra empreendedorismo, a realidade da educação empreendedora como se apresenta no mundo e no Brasil, e como se dá este processo de educação empreendedora.

Após as seções de discussão teórica, apresentam-se os métodos propostos para este estudo e os materiais que foram utilizados.

2. O EMPREENDEDORISMO

A definição do termo empreendedorismo, assim como seu estudo, é uma tarefa bastante complexa pelas inúmeras referências de autores que se empenharam nesta tarefa.

A definição do termo empreendedorismo já começou com dificuldade de consenso entre os autores devido as diversas áreas de estudo que olharam para este fenômeno. Inicialmente o empreendedorismo era estudado pelos economistas, que tentavam definir o termo baseados nos conhecimentos de sua disciplina. Ao mesmo tempo, os economistas dividiam a atenção do fenômeno empreendedorismo com os estudiosos chamados de comportamentalistas, que aprofundavam pesquisas enfatizando características do comportamento humano expressas no ato de empreender (FILION, 1999).

Com o desenvolvimento desses estudos ao redor do mundo todo, Friedlaender (2004) aponta que atualmente, o empreendedorismo já foi estudado por enfoques diferentes como na administração, na psicologia, na economia, na pedagogia, na sociologia, e outros. É justamente devido a essa amplitude de áreas do conhecimento que o fenômeno atingiu, que torna-se difícil unificar todas em uma definição.

O autor Filion (1999), na tentativa de fechar com uma definição mais ampla possível, fez um levantamento das definições do termo empreendedorismo desde o século XII, como apresentado na introdução deste trabalho. Conseguiu chegar a uma definição que será apresentada aqui, e que abrange uma parte de cada enfoque dado ao longo da história para este termo.

Por se tratar de algo novo, envolve então em seu conceito a **criatividade**, que será vista não somente no surgimento da ideia como também na criação de todos os objetivos e passos para desenvolver a ideia. Depois, Filion (1999) discute que o empreendedor estabelece **objetivos** que guiarão suas atitudes, ou seja, tem a capacidade não só de estabelecer como de alcançar os objetivos traçados em prol da ideia.

Outra característica muito encontrada entre as definições, é a capacidade de identificar **oportunidades**, que aparece diretamente ligada ao conhecimento que o empreendedor tem do ambiente em que vive. Além disso, não apenas identifica as oportunidades, como está sempre em alerta, conhecendo continuamente sobre o ambiente, e sobre sua maneira de agir (FILLION, 1999).

Diferente do que muitas pessoas pensam sobre o **risco** que os empreendedores correm, Filion (1999) acrescenta que eles não jogam roleta russa, ou seja, não entram em um

empreendimento sem antes pensar nos riscos que correm. As decisões tomadas são baseadas em riscos moderados previamente.

Por último, inclui na definição o âmbito da **inovação** da atividade empreendedora, assim como Say, e depois seu discípulo Schumpeter, trouxeram nos primeiros estudos sobre o empreendedorismo.

Assim, a definição de Fillion (1999, p.19) ficou completa sendo:

O empreendedor é uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetiva a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor.

Esta foi a forma como o autor encontrou de juntar os diversos enfoques de cada área de estudo do empreendedorismo, e finalizou tentando simplificar sua definição nos elementos essenciais do conceito, como “Um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões” (FILION, 1999, p.19)

Merece destaque na definição de empreendedorismo o fato de estar ligado necessariamente à inovação.

Diferente do que pode parecer, inovação não é a mesma coisa que invenção. A invenção está ligada a criação de um novo dispositivo, conceito ou serviço, que pode vir a ser útil. A capacidade inventora é aquele ato genial que cria a ideia. Já a inovação envolve um conceito mais amplo, em que a invenção faz parte apenas da primeira parte do processo. Assim, a inovação é a capacidade de transformar a invenção em um sucesso, ou seja, implementar a nova ideia (PINCHOT III, 1985). E este processo é inerente ao empreendedorismo.

Como apontado anteriormente na introdução deste trabalho, estudos mostram que estimular o empreendedorismo em determinada região ou país, pode contribuir para o desenvolvimento da sociedade em aspectos diferentes. Isso porque os ganhos com o investimento no empreendedorismo envolvem não somente aqueles econômicos, como por exemplo a criação de novos negócios e geração de empregos, mas também ganhos sociais devido as melhores condições de vida da sociedade, (REDFORD 2006; DOLABELLA, 1999;

ANDRADE e TORKOMIAN, 2001; CASTRO e MACHADO, 2011; LOPES e TEIXEIRA, 2010) e devido aos empreendimentos chamados de sociais (GAWELL, 2013).

Em outros estudos como em Drucker (1986), Fillion (1999), e Shumpeter (1982), é constatado que nos países em que houve investimento, e a prática do empreendedorismo tornou-se um dos motores da economia, as transformações foram vistas nos demais aspectos, sociais, culturais e tecnológicos, reiterando também a ideia de que quanto mais se desenvolve a cultura empreendedora, maiores os benefícios para toda a sociedade em seus vários aspectos.

O empreendedorismo, de acordo com Drucker (1986) diferente do que se escuta no senso comum, não significa apenas a abertura de um novo negócio que visa lucro. Os empreendimentos podem ser de dois tipos: os comerciais, que envolvem investimento em troca de um lucro que se espera ter; e os empreendimentos não comerciais, como melhoria de processos, projetos sociais, educacionais, serviços de saúde, entre outros.

Este mesmo autor retoma os estudos de Say, entre 1815 e 1839, que afirmou o conceito de empreendedor como sendo aquela pessoa que criava e conduzia projetos. Desde aquela época já se tinha indícios da ligação do termo empreendedor apenas no âmbito de um novo negócio comercial. Entretanto, Drucker (1986) discute que os recursos para os empreendimentos deveriam sim ser “econômicos”, mas não atrelava a aplicação desses recursos a nenhuma área, nem a um objetivo financeiro necessariamente. Dessa forma, os empreendimentos visam um rendimento, que pode ser expresso como um lucro, uma melhora no rendimento da educação, da saúde, de uma atividade, serviço ou processo, etc.

Alguns autores preferem ainda distinguir o empreendimento social do comercial, como é o caso de Gawell (2013). Para a autora o empreendedorismo social está ligado principalmente às necessidades da sociedade, e pode ser desenvolvido por motivos de cunho filantrópico, como tradicionalmente se vê meios de caridade na sociedade, ou de cunho idealista, baseado na busca do bem-estar social comum. A identificação de oportunidades neste caso ocorre a partir de uma carência presente na sociedade, e o ganho/rendimento está no sucesso dos empreendimentos que dão conta de suprir essa carência ou parte dela. Como exemplo de empreendimentos sociais a autora cita a luta contra a pobreza, contra as condições de educação e saúde, o empoderamento de grupos vulneráveis e até as organizações que abrigam pessoas sem-teto.

O GEM, *Global Entrepreneurship Monitor*, é um programa de pesquisa de abrangência mundial, fundado em 1999, que tem como finalidade aprofundar o conhecimento

sobre as questões relacionadas ao empreendedorismo no mundo todo (INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE, 2011).

De acordo com esse órgão o empreendedorismo pode ser identificado de duas formas no que diz respeito a motivação, ou seja, as condições do ambiente em que o indivíduo vive que impulsionaram a atividade empreendedora. O empreendedorismo pode ocorrer por oportunidade ou por necessidade das pessoas ou grupos. Como explica o relatório do GEM:

Os empreendedores por necessidade são aqueles que iniciam um empreendimento autônomo por não possuírem melhores opções de trabalho, abrindo um negócio a fim de gerar renda para si e suas famílias. Os empreendedores por oportunidade optam por iniciar um novo negócio mesmo quando possuem alternativas de emprego e renda, ou ainda, para manter ou aumentar sua renda pelo desejo de independência no trabalho. (GEM, 2012, p.14)

Sendo assim, o interessante é que os países consigam diminuir as taxas de empreendedorismo ocasionado por necessidade e aumentem o empreendedorismo por oportunidade, uma vez que este último revela melhores condições sociais e econômicas da sociedade.

Filion (1999) também se refere a esses dois tipos de empreendedorismo como sendo voluntário e involuntário no empreendedorismo por oportunidade e por necessidade respectivamente. A maioria dos estudiosos do empreendedorismo contentam-se com essa divisão feita pelo GEM - empreendedorismo motivado por necessidade X por oportunidade - porém, alguns autores acrescentam o empreendedorismo inercial à essa divisão. Segundo Dantas (2011), o empreendedorismo inercial é aquele geralmente representado pelas empresas que passam de pai para filho, ou seja, o ambiente é favorável para que isso aconteça, independente da capacidade empreendedora do herdeiro, que simplesmente assume o projeto que está em andamento. Em outras ocasiões esse movimento se dá não pelo parentesco, como no exemplo dado acima, mas por afinidade nas relações existentes.

No relatório de 2012 do GEM no Brasil, pode-se ver um aumento da taxa de empreendedorismo motivado pela oportunidade, sendo esta, mais do que o dobro em relação à taxa de empreendedorismo motivado pela necessidade. A proporção apresentada dos empreendedores motivados pela oportunidade segundo a última versão deste relatório é de 69,2%.

O GEM ainda reafirma o que alguns autores já disseram anteriormente, que uma atuação social com perfil empreendedor reflete em transformações econômicas, sociais e ambientais, estando diretamente ligada ao desenvolvimento do ser humano e de sua qualidade de vida.

No que tange a motivação para o empreendedorismo, além dos tipos apresentados, referentes a condição externa, que na maioria das vezes independe exclusivamente dos sujeitos, pode-se constatar variações de motivação relacionadas com fatores intrínsecos ao indivíduo.

As motivações que fazem com que uma pessoa seja um empreendedor, estão ligadas a múltiplos fatores, que podem ser internos ou externos a ele, ou seja, as condições sociais, econômicas, ambientais, características pessoais, ou ainda, diversos destes influenciando juntos o empreendedor potencial. (DORNELAS, 2008).

Quando se discute sobre os fatores intrínsecos da pessoa, faz-se menção ao âmbito comportamental, ou como muitos autores chamam, ao perfil do empreendedor.

Max Weber desde 1930 apontava a liderança, a inovação e a independência como características de um perfil empreendedor. McClelland, na década de 60 acrescenta à essas características a necessidade de realização do indivíduo, que fica sempre motivado a trabalhar no que gosta. Características como gostar de assumir responsabilidades, não gostar de trabalho repetitivo e rotineiro, possuir alto nível de energia, alto grau de perseverança, forte imaginação, e disposição a correr riscos calculados e planejados, também são características que compõem um perfil empreendedor segundo Birley e Muzyka (2001).

Fillion (1999) relata que houve uma época após McClelland que uma vertente comportamentalista dominou os estudos sobre empreendedorismo até os anos 80, na busca de delinear um perfil empreendedor. Na figura 1 abaixo segue uma relação com as características que ele mais encontrou na literatura atribuídas aos empreendedores:

Figura 1 – Características mais frequentemente atribuídas aos empreendedores pelos comportamentalistas.

Características dos Empreendedores		
Inovação	Otimismo	Tolerância à ambiguidade e à incerteza
Liderança	Orientação para Resultados	Iniciativa
Riscos moderados	Flexibilidade	Capacidade de Aprendizagem
Independência	Habilidade para conduzir situações	Habilidade na utilização de recursos
Criatividade	Necessidade de realização	Sensibilidade a outros
Energia	Autoconsciência	Agressividade
Tenacidade	Autoconfiança	Tendência a confiar nas pessoas
Originalidade	Envolvimento a longo prazo	Dinheiro como medida de empenho

Fonte: FILION, 1999, p.9, *apud*, HORNADAY (1982); MEREDITH, NELSON & NECK (1982); TIMONS (1978).

Alguns autores, como Hisrich e Peters (2004), e Dornelas (2008), admitem uma classificação do comportamento empreendedor trazida por Leite (2000). Este autor separa os comportamentos do empreendedor em três blocos: a realização, o planejamento e o poder. Nos comportamentos do grupo da realização estão a iniciativa, o cálculo de riscos, o foco, comprometimento, a qualidade e eficiência das atividades, entre outros ligados a colocar em prática o empreendimento. No segundo bloco, do planejamento, estão às atividades que precedem a realização, entre elas a busca de informações, o estabelecimento de metas, objetivos e o desenho das atividades como deverão ser executadas, além do monitoramento sistemático durante a realização. O bloco das ações relacionadas ao poder, compreende a autoconfiança, a independência, a persuasão e às redes de contatos necessárias para viabilizar o empreendimento.

Dantas (2011) enfatiza ainda a realização e necessidade de ascensão profissional ou pessoal como a motivação acima de qualquer outra. Explica que o empreendimento, na maioria dos casos, passa a ser o objetivo principal do indivíduo, e torna-se uma extensão dele mesmo. O sucesso do empreendimento está dessa forma relacionado com o sucesso do empreendedor, que por sua vez, deseja a ascensão do empreendimento, representando seu desejo de ascensão pessoal ou profissional.

Filion (1999), apesar dos esforços, destaca que não foi possível estabelecer um perfil psicológico absolutamente científico do empreendedor. As razões atribuídas para tanto são diversas, como por exemplo, as diferentes amostragens e população dos estudos, e os contextos particulares em que estão inseridos.

Com isso, uma das conclusões que pode ser tirada a respeito das características dos empreendedores é que eles são protótipos do ser social, ou seja, são produtos do ambiente em que vivem, refletindo as peculiaridades de sua criação, cultura, hábitos, religião, espaço, tempo, entre outros, tornando arriscada a tarefa de definir de fato um perfil psicológico exato e único para o empreendedor.

Em relação ao local/ambiente em que um empreendimento pode se desenvolver, também é possível encontrar na literatura uma divisão dos contextos. O empreendedorismo está presente na sociedade da forma mais tradicionalmente conhecida, ou seja, empreender, inovar em um novo espaço. Entretanto pode também acontecer dentro de organizações já existentes, através dos participantes dessa organização. Esta última opção

chama atenção de muitos estudiosos da área, que passaram a chamá-la de Intra Empreendedorismo, Empreendedorismo interno, ou ainda Empreendedorismo corporativo, que será discutido adiante.

Em última análise, o empreendedorismo é um fenômeno estudado por diversas áreas do conhecimento, o que agregou certa dificuldade na construção de definições que contemplassem todos seus aspectos.

Pode ser definido de modo mais amplo como o ato de identificar uma oportunidade, idealizar ações, e realizá-las de forma inovadora, agregando valores não necessariamente financeiros à sociedade. Na contramão do que diz o senso comum, o empreendedorismo não significa apenas a abertura de um negócio/empresa, e está atrelado também a qualquer inovação referente a um produto, serviço, melhorias de processos, solução de problemas, entre outros (DRUCKER, 1986; FILLION, 1999; DORNELAS, 2008; DANTAS, 2013).

Os crescentes investimentos em todo mundo na promoção do empreendedorismo na sociedade estão diretamente ligados aos resultados positivos que trazem não só para a economia, como também para o desenvolvimento social. No Brasil, foi constatado um aumento na atividade empreendedora ocasionado pela oportunidade, ou seja, pela escolha do indivíduo diante de uma situação identificada como propícia, o que aponta para maior prática voluntária do empreendedorismo e melhores condições de vida da população, segundo relatório do GEM de 2012. O perfil empreendedor não constitui características determinadas em um padrão comportamental devido às dificuldades do delineamento dessas características, que são fortemente influenciadas pelos contextos onde as pesquisas foram realizadas.

No próximo capítulo, será discutido o empreendedorismo interno, ou seja, aquele desenvolvido por colaboradores dentro de uma organização. Essa discussão se faz necessária afim de dar mais um passo em direção ao estudo proposto neste trabalho.

3. EMPREENDEDORISMO INTERNO

O termo Empreendedorismo Interno ou Intra Empreendedorismo foi usado pela primeira vez por volta de 1978 com Gifford Pinchot III, referindo-se a ação empreendedora que ocorre dentro de uma organização já existente. O intra empreendedor para ele seria aquele que utiliza sua criatividade e talento para conduzir projetos de caráter empreendedor dentro de uma organização a qual pertence. (ESTEVAM, 2012).

Na época em que Pinchot começou a estudar o empreendedorismo, as ideias sobre a acelerada dinâmica do mercado e a globalização estavam a todo vapor.

Pinchot III (1985) relata a necessidade das grandes empresas se reinventarem sempre no mercado de trabalho visando suprir as novas necessidades geradas pela concorrência e pela aquisição de novos conhecimentos. A velocidade das informações, das descobertas, e da realidade de mercado acelerada, clamava por atitudes empreendedoras que inovassem nos produtos e serviços. É neste contexto que o autor sugere a transição da época, conhecida como a Era da Informação, para a Era da Inovação.

A Era da Informação teve seu início após a Revolução Industrial, e foi marcada por invenções como os microprocessadores, a fibra ótica e os computadores pessoais (PINCHOT III, 1985). Esta era representou o desenvolvimento de tecnologias e a rápida divulgação das mesmas, que atrelada a globalização, passou a integrar um quadro em que a concorrência de mercado era acirrada.

Como analisava o autor:

A experiência mostra que as empresas bem-sucedidas são aquelas que *iniciaram* mudanças em tecnologia, marketing ou organização e conseguiram *manter uma liderança* em mudança em relação aos concorrentes. Portanto, os empreendedores são necessários não somente para iniciar novos empreendimentos em pequena escala, mas também para dar vida às empresas existentes...(PINCHOT III, 1985, p.5)

Desde a década de 80 que grandes empresas como a GE, 3M, Volvo, The Economist, Texas Instruments, entre outras, já assumiam a postura de incentivo do empreendedorismo em seus funcionários (PINCHOT III, 1985; DORNELAS 2003).

O caráter dinâmico do mercado, portanto, trouxe o intra empreendedorismo para dentro das práticas organizacionais em empresas que pretendiam manter-se vivas e fortes no mercado de trabalho. Os estudos dessa área voltaram-se em grande medida para o

entendimento de como ocorre o processo intra empreendedor (DE PAULA, SANTOS e SILVA, 2011).

Para que o empreendedorismo interno aconteça é preciso que a empresa incorpore de fato o incentivo deste processo em suas políticas organizacionais e práticas. O funcionário deve ter total condições no ambiente empresarial para desenvolver suas ideias de inovação e executá-las. (DANTAS, 2011)

Esta prática organizacional estimula as capacidades inovadoras dentro das organizações, afim de despertar nos colaboradores o interesse em desenvolver empreendimentos em parceria com a organização da qual fazem parte (DE PAULA, SANTOS e SILVA, 2011; DORNELAS, 2003). Este estímulo é expresso em ações como por exemplo o reconhecimento profissional, a concessão de maior autonomia dentro do processo de trabalho, premiações, e quaisquer outras estratégias traçadas pelas organizações que incentivem seu funcionário a inovar no ambiente de trabalho.

A maior dificuldade encontrada no processo intra empreendedor é o equilíbrio entre funcionário e empresa, pois ao mesmo tempo que o funcionário quer maior autonomia e independência para atuar, as empresas ficam receosas de fornecerem essa liberdade e cheguem ao caos e descontrole das atividades desenvolvidas (PINCHOT III, 1985). O que estudos apontam é justamente o oposto disso, ou seja, que quanto maior for o grau de independência e liberdade do funcionário, mais pode ser identificado a cooperação e o empenho do mesmo nas atividades organizacionais (PINCHOT III, 1985; DORNELAS, 2003).

Lizote *et al* (2013) discute sobre a importância das ações pertencentes a política organizacional promover o empreendedorismo interno. O interessante é que haja uma mudança gradativa na cultura empreendedora da organização. As pessoas precisam sentir uma base segura para poder então calcular e assumir os riscos do empreendimento, e isto ocorre quando sentem que o processo de intra empreendedorismo faz parte daquela organização, quando a liderança organizacional viabiliza as condições da ação empreendedora dos membros, e proporciona a base esperada para diante disso poder empreender (ESTEVAM, 2012).

Drucker (1986) afirma que a cultura organizacional que estimula o espírito empreendedor dentro do trabalho, instiga seus funcionários a buscar sempre a inovação, seja de um produto, da melhor maneira de desenvolver algo ou aperfeiçoar um processo, o que leva o funcionário a ter maior dedicação e comprometimento com o trabalho desenvolvido na empresa.

Pinchott (1985) acrescenta que o intra empreendedorismo é um estado de espírito, ou seja, cabe às condições disponíveis aos funcionários proporcionarem ou não o desenvolvimento das características comportamentais de um intra empreendedor.

Quando este autor refere-se ao intra empreendedorismo enquanto “estado” de espírito, confere o caráter momentâneo, ou seja, não permanente deste estado. Assim, os indivíduos podem ser intra empreendedores em determinada situação, e não agirem da mesma forma em outra, de acordo com a viabilidade dada pela organização e do seu empenho naquela atividade.

O empreendedorismo interno vem também para afirmar que o funcionário não precisa ser empreendedor de um negócio próprio para alcançar a realização profissional. Em muitos casos, o intra empreendedorismo permite a retenção de talentos profissionais dentro das organizações, tamanha a realização pessoal e profissional que o indivíduo sente, “vestindo a camisa da empresa” – como se fala na linguagem informal – e direcionando seus esforços para o desenvolvimento da empresa e de sua carreira dentro dela (DORNELAS, 2003; PINCHOT III, 1985; ESTEVAM, 2012).

Pinchot III (1985) indica quais seriam para ele os dez mandamentos do intra empreendedor para desempenhar esta atividade com eficiência: (PINCHOT III, 1985, p.17)

- 1) Vá para o trabalho a cada dia disposto a ser demitido.
- 2) Evite quaisquer ordens que visem interromper seu sonho.
- 3) Execute qualquer tarefa necessária a fazer seu projeto funcionar, a despeito de sua descrição de cargo.
- 4) Encontre pessoas para ajudá-lo.
- 5) Siga sua intuição a respeito das pessoas que escolher e trabalhe somente com as melhores.
- 6) Trabalhe de forma clandestina o máximo que puder – a publicidade aciona o mecanismo de imunidade da corporação.
- 7) Nunca aposte em uma corrida, a menos que esteja correndo nela.
- 8) Lembre-se de que é mais fácil pedir perdão do que pedir permissão.
- 9) Seja leal às suas metas, mas realista quanto às maneiras de atingi-las.
- 10) Honre seus patrocinadores.

Outro conceito importante emergente do ato de intra empreender, é a visão empreendedora. Entende-se por visionista a capacidade de visualizar, imaginar, e com isso por em prática a atividade que se pretende desempenhar. Visualiza-se os meios para alcançar os objetivos do empreendimento (PINCHOT III, 1985; FILION, 2004). Os visionistas preveem as possíveis barreiras e encaminham as ações pensando em desviar-se delas, o que Pinchot (1985, p.30) chamou de “sonhar com olhos abertos”.

Por outro lado, Filion (2004) reafirmou que a capacidade prática do empreendimento é possibilitada por meio dos visionistas, mas destacou uma diferença entre visionistas e visionários, em que os visionários focalizam a visão geral e central do empreendimento, mas não o passo a passo, ou seja, as tarefas que precisam ser feitas para o alcance do objetivo central. Desta forma se estabelece a relação em que os visionários do empreendimento precisam dos visionistas para o sucesso da nova ideia.

É importante destacar neste momento o trabalho em equipe, que aparece em diversas referências sobre o intra empreendedorismo. O intra empreendedor deve saber trabalhar em equipe, cercado-se dos melhores profissionais capazes de lhe ajudar nas atividades planejadas, mas ao mesmo tempo, não pode esquecer-se que o visionista do empreendimento é ele, ou seja, muitas vezes terá que lidar com a descrença em seu empreendimento por parte das outras pessoas, uma vez que nem todos conseguirão ter a mesma visão que ele tem do desenvolvimento do projeto. Além disso, a cultura da grande parte das empresas tem o trabalho multidisciplinar em equipe no centro de suas atividades, e o intra empreendedorismo está inserido também dessa forma, visando a complementaridade dos setores e o trabalho conjunto para desenvolver as inovações (DORNELAS, 2008; PINCHOT III, 1985; ESTEVAM, 2012).

Um ponto negativo encontrado sobre o empreendedorismo interno é que em algumas organizações em que as políticas de incentivo ao comportamento empreendedor corporativo não foram bem estruturadas, pode-se encontrar um estímulo da concorrência e competição excessiva entre os funcionários, criando um clima nada favorável ao desenvolvimento das inovações, e até mesmo ao desenvolvimento das atividades comuns antes realizadas, abalando fortemente o trabalho em equipe. (DANTAS, 2011)

A relação a quais pessoas podem empreender dentro de uma organização, a literatura mostra que qualquer colaborador que queira inovar, que esteja motivado a empreender uma ideia. Como citado por Estevam (2012), o intra empreendedor não nasce pronto, as características do perfil empreendedor são desenvolvidas ao longo do tempo, e cabe também à organização contribuir para essa formação. Dornelas (2003, p.59) afirma que “as pessoas querem ser reconhecidas e admiradas...querem deixar um legado”, e prega que a empresa que sabe utilizar essa motivação interna pessoal, é capaz de desenvolver grandes intra empreendedores.

A liderança organizacional empreendedora aparece neste contexto como parte fundamental do desenvolvimento do empreendedorismo interno, uma vez que esta figura dentro da instituição permitirá ao colaborador a união da visão com a ação, fornecendo

subsídios para que o funcionário tenha todas as condições necessárias para identificar as oportunidades que poderão surgir, vislumbrar os encaminhamentos, e agir em prol do seu acontecimento (PINCHOT, 1985; ESTEVAM, 2012).

Por fim, a discussão acerca do fenômeno do empreendedorismo interno se faz necessária na medida que expressa a realidade do mercado de trabalho atualmente. Cada vez mais as organizações de modo geral, sendo elas empresas comerciais, indústrias ou instituições de saúde, educação, etc, precisam se reinventar diariamente visando o enfrentamento das concorrências do mercado, ou mesmo enfrentamento das dificuldades inerente ao dia a dia no trabalho.

Por essa razão a cultura do intra empreendedorismo cresce dentro das empresas e também dentro do campo do conhecimento do empreendedorismo, e a cada vez mais o mercado exige profissionais preparados para atuar de forma empreendedora e qualificada.

Da mesma forma como o empreendedorismo aparece atrelado ao desenvolvimento econômico e social da população, o intra empreendedorismo está relacionado com o desenvolvimento da organização e da sociedade com ela envolvida. Essa característica do empreendedorismo de proporcionar desenvolvimento nos locais onde é empregado, reafirma a necessidade de investimento em estudos e pesquisas nesta área, principalmente no que diz respeito a estimular a formação e a prática empreendedora nos indivíduos e nos grupos.

Por essa razão, o próximo capítulo dedica-se a análise de como vem sendo feito a formação dos indivíduos, ou seja, a educação empreendedora atualmente.

4. PROCESSO DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

O ensino do empreendedorismo, chamado também de Educação Empreendedora, é diferente do ensino de uma teoria, por exemplo, pois este processo envolve o aprendizado de conhecimentos, habilidades, atitudes e qualidades (LOPES, 2010). Por se tratar de conteúdos diferentes, a maneira como ela deve ocorrer também deve ser diferente do ensino tradicional, utilizando metodologias que levem o aluno ao contato com a realidade prática do empreendedorismo.

“Assim, essa educação enfatiza o uso intenso de metodologias de ensino que permitam *aprender fazendo* e se caracteriza por isso, pois o indivíduo se defronta com eventos críticos que o forçam a pensar de maneira diferente, buscando saídas e alternativas, ou seja, aprendendo com a experiência, com o processo.” (LOPES, p.29, 2010).

No Brasil, o autor Dolabela (2003) discute a respeito da chamada Pedagogia Empreendedora como sendo a alternativa para o estabelecimento de uma proposta coletiva do futuro esperado/traçado pela própria comunidade. Neste modelo, a escola ocupa o palco central das atividades onde a aprendizagem ocorrerá, e onde a comunidade participa de maneira ativa, tanto no papel de educadora, como na posição de educanda. A construção do conhecimento é conjunta e ultrapassa a transferência de conhecimentos apenas, na medida em que constantemente os indivíduos constroem e reconstroem seu papel na sociedade, modificando a si mesmo e à comunidade em que ele vive.

Ao pensar na escola como palco principal deste processo, e chamá-lo de Pedagogia Empreendedora, ao invés de Educação Empreendedora, Dolabela (2003) traz a ideia de um trabalho que deve ser iniciado desde a infância, dentro dos colégios de ensino fundamental, e atribui essa importante escolha a necessidade de manutenção da cultura empreendedora no Brasil.

Destaca ainda que antes de se tentar manter uma cultura empreendedora no Brasil, é necessário que seja criada uma cultura empreendedora tipicamente Brasileira, fato que ele defende ainda não ter ocorrido no Brasil, que por sua vez utiliza-se de modelos

importados de outros países que veem, já há alguns anos, construindo sua cultura empreendedora (DOLABELA, 2003).

Lopes (2010) também defende a importância da Educação Empreendedora acontecer desde a infância, acrescentando que os objetivos deste aprendizado se altera conforme as idades, e que o grande desafio para a Educação Empreendedora de adultos, é desconstruir experiências de sua formação e cultura, que o aprisiona em determinados comportamentos e habilidades.

Segundo Lopes (2010, p. 18), “desde cedo as habilidades pessoais relacionadas com o empreendedorismo devem ser enfocadas pelas escolas e mantidas até o nível superior”. Esta afirmação da autora também carrega em si o pressuposto de que o empreendedorismo é fundamental ao desenvolvimento econômico e social de um país, e por isso pode-se encontrar no mundo todo, ações de investimento na Educação Empreendedora já há alguns anos.

O relatório GEM do ano de 1999 aponta que a Alemanha vinha implementando um número crescente de programas que destinam recursos financeiros e apoio na criação de novas empresas; o Reino Unido assumiu a necessidade em 1998 de se desenvolver uma série de iniciativas para intensificar o empreendedorismo no país; a Finlândia, em 1995, lançou o decênio do empreendedorismo, um rol de ações que visava estimular uma sociedade empreendedora; na França, encontramos no relatório uma grande iniciativa para promover o ensino do empreendedorismo nas universidades e também a criação de incubadoras de pequenas empresas.

Como já apontava Drucker em 1986, a economia norte-americana seria o maior exemplo da força empreendedora, estimulou-se a criação de inúmeras empresas e com isso milhões de novos empregos, alcançando um extraordinário crescimento econômico no país.

Nos Estados Unidos o número de universidades que oferecem cursos sobre empreendedorismo evoluiu de 10 para 1.068 entre os anos de 1967 e 1998 (DOLABELA, 1999), e no Canadá, o propósito de ensinar empreendedorismo nas universidades é de estimular o desenvolvimento de ideias, atitudes empreendedoras, talentos e habilidades, não visando apenas a abertura de novas empresas, indicando aos estudantes uma variedade de aplicações dessas ideias, segundo Andrade e Torkomian (2001), pesquisadores do SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – e da UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos).

Na África, especificamente em Moçambique, também foi possível encontrar uma experiência de aplicação de um modelo curricular em escolas profissionais, e entre os resultados encontrados estavam o objetivo alcançado de desenvolver atitudes e

comportamentos empreendedores nos alunos, e a médio prazo já era possível identificar uma melhora socioeconômica da comunidade onde foi realizada a experiência (CASTRO e MACHADO, 2011).

A partir do pressuposto de que é possível desenvolver o perfil empreendedor nos indivíduos, e na contramão da ideia de que para ser empreendedor é preciso nascer com traços de personalidade distintos, é que muitas empresas e universidades investem hoje em espaços de desenvolvimento, treinamentos e disciplinas que discutem o empreendedorismo, tentando incentivar esta prática. (SANTOS, CAETANO e CURRAL 2010).

No Brasil, uma maior preocupação com o empreendedorismo surgiu com a criação de instituições como o SEBRAE em 1972, e outros órgãos de fomento à pesquisa e ao desenvolvimento de empreendimentos, que passaram a incentivar a abertura de pequenos negócios. Após esse período, com o desenvolvimento de práticas empreendedoras ao redor do mundo, os centros de formação superior tiveram suas atenções voltadas para este fenômeno. Houve a criação de incubadoras e começou a delinear-se o ensino do empreendedorismo na década de 80, ainda em pequena escala, para somente na década de 90 surgir maiores investimentos em programas de treinamento e capacitação para empreendedores (MARTENS e FREITAS, 2008).

A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), é uma das instituições Brasileiras que escolheram promover a cultura do empreendedorismo desde muito cedo nos alunos, como conta o reitor José Tadeu Jorge (JORGE, LOTUFO e CORTEZ, 2007), quando afirma que a Unicamp é hoje uma das maiores fontes de pesquisa do mundo, e que isso se deve muito a uma cultura agressiva de captação de recursos através de ideias e ações empreendedoras. Levanta também a importância da presença de empresas juniores no ambiente universitário para a promoção do empreendedorismo nos alunos.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Ferreira e Mattos (2003) divulgaram em estudo sobre as práticas didáticas no curso de graduação em administração, que as empresas juniores permitem aos alunos assumir riscos primeiramente amparados por um professor orientador responsável, e que aos poucos confiam maior autonomia aos alunos para assumirem riscos de projetos sozinhos.

Outro ponto importante das incubadoras júnior é que atendem projetos de empresas que estão no mercado de trabalho, o que fornece maior preparo e conhecimento sobre a realidade do mercado, pois muitas vezes apenas aulas teóricas, por mais que os professores tragam relatos próprios de experiência, não são suficientes para preparar este aluno para a dinâmica real do trabalho.

Além disso, os alunos participantes dessas empresas juniores, chamadas também de incubadoras, desenvolvem a atitude empreendedora na medida em que precisam ter ideias, criar projetos e manejos específicos, e não apenas reproduzir um conhecimento aprendido.

Também em algumas universidades, foram encontradas na composição da matriz curricular, disciplinas sobre empreendedorismo. A respeito disso, encontramos autores que enfatizam a importância dessas disciplinas estarem ligadas a uma cultura empreendedora geral na instituição, seja esta estimulada também por parte dos diretores das universidades, coordenadores de curso e professores; e ainda, que as disciplinas sobre empreendedorismo não devem ser isoladas do programa do curso, sendo fundamental haver relação com outras disciplinas e ter continuidade ao longo dos demais semestres (ANDRADE E TORKOMIAN, 2001).

Por fim, a Educação Empreendedora pode ser vista como um caminho possível em direção ao crescimento e desenvolvimento econômico, social e conseqüentemente da qualidade de vida da sociedade onde a atividade empreendedora é estimulada e praticada. Pensando nisso é que diversos países investem no empreendedorismo desde muito cedo na sociedade, como foi citado anteriormente.

No Brasil, entretanto, este estímulo ao empreendedorismo ainda pode ser considerado pequeno, apesar dos esforços de algumas instituições de ensino para que essa atividade cresça no país (LOPES, 2010). Além disso, pouco se sabe sobre a maneira como vem sendo feito este estímulo, já que foram encontrados poucos estudos sobre educação empreendedora no Brasil que relatassem experiências e resultados, fato que impulsionou o interesse pelo tema deste trabalho.

5. METODOLOGIA

5.1. NATUREZA DO ESTUDO

Para que se cumpram os objetivos propostos na introdução deste trabalho, buscou-se escolher os métodos mais adequados ao tipo da pesquisa.

Este trabalho foi realizado em duas etapas, sendo a primeira de levantamentos de dados, primários e secundários, a respeito do empreendedorismo, cursos que oferecem disciplinas e instituições de ensino superior envolvidas, e uma segunda etapa que consistiu um estudo de caso.

Segundo Yin (2005), o estudo de caso é uma investigação empírica sobre determinado assunto, inserido em determinada realidade, sendo necessário para tanto que haja planejamento para este estudo, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos. Constitui-se em um estudo que é ao mesmo tempo único, focado no objeto (caso) e múltiplo, na medida em que os métodos poderão ser replicados por outros pesquisadores deste objeto em outros contextos. Este autor acrescenta ainda que o estudo de caso é um tipo de pesquisa amplamente utilizado nas áreas das ciências biomédicas e sociais.

As pesquisas de campo podem ocorrer basicamente de 3 maneiras, segundo seus objetivos: *experimental*, *quantitativo-descritivo*, e *exploratório*. O tipo experimental é aquele em que “[...]o objetivo principal é o teste de hipóteses que dizem respeito a relações de causa-efeito.” (MARKONI; LAKATOS, 2008, p. 86); o quantitativo-descritivo tem como “[...]principal finalidade o delineamento ou análise das características de fenômenos, a avaliação de programas ou o isolamento de variáveis principais ou chave”, (MARKONI; LAKATOS, 2008, p. 84); e no tipo exploratório, a pesquisa empírica busca formular questões ou um problema, “[...]com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarear conceitos.” (MARKONI; LAKATOS, 2008, p. 85).

Portanto, de acordo com os conceitos levantados acerca dos métodos de pesquisa, delineou-se um estudo de caso, de caráter exploratório, que foi viabilizado através dos procedimentos descritos nesta metodologia.

Estão sendo tomados os seguintes cuidados metodológicos:

- utilizar instrumento já testado, validado, e utilizado recorrentemente por pesquisadores da área do empreendedorismo. Este instrumento está nos Apêndices E e F (p.

80 e p. 83) deste trabalho e foi desenvolvido por Dornelas (2003), pesquisador reconhecido na área e autor de vários livros acerca do empreendedorismo.

- limitar, após a definição dos indicadores e mapeamento conceitual, a escolha das variáveis a serem pesquisadas;
- não estabelecer relações causais diretas, nem afirmar generalizações, mas possíveis tendências correlacionais, que podem estar permeadas de processos e variáveis não identificados ou intangíveis.

5.2. LOCAL DA PESQUISA

Após a revisão bibliográfica sobre o tema, escolheu-se o local da pesquisa, a cidade de Ribeirão Preto, por duas características principais.

Primeiramente por ser um polo educacional que conta com 10 universidades, além dos cursos de pós-graduação, e por ser o centro da região que mais se desenvolve no Brasil, sendo este desenvolvimento baseado na diversificação da economia e da qualidade de vida, segundo dados da Prefeitura Municipal da cidade de Ribeirão Preto. Além disso, mais de 80 municípios fazem parte da região, chegando a 3 milhões de habitantes, e a renda per capita corresponde ao dobro da média brasileira. A Prefeitura de Ribeirão Preto, juntamente com o SEBRAE, SINCOVARP e Casa do Contabilista, disponibiliza atendimento para os cidadãos que pretendem ser empreendedores, chamado de “sala do empreendedor”, com a justificativa de ser uma cidade aonde o empreendedorismo vem registrando forte contribuição para o desenvolvimento da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO, 2013).

5.3. POPULAÇÃO E AMOSTRA

O tipo de amostragem utilizada foi intencional, como define Marconi e Lakatos (2008), a amostragem intencional é aquela em que o pesquisador está interessado nas informações de determinados elementos da população. O pesquisador não se dirige à “massa” da população, mas sim, àqueles que são julgados adequados dentro de um contexto específico.

Para isso, através da pesquisa de dados secundários, realizada entre os cursos que disponibilizavam a matriz curricular na internet, foram levantados os cursos de graduação das instituições de ensino da cidade de Ribeirão Preto que possuíam a disciplina de empreendedorismo.

Para garantir maior homogeneidade na amostra, foram excluídas as faculdades públicas da cidade de Ribeirão Preto uma vez que o contexto do ensino público e privado possuem características particulares.

Os cursos encontrados neste quadro, que se encaixavam no perfil estipulado anteriormente, foram então contatados para autorização da pesquisa. Ao todo foi possível realizar esta pesquisa em 2 instituições de ensino superior, sendo investigados 31 cursos, nos quais somente 8 possuíam disciplinas voltadas ao desenvolvimento do empreendedorismo.

Cada coordenador dos cursos participantes foram entrevistados, e logo em seguida, era marcado o mesmo procedimento com os professores que ministravam as disciplinas relacionadas ao ensino do empreendedorismo.

Nas entrevistas com coordenadores e professores, foram levantados os alunos que haviam concluído as disciplinas de empreendedorismo, e agendado um dia para coleta de dados com os alunos que concordassem em responder à pesquisa.

Todas as informações obtidas foram devidamente autorizadas pelas instituições de ensino superior, e por seus coordenadores, presente no Apêndice A deste trabalho (p. 74)

Os critérios de inclusão na amostra previamente selecionado foi:

- Coordenadores dos cursos que possuem na matriz curricular a disciplina de empreendedorismo;
- Professores das disciplinas que discutem conteúdo sobre o empreendedorismo;
- Alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação que têm como objetivo o ensino empreendedor, e que estão aprovados nestas disciplinas até o segundo semestre de 2013.

Em relação aos critérios de exclusão da amostra tem-se:

- Coordenadores dos cursos que não na matriz curricular a disciplina de empreendedorismo;
- Professores que não lecionam aulas sobre empreendedorismo nas instituições de ensino superior;
- Alunos egressos dos cursos de graduação das instituições de ensino superior;
- Alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação que possuem como objetivo o ensino empreendedor, porém que ainda não cursaram as disciplinas sobre o empreendedorismo ou não estão aprovados nas mesmas.

Ao todo a amostra desta pesquisa contou com: 10 coordenadores e professores, e 57 alunos. Os entrevistados foram: coordenador e professor da Administração da U.1., coordenador e professor da Administração da U.2., coordenador e professor da Ciências

Contábeis, coordenador e professor da Engenharia de Produção, coordenador e professor de Sistemas de Informação, coordenador e professor de Engenharia da Computação, e coordenador de Superior em Biotecnologia. Porém, ao invés de 13 entrevistas foram realizadas 10, pois o mesmo professor da disciplina de empreendedorismo para o curso de Engenharia de Produção, ministra a disciplina para o curso de Sistemas de Informação, e o coordenador da Administração da U.2., é o próprio professor da disciplina de empreendedorismo, não apenas neste curso como também no curso de Ciências Contábeis.

Figura 2 – Relação dos professores e coordenadores entrevistados

Cursos	Professor	Coordenador
Administração U.1.	X	X
Administração U.2.	X	X
Ciências Contábeis	X	X
Engenharia de Produção	X	X
Sistemas de Informação	X	X
Engenharia da Computação	X	X
Superior em Biotecnologia		X
Obs: As cores iguais representam o mesmo indivíduo que ocupa mais de uma função nos cursos, ou trabalha em mais de um curso.		

Fonte: elaborada pela autora.

5.4. COLETA DE DADOS

Primeiramente foi realizada uma pesquisa dos cursos das instituições de ensino superior na cidade de Ribeirão Preto que disponibilizam a matriz curricular de seus cursos na internet, e foram selecionados aqueles que continham disciplinas de empreendedorismo. Foram investigados 31 cursos e apenas 8 possuíam essas disciplinas.

A coleta de dados junto à amostra aconteceu em duas etapas. Foi realizada nas próprias instituições de ensino superior, após as devidas autorizações da comissão de ensino, pesquisa e extensão, dos coordenadores, docentes e discentes. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando com a participação na pesquisa e com utilização dos dados coletados.

Primeiramente com os coordenadores de curso e professores que estavam dentro dos critérios de inclusão da amostra da população, e em segundo lugar com os alunos que também estavam inclusos nos critérios anteriormente relacionados.

Os 31 cursos investigados pertencem a duas instituições de ensino chamadas neste trabalho de U.1 e U.2, afim de manter o sigilo das informações. Ambas representam universidades do setor privado de ensino de caráter presencial.

Junto aos coordenadores e professores, a coleta aconteceu de forma individual, e por meio de entrevista estruturada que pretendia coletar informações a respeito do ensino do empreendedorismo oferecido nos diversos cursos, e da percepção que possuíam sobre a educação empreendedora. Como mencionado no tópico referente à amostra, foram entrevistados ao todo 10 indivíduos pertencentes aos cursos de Administração da U.1., Administração da U.2, Ciências Contábeis, Engenharia de Produção, Engenharia da Computação, Sistemas de Informação e Superior em Biotecnologia. Também mediante autorização, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A entrevista sugerida durou em média 12 minutos.

A entrevista é um encontro profissional entre duas pessoas, com a finalidade de obtenção de informações por parte do pesquisador a respeito de determinado assunto. É uma técnica de coleta de dados bastante utilizada na investigação social, e apontada como excelente para obtenção de dados quando feita por um bom investigador que tome os cuidados necessários (MARCONI; LAKATOS, 2008). Gil (1999, p. 117) acrescenta que enquanto técnica de coletas de dados, “[...] a entrevista é bastante adequada para obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram”.

Ambos os autores trazem ainda que a entrevista, quando estruturada, possui um roteiro previamente estabelecido de perguntas, cuja ordem permanece igual para todos os entrevistados. Desta forma, a padronização das entrevistas estruturadas permite obter respostas às mesmas perguntas, permitindo a comparação entre as elas, além de possibilitar uma análise estatística que auxilie na comparação e interpretação das informações coletadas.

Nas entrevistas estruturadas, as perguntas eram fechadas e abertas, permitindo maior flexibilidade e abrangência da coleta dos dados, além de permitir uma análise não só quantitativa das informações, como qualitativa, referente ao conteúdo das respostas, auxiliando assim na complementação da análise de dados estatísticos.

No âmbito dos alunos, correspondente a segunda etapa da coleta, foi aplicado o instrumento “Auto-avaliação de seu perfil empreendedor” e “Auto-avaliação das habilidades empreendedoras”, validado por Dornelas (2003) e utilizado em pesquisas sobre o empreendedorismo, com o objetivo de avaliar o preparo para o empreender dos alunos. Foi aplicado junto a estes dois instrumentos um questionário, chamado de “Questionário Pessoal”, presente no Apêndice D (p. 78) o qual investigava a opinião e a percepção dos alunos em relação à educação empreendedora recebida.

No caso da coleta com os alunos, foi realizada de forma coletiva e anônima na própria instituição de ensino superior, com todos os alunos que atendessem os critérios de inclusão na amostra, convidados no dia da aplicação, e que estavam dispostos a colaborar com a pesquisa. Ao todo participaram 57 alunos, sendo 13 pertencentes a Administração da U.1., 20 alunos da Engenharia de Produção, 8 alunos de Sistemas de Informação, 1 aluno de Biotecnologia, 10 alunos da Administração da U.2., e 5 alunos do curso de Ciências Contábeis. Esta medida de aplicação presencial foi tomada para evitar que questionários fossem enviados e não fossem devolvidos respondidos em outro momento, evitando com isso, a diminuição do número de participantes da pesquisa. Além disso, a pesquisadora esteve presente na aplicação dos questionários.

O questionário, segundo Marconi e Lakatos (2008), é um instrumento que deve ser preenchido pelo colaborador investigado, constituído por uma série de perguntas ordenadas. Devem-se tomar os cuidados necessários para que no questionário constem todas as informações que o investigado precise para responder, sem a intervenção do pesquisador.

De forma mais didática, a coleta de dados ocorreu em duas etapas, como mostra o quadro abaixo:

Figura 3 – Quadro de Etapas da Coleta de Dados junto à amostra

Etapas da Coleta	Com quem? (amostra)	De que forma? (instrumentos)
1ª etapa	Professores e coordenadores de curso	Entrevistas estruturadas

2ª etapa	Alunos	Questionário Pessoal e Testes “Auto-avaliação de seu perfil empreendedor” e “Auto-avaliação das habilidades empreendedoras”,
-----------------	--------	---

Fonte: elaborado pela autora.

As variáveis foram selecionadas a partir dos objetivos do estudo e encontram-se descritas abaixo:

- Descobrir as instituições de ensino superior que promovem o ensino do empreendedorismo através de disciplinas, visando discutir a incidência deste ensino nos cursos de graduação, bem como o alinhamento dos objetivos das disciplinas com o perfil do aluno egresso;
- Investigar as estratégias de ensino utilizadas por professores nos cursos que possuem disciplinas de empreendedorismo, e avaliar a percepção que os alunos têm em relação ao seu preparo para empreender, afim de verificar se estas faculdades estão fomentando o empreendedorismo em seus alunos;
- Descobrir formas e espaços para estimular o desenvolvimento do perfil empreendedor que podem ser oferecidos pelas faculdades, buscando refletir sobre sua participação na promoção do empreendedorismo;
- Investigar a percepção dos alunos e professores em relação ao ensino do empreendedorismo da forma como se dá neste contexto.

5.5. ANÁLISE DE DADOS

A análise e interpretação dos dados após a coleta foi o próximo caminho a ser percorrido. Segundo Marconi e Lakatos (2008), a análise e a interpretação dos dados são duas atividades distintas, sendo que a análise envolve a tentativa de evidenciar relações existentes entre o fenômeno estudado e fatores investigados; já na interpretação dos dados, o pesquisador procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando a análise feita dos dados com outros conhecimentos, expondo o verdadeiro significado dos dados obtidos em relação com os objetivos propostos e ao tema.

As entrevistas realizadas com Coordenadores e Professores foram transcritas e analisadas qualitativamente, através da técnica de análise do conteúdo coletado. Por haver muitas semelhanças entre as respostas das entrevistas, não houve distinção na análise entre professores e coordenadores, sendo as mesmas analisadas em um único bloco.

Para Minayo (2001), a técnica da análise de conteúdo possibilita uma aplicação bastante variada para o pesquisador, e pode possuir duas funções: a de verificação de hipóteses ou questões, e a descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos. Acrescenta ainda que essas duas funções podem ser complementares, e podem ser aplicadas tanto em pesquisas quantitativas como qualitativas para interpretação dos dados.

Ainda sobre a técnica de análise de conteúdo, Bardin (2004, p.33):

...a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Tudo o que é dito e escrito pode ser submetido a análise de conteúdo. Mas para isso, cabe ao pesquisador pensar qual melhor estratégia para se analisar determinado conteúdo. Bardin (2004), destaca a importância de se classificar elementos de um texto ou fala, para que seja possível a comparação com outros documentos de análise. Essa classificação pode ser feita através da criação de critérios, de acordo com a necessidade de análise de cada pesquisa.

Para esta pesquisa em questão, foram estabelecidas as seguintes dimensões para classificação dos elementos encontrados nas entrevistas:

Figura 4 – Dimensões categorizadas a partir das entrevistas

	DIMENSÕES	CARACTERÍSTICAS DAS DIMENSÕES
1	Estruturação do Curso	Elementos referentes a estrutura propriamente dita do curso de graduação relacionada com o ensino do empreendedorismo, como por exemplo, informações sobre as disciplinas, projeto pedagógico do curso, carga horária, etc.
2	Importância da Educação Empreendedora para o curso	Os elementos correspondentes ao que os entrevistados pensam sobre a importância do ensino do empreendedorismo especificamente dentro do curso de graduação que coordenam ou lecionam, foram reunidos nesta dimensão.

3	Importância da Educação Empreendedora em graduação	A classificação desta dimensão baseou-se na opinião dos entrevistados em relação a importância do ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação de uma forma geral, como uma prática possível de qualquer instituição de ensino superior.
4	Realidade Brasileira	A categoria que traz os elementos relacionados com o cenário Brasileiro sobre o empreendedorismo, tanto em questão do quadro econômico atual, como a realidade encontrada no ensino empreendedor
5	Metodologias de ensino utilizadas	Nesta dimensão foram categorizados elementos que dizem respeito as estratégias de ensino e conteúdos trabalhados nas disciplinas de empreendedorismo dos cursos investigados.
6	Resultados da Educação Empreendedora fornecida	Elementos que indicam os resultados obtidos pelos alunos, após a educação empreendedora recebida foram alocados nesta dimensão.
7	Dificuldades encontradas	Esta categoria reúne as denúncias de dificuldades encontradas no âmbito do empreendedorismo. Assim como na dimensão número 4, as dificuldades encontradas referem-se tanto para o ato empreendedor em si, como no ensino discutido nas entrevistas.
8	Pretensões de mudança para o curso	Os elementos que apontavam para a vontade ou necessidade de mudança, ou mesmo novos planos a serem implantados nos cursos de graduação pesquisados, foram alocados nesta dimensão.
9	Pretensões de mudança para o empreendedorismo como um todo	Elementos referentes as ambições que os entrevistados têm em relação às mudanças do empreendedorismo de uma forma geral, olhando para a sociedade de uma forma geral.

Fonte: elaborada pela autora.

Após a transcrição das entrevistas, foram selecionados elementos-chave para a compreensão do conhecimento transmitido. Esses elementos-chave foram então alocados dentro de cada dimensão, e aceitou-se que um elemento fosse colocado dentro de uma ou mais categorias, quando houvesse necessidade.

Em relação a análise dos dados quantitativos desta pesquisa, ou seja, o questionário e instrumento de avaliação respondido pelos alunos, usou-se o guia de análise pertencente ao instrumento já validado (Apêndice E, p.80, e F p.83), e também foi utilizada a técnica de estatística descritiva simples, através do Microsoft Office Excel®, sendo relevante para esta pesquisa, a incidência, frequência, e a porcentagem de respostas nos itens objetivos. Além disso, a análise dos dados quantitativos foi apresentada por curso pesquisado, uma vez

que foram identificadas diferentes percepções sobre o ensino empreendedor realizado em cada curso.

Posteriormente, a análise quantitativa e qualitativa do conteúdo coletado foi feita, e a seguir apresenta-se a interpretação desses dados através da relação entre eles, e a comparação com a literatura.

5.6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

As limitações do estudo correspondem à barreiras encontradas na coleta dos dados e que influenciam de alguma maneira os resultados e a discussão dos mesmos.

São listadas aqui as limitações encontradas para este estudo em questão:

- não foram encontradas faculdades da área da saúde que possuíam disciplinas voltadas ao desenvolvimento do empreendedorismo;
- o curso Superior em Biotecnologia não obteve alunos suficientes para abertura de turma nova em um dos semestres do ano passado. Além disso, a disciplina de empreendedorismo é ministrada no final do curso, acarretando uma situação em que os alunos do curso que já haviam concluído a disciplina de empreendedorismo, haviam em sua maioria se formado e não estavam mais regularmente matriculados na instituição. Os alunos novatos ainda não haviam passado pela disciplina de empreendedorismo que ocorre mais para o final do curso. Consequentemente apenas 1 aluno atingia todos os critérios de inclusão da amostra e por isso a coleta foi realizada de forma muito pontual;
- no curso de Sistemas de Informação, o professor que ministrou a disciplina para a sala onde foi realizada a coleta de dados, não está mais responsável por essa função nesta instituição de ensino. O professor atualmente responsável é que foi entrevistado em seu lugar, que corresponde ao mesmo professor da disciplina de empreendedorismo para o curso de Engenharia de Produção. Ao discutir as metodologias utilizadas com os alunos do curso Sistemas de Informação, deve-se ter em mente que correspondem a metodologias de outro professor não entrevistado;
- a coleta de dados não foi realizada com o curso de Engenharia Civil, nem com o professor do curso Superior de Biotecnologia, assim como com os alunos do curso de Engenharia da Computação, devido a indisponibilidade dos respondentes dentro do tempo previsto para a coleta de dados; e

- não foi possível fazer um estudo de correlação entre as variáveis em função do pequeno número de respondentes, e da heterogeneidade da amostra, segundo os experts no assunto, pertencentes ao laboratório de TI desta universidade, deste modo as comparações foram feitas tendo como base a análise de conteúdo.

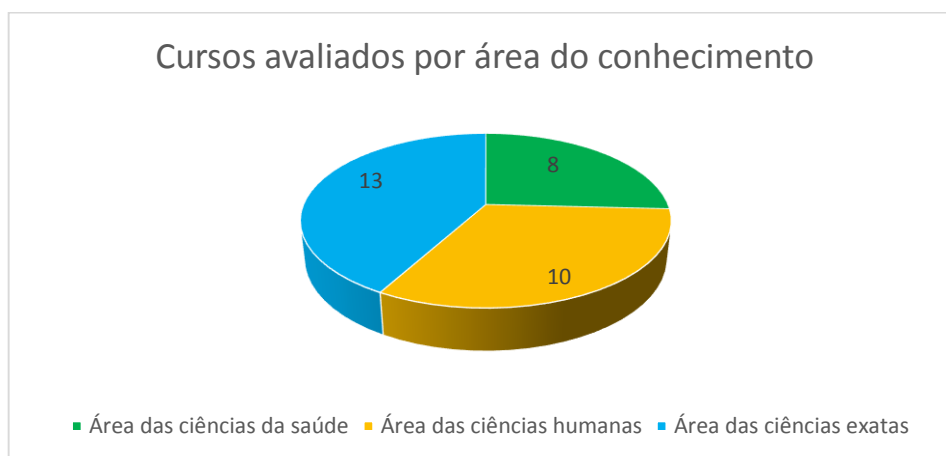
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO DO LEVANTAMENTO DE DADOS INICIAL

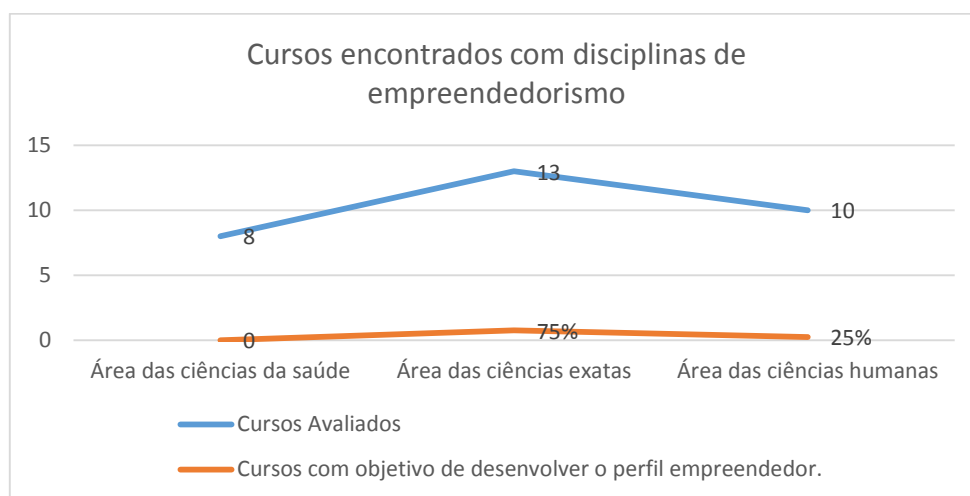
Em primeiro lugar, uma análise dos dados secundários levantados nesta pesquisa foi feita. A partir do acesso à matriz curricular de 31 cursos de graduação de instituições de ensino superior de Ribeirão Preto, pode-se constatar que apenas 8 possuíam em sua matriz curricular o objetivo de desenvolver o perfil empreendedor no aluno egresso. Isto quer dizer que 25,8% dos cursos pesquisados apenas tinham o empreendedorismo como parte da matriz curricular.

Dentre os 31 cursos de graduação, 8 pertencem à área das ciências da saúde, 10 pertencem à área das ciências humanas, e 13 à área das ciências exatas, porém, 75% dos cursos identificados com o objetivo de desenvolvimento do perfil empreendedor correspondem aos cursos da área das ciências exatas, e 25% dos cursos são da área de humanas, não havendo nenhum representante nesta amostra de cursos da área da saúde que tivessem em sua matriz curricular a disciplina de empreendedorismo.

Gráfico 1 – Cursos avaliados divididos por área



Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 2 – Cursos encontrados com disciplinas de empreendedorismo divididos por área

Fonte: elaborado pela autora.

A partir dos dados levantados é possível identificar que o empreendedorismo aparece como objetivo de ensino na grande maioria das vezes apenas nos cursos da área de exatas, sendo que nas áreas de humanas e da saúde quase não foram encontrados espaços de discussão do empreendedorismo.

A realidade desta amostra corrobora com o que diz Ferreira (2003), pois no Brasil, a educação empreendedora possui um quadro ainda muito pequeno de abrangência, e focado na maioria das vezes, na área de exatas, ou no curso de Administração da área de humanas, uma vez que a atividade empreendedora ainda aparece relacionada apenas à abertura de novas empresas. Costa (2011) aponta que o contexto Brasileiro de não estimular uma cultura empreendedora típica do país, por meio de incentivos políticos e da Educação Empreendedora, contribui muito para a desinformação da população sobre empreendedorismo, e consequentemente para a não identificação da importância desta atividade ser discutida em vários meios, aqui em especial, o acadêmico, repensado neste trabalho.

Profissionais da área da saúde e humanas constantemente tem dificuldades em administrar ou abrir seus consultórios, clínicas ou mesmo desenvolver projetos de intervenção social, já que possuem conhecimento sobre a área de atuação, mas em contrapartida faltam-lhes o conhecimento sobre a atividade empreendedora e as habilidades empreendedoras para administrar ideias e viabilizar ações (LOPES, 2010; SALA DO EMPREENDEDOR DE RIBEIRÃO PRETO, 2013).

Segundo Silva (2014), Ribeirão Preto é quarta cidade que mais formaliza microempreendedores individuais no estado de SP, ficando atrás apenas da Capital Paulista – SP, Campinas e Guarulhos.

Além disso nesta cidade existe o Parque Tecnológico de Ribeirão Preto – Fundação Instituto Pólo Avançado da Saúde (FIPASE). Um empreendimento imobiliário e tecnológico para atender as demandas das empresas das áreas da saúde e biotecnologia, mais especificamente setores como medicamentos, fármacos, cosméticos, e tecnologia da informação. A definição da área de locação do empreendimento tem vínculo com as competências da cidade de Ribeirão Preto, que é referência nacional do setor de serviços em saúde, tanto pela abundante oferta de serviços médicos, odontológicos e hospitalares, quanto pela presença de importantes centro de ensino e pesquisa nas áreas. Ribeirão Preto possui 277 estabelecimentos de saúde, sendo 59 públicos e 218 privados, que disponibilizam 2181 leitos (IBGE, 2005), isso sem contar consultórios médicos particulares.

Pensando nas profissões de saúde, abrir um consultório médico, por exemplo, ou uma clínica de atendimentos multidisciplinar, é tornar-se empreendedor. Se nessas profissões também se vivencia empreendedorismo, seria lógico que todos os cursos de graduação de ensino superior trabalhassem o perfil empreendedor dos alunos.

Os microempreendedores individuais (MEIS) são os profissionais que trabalham individualmente, autônomos que foram formalizados, sendo composto em sua maioria por eletricitistas, costureiras, barbeiros, artesãos, etc.

Na cidade de Ribeirão Preto, no espaço chamado “Sala do Empreendedor”, disponibilizado para auxiliar pessoas que querem iniciar seu próprio negócio, no ano de 2011 foram mais de 18 mil atendimentos à pessoas que buscavam informações para este fim (PREFEITURA DE RIBEIRÃO PRETO, 2013).

Os números encontrados de instituições de ensino de Ribeirão Preto que possuem a disciplina de empreendedorismo na matriz curricular, apontam para um cenário em que o empreendedorismo não é uma disciplina trabalhada nos cursos das ciências da saúde, e muito pouco nas ciências humanas, o que contradiz estudos que apontam para a necessidade de estímulo do empreendedorismo independente da área de atuação, (REDFOR, 2006) e até mesmo outros autores que defendem a inserção do ensino empreendedor desde muito cedo na vida dos indivíduos, começando no ensino fundamental e sendo estendido até o ensino superior (LOPES, 2010), defendendo a lógica de que todas as pessoas, independente da área de atuação profissional, ou mesmo idade, devem receber uma educação empreendedora, visando promover o desenvolvimento econômico e social.

A Educação Empreendedora na área de exatas parece ser mais facilmente identificável pelas pessoas, pois a maioria remete-se a abertura de novos negócios, empresas e grandes projetos, porém, nas áreas da saúde e humanas também se faz importante na medida em que esses profissionais precisarão desenvolver atividades empreendedoras, tanto para abrir seus consultórios, clínicas, escritórios, consultorias, como para o desenvolvimento de projetos, que podem ser autônomos, ou podem ser desenvolvidos dentro de organizações.

Pensando nesta direção é que este trabalho afirma, assim como encontrado na revisão bibliográfica realizada, a importância da Educação Empreendedora ocorrer no ensino universitário de todas as áreas, visando suprir a necessidade encontrada no mercado de trabalho e na sociedade de se desenvolver empreendimentos.

6.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS JUNTO À AMOSTRA

Os cursos de graduação encontrados dentro dos critérios de inclusão na amostra desta pesquisa foram: Administração (instituição de ensino U.1.), Administração (instituição de ensino U.2), Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Engenharia da Computação, Engenharia de Produção, Sistemas de Informação, e Superior em Biotecnologia, sendo os cursos de Administração os únicos representantes da área das ciências humanas, e o restante pertencente à área de exatas.

Em relação a Dimensão 1 de análise, *Estruturação do Curso*, as disciplinas voltadas para o ensino empreendedor se distribuem de maneiras diferentes entre os semestres de cada curso, sendo em 42,8% desde o início da formação do estudante, logo nos primeiros semestres – Administração na U.2, Ciências Contábeis, e Superior em Biotecnologia – em 42,8% dos cursos, essas disciplinas aparecem mais próximas do final do curso de graduação – Administração na U.1, Engenharia da Computação, e Engenharia de Produção – e em 14,4% dos cursos, o ensino do empreendedorismo ocorre no meio dos semestres da graduação do aluno – Sistemas de Informação. Apesar desses números, os coordenadores de curso afirmam que o empreendedorismo é um projeto integrado ao curso, e que por fazer parte do projeto pedagógico, o assunto acaba sendo discutido também em outras disciplinas que não apenas aquelas direcionadas especificamente para o empreendedorismo, ou em outros projetos ao longo do curso que promovem o ensino empreendedor. Como pode ser visto nas falas:

“Eu diria assim que 60% a 70% das disciplinas do curso, de uma forma direta ou indireta, contribuem para ações empreendedoras” (R.D.);

“...nós temos esse objetivo desde o início, em praticamente todas as disciplinas.” (L.L.P).

Ainda nesta dimensão, aparecem as Empresas Juniores como sendo palco para o estímulo do empreendedorismo nos alunos. Entre os 10 entrevistados, apenas 1 deles não reconhece a Empresa Junior como sendo criada com esse objetivo de desenvolver o empreendedorismo, mas admite que isso acaba sendo promovido também neste espaço. Os demais entrevistados, correspondentes a 90% da amostra, apontam a empresa junior como um espaço de promoção do empreendedorismo, indo na mesma direção dos estudos de Ferreira e Mattos (2003), e Jorge, Lotufo e Cortez (2007), que citam experiências em demais universidades Brasileiras que alcançaram resultados positivos de empreendedorismo com o trabalho das empresas juniores. Este espaço permite ao aluno assumir riscos, além de lidar com uma realidade existente no mercado, que na maioria das vezes, se trata de um problema, ou demanda, que necessita de solução. Os autores afirmam que neste processo o aluno é capaz de desenvolver diversas habilidades importantes para empreender como a coragem para assumir riscos calculados, a criatividade e inovação.

Andrade e Torkomian (2001) ressaltam a importância do ensino empreendedor não acontecer apenas dentro das disciplinas específicas de trabalho do tema, mas sim, que este objetivo seja discutido em conjunto com outros professores, outras disciplinas e espaços. Os resultados obtidos nessa amostra novamente concordam com a literatura, uma vez que em todos os cursos investigados, os professores e coordenadores afirmam que o objetivo de desenvolvimento do empreendedorismo faz parte de um projeto integrado, e citam outros espaços em que ocorre o ensino empreendedor, como por exemplo, feiras de exposição de projetos empreendedores, incentivadas e promovidas pela própria instituição de ensino, semanas de palestras, interface com o mercado, e plano pedagógico integrado a outras disciplinas. Exemplificando:

“...nós temos muitos projetos integrados que disponibilizam pro aluno formação empreendedora” (R.D.);

“nas diferentes disciplinas a gente tá dando alguns exemplos”;

“...já se tornou famosa na faculdade essa feira...paralelamente a isso tem um projeto que é pessoal, que não é da disciplina de empreendedorismo, que é um projeto de visita técnica internacional...então a gente pega o perfil lá de fora” (R.A.L.).

Este mesmo professor da disciplina (R.A.L.) enfatiza que a inclusão da disciplina empreendedorismo de modo isolado não quer dizer nada, e que o foco deve estar no perfil do egresso, apontando para um plano pedagógico integrado com outras ações que vão além da disciplina.

Passando para as Dimensões 2 e 3: *Importância da educação empreendedora para o curso*, e *Importância da educação empreendedora em graduação*, dentre os 10 entrevistados, coordenadores e professores da área do empreendedorismo, 100% confirma achar muito importante o ensino empreendedor nos dois âmbitos, ou seja, no próprio curso de graduação como no ensino superior de um modo geral. Alguns exemplos:

“Eu acho que é muito interessante tanto do ponto de vista do aprendizado, quanto do ponto de vista da formação profissional...é até importante do ponto de vista da gente melhorar a sociedade” (R.D.);

“Eu acho fantástico...” (K.L.F.A);

“...eu acredito que é fundamental nos dias atuais nós desenvolvermos a competência de empreender” (J.E.F).

Como dito anteriormente, Drucker (1986), Fillion (1999), e Shumpeter (1982) identificaram há alguns anos que o desenvolvimento das ações empreendedoras traziam influências diretamente no desenvolvimento econômico e na qualidade de vida da população local, reafirmando a importância destacada pelos professores das disciplinas e coordenadores dos cursos investigados.

A análise do conteúdo referente a Dimensão 4: *Realidade Brasileira*, denuncia através de 60% dos entrevistados que o cenário econômico, burocrático e tributário Brasileiro

não estimula o empreendedorismo. Pode-se considerar este dado expressivo levando-se em conta que não foram feitas perguntas específicas sobre a realidade do empreendedorismo no Brasil, e portanto, esta dimensão aparece explicitamente entre as questões, indicando um contexto de influência deste cenário Brasileiro nos resultados do ensino empreendedor realizado nestas instituições de ensino superior. Para ilustrar esta denúncia:

“...é complicado empreender, principalmente num país como o Brasil, em que tem uma taxa, uma carga tributária muito grande...” (J.E.F.);

“...a gente tem um agravante de encontrar dificuldades de abertura de empresa...como é que eu quero enriquecer minha sociedade, e coloco entraves dessa natureza?” (R.A.L.);

“...parece que o sistema, ele não quer que se empreenda, já virou uma máquina que luta contra o empreender” (M.A.M).

Mais um exemplo dos entraves Brasileiros é o E-Social, que atualmente está em processo de implantação e que de certa forma veio para burocratizar ainda mais a relação entre empregados e empresas, que no caso do empreendedorismo, onde há necessidade de maior flexibilidade e adaptação a situações do mercado, este processo vem para engessar ainda mais os procedimentos.

A próxima Dimensão categorizada, a número 5 é: *Metodologias de ensino utilizadas*. Em relação a esta categoria tem-se novamente uma unanimidade em relação ao desenvolvimento de um plano de negócio na disciplina, e ainda sobre a mescla das estratégias de um modelo tradicional de ensino, com os modelos ativos de ensino e aprendizagem. Os professores apontam para a necessidade de se utilizar a lousa para trabalhar alguns conceitos, principalmente no início da disciplina, mas que em determinado momento, as metodologias ativas são essenciais para o alcance do objetivo de desenvolvimento do perfil empreendedor. São citadas estratégias como o estudo de caso, dinâmicas de grupo, debates, exercícios a partir de notícias reais sobre empreendedorismo, e o aprendizado baseado em problemas, conhecido como PBL. Em 71,4% dos cursos os professores mantêm uma prática de levantar o perfil dos alunos no início da disciplina, não só para descobrir as habilidades que precisam ser mais desenvolvidas, mas também para identificar se o aluno possui o perfil mais empreendedor ou

intra empreendedor. Os cursos que possuem essa prática são: Administração U.2, Ciências Contábeis, Engenharia da Computação, Engenharia de Produção e Sistemas de Informação.

Dentre as estratégias metodológicas citadas que merece destaque, acontece no curso de Administração da U.1., um projeto intitulado de Feira Gourmet. Este projeto é parte de um projeto integrado, que acontece na última etapa do curso e envolve também a disciplina de empreendedorismo, além da disciplina de tópicos especiais, que aborda a parte de eventos, a disciplina de varejo, a disciplina de administração da qualidade e a disciplina de administração de informações, em que os alunos viabilizam o lançamento de uma empresa sobre produtos alimentícios, e a feira funciona como a inauguração da empresa. Os alunos devem organizar tudo, desde o espaço físico, organização da infraestrutura, como segurança, parte elétrica, estacionamento para os clientes, a divulgação do evento, convidar as pessoas a participarem, além de toda a parte financeira, marketing, publicidade e propaganda, buscam patrocínio, fornecedores, estimam a necessidade de produtos, a venda, controlam os custos e tudo mais que for necessário para que a empresa seja lançada naquele mercado, porque inclusive eles arcam com as despesas de se montar a Feira Gourmet, e ficam com os lucros ou arcam com os prejuízos se o negócio não atender às expectativas levantadas com base no estudo de demanda realizado por eles. Essa estratégia mostra-se completa para o desenvolvimento do empreendedorismo porque aborda todos os passos do processo, e faz com que o aluno aprenda através de uma experiência real.

Na Administração da U.1, os alunos participam de projetos integrados nas disciplinas a partir da terceira etapa e todos os projetos integrados funcionam como projeto de consultoria, onde os alunos fazem diagnósticos e colocam em prática propostas com base nas disciplinas que participam dos projetos. Todas as empresas são empresas reais, os alunos vão ao mercado e exercem o papel de consultores juniores, com o apoio dos docentes. Os projetos integrados acontecem em todas as etapas até o final do curso, menos na 6ª etapa, que é a etapa onde os alunos devem dedicar-se ao TCC. Deste modo, as atividades propostas pela empresa Junior são também estendidas a todos os alunos, independente dos mesmos estarem ou não participando da empresa Junior, e o desenvolvimento de características de empreendedorismo são atendidas.

Outra estratégia relatada referente à Administração da U.2., é um projeto integrado ao longo do curso, que inicia-se na terceira etapa e estende-se até o TCC. A ideia é que seja levantado o perfil empreendedor do aluno e posteriormente ele vai sendo encaminhado para o desenvolvimento de um plano de negócios. Este plano é apresentado numa feira chamada de Feira de Negócios, organizada pela instituição, e possui o objetivo de

pré-aprovar os projetos que poderão ser finalizados e desenvolvidos como plano de negócio no TCC. O coordenador relatou que se surpreendeu com o interesse dos alunos, na medida em que esperava apresentações mais simples do plano de negócio, como por exemplo com utilização de slides, mas na última turma os alunos se chegaram a montar stands para a exposição dos produtos/serviços contemplados nos planos de negócio. Pode-se observar que este evento consistiu numa apresentação com foco teórico da criação e desenvolvimento dos produtos e serviços.

As justificativas dadas pelos entrevistados para o uso dessas metodologias de ensino são duas principais: primeiramente porque se tratam de um assunto que envolve uma habilidade ou um comportamento, e portanto é necessário desenvolver essa capacidade através da prática; e em segundo lugar porque essas estratégias de ensino e aprendizagem permitem ao aluno o contato com a realidade, coloca-o em vivência com a prática do empreendedorismo, fato tratado nas entrevistas como fundamental para o desenvolvimento deste perfil. Como exemplo seguem falas como:

“a teoria é muito importante...você vivenciar uma prática sem a teoria não adianta, até porque você vai ser vago...nós temos para cada situação, métodos diferentes...”
(R.D.);

“...tem uma parte teórica, depois uma parte interdisciplinar” (R.A.L);

“eu particularmente trabalho com duas metodologias, uma metodologia tradicional, e uma metodologia mais comportamentalista, fazendo com que o aluno seja um agente ativo em seu processo de ensino e aprendizagem” (J.E.F.).

Outro aspecto de concordância entre a literatura encontrada e os relatos desta amostra é o ensino do empreendedorismo relacionado com atitudes, comportamentos, que podem portanto ser desenvolvidos nos alunos (LOPES, 2010). O professor entende que:

“...não significa que elas (as pessoas) nasceram mais criativas do que as outras. Algumas tiveram mais situações que fizeram com que elas desenvolvessem mais essa atividade...” (K.L.F.A);

“Porque não adianta, eu não acredito que você chega numa disciplina como essa, e apresenta um plano de negócios, sem falar pra ele da importância de se desenvolver alguns comportamentos.” (J.E.F.).

Na Educação Empreendedora, as metodologias ativas de ensino devem ser exploradas, uma vez que permitem o aluno “aprender fazendo” (LOPES, p. 29, 2010). Dessa forma, ao se deparar com a prática, o indivíduo está exposto à situação de reflexão, é posto a pensar, buscar soluções, o que contribui para o desenvolvimento das habilidades do perfil empreendedor. A Educação Empreendedora sugerida por alguns pesquisadores da área deve então levar em conta que a prática e as vivências são mais importantes do que o conteúdo nesse momento (LOPES, 2010).

Passando para a Dimensão 6: *Resultados da educação empreendedora*, a predominância é de 50% de professores e coordenadores que acreditam que os resultados pendem para o lado positivo, ou seja, que possuem resultados fortes ou números representativos de alunos que empreenderam após o curso, ou mesmo até após a disciplina, antes de se formarem na graduação. Por outro lado, 30% acreditam que os resultados ainda são pequenos, não estão satisfeitos com a situação que presenciam após a graduação atualmente. No curso de Administração da U.1., alguns alunos utilizaram o plano de negócios para empreender. Nos últimos cinco anos foram montadas 2 cafeterias em shoppings de Ribeirão Preto, 1 loja de roupa de produtos premium, também no shopping, e 1 loja de alimentos light. Também no curso de Engenharia da Computação, um aluno que cursava a disciplina de empreendedorismo desenvolveu um sistema de verificação da temperatura e umidade em sala de servidores, e a empresa onde ele realiza o estágio irá lançar o produto no mercado, sendo este um exemplo prático de intraempreendedorismo.

Em relação à esse resultado, um fato de destaque durante as entrevistas é que dependendo do curso de graduação, existe uma predisposição no mercado que leva este profissional às ações empreendedoras. Dentro de nossa amostra foram identificados assim os cursos de Engenharia da Computação, Sistemas de Informação, e Ciências Contábeis, que pela atual realidade no mercado de atuação, apontam para iniciativas mais empreendedoras do que os demais cursos. Isso veio denunciado em algumas falas, por exemplo:

“No caso do curso Sistema de Informação, a gente sempre teve a disciplina de empreendedorismo, uma vez que essa é uma profissão onde o profissional trabalha com consultoria e ele também pode ser um agente autônomo” (E.C.C);

“...No nosso caso (Engenharia da Computação), a gente percebe que o ambiente, não só no Brasil, global, já é de uma atividade de empreendedorismo....como uma tendência da Engenharia da Computação, esses resultados (do empreendedorismo) são fortes!” (O.M.J.).

Por outro lado, os cursos que denunciam resultados ainda pequenos atribuem essa realidade a alguns fatores como por exemplo, o assédio que os cursos de graduação sofrem de empresas privadas que procuram estagiários, oferecendo bons salários e planos de carreira; a cultura empreendedora muito distante da realidade Brasileira; e a falta de incentivo e políticas empreendedoras que criam barreiras ao desenvolvimento da atividade; além das dificuldades inerentes ao ensino empreendedor que influenciam também os resultados buscados por estes professores. Outro aspecto que contribui para que esses resultados sejam ainda pequenos, é a possibilidade de desenvolvimento do intraempreendedorismo, ou seja, o fato das instituições de ensino estimularem o ensino empreendedor, não necessariamente significa que essa atividade será a abertura de um novo negócio, uma vez que o aluno poderá empreender dentro da empresa na qual for trabalhar, conforme exemplificado pelo caso do aluno de engenharia da computação logo acima. O acesso a informações sobre esse tipo de resultado, ou seja, o perfil intraempreendedor desenvolvido nos alunos, não é tão fácil aos professores e coordenadores de curso como o acesso a informações sobre empreendedorismo de abertura de novo negócio. Talvez por este motivo apenas um exemplo tenha sido citado.

A Dimensão 7 se trata da: *Dificuldades encontradas*. Das 10 pessoas entrevistadas, 60% afirmam que as dificuldades encontradas no processo do empreendedorismo são aquelas mencionadas na Dimensão 4, *Realidade Brasileira*, ou seja, as altas taxas tributárias e as burocracias que barram o estímulo ao empreendedorismo. Além dessa dimensão, reforçam o fato de no Brasil não se existir uma cultura empreendedora, como pode ser visto em uma das falas:

“...o Bill Gates e o Stevie Jobs...eles não estudaram empreendedorismo na universidade, eles simplesmente empreenderam...lá (nos EUA), faz parte de uma

cultura....Agora aqui no Brasil, devido a toda uma falta dessa cultura...é uma luta todo dia” (M.A.M.).

Nos EUA, por exemplo, essa cultura empreendedora mencionada é estimulada por disciplinas de empreendedorismo desde o ensino médio, pois independente de sua futura área de atuação profissional, existe previamente uma preocupação para que os indivíduos empreendam, e para que a cultura empreendedora se mantenha (LOPES, 2010).

Como discutido nos capítulos anteriores, Dornelas (p. 15, 2003) traz a cultura como uma “programação coletiva da mente, típica de um grupo social”, e neste pensamento constrói a ideia de cultura empreendedora, influenciando diretamente nas atitudes e comportamentos dos indivíduos que compartilham dessa cultura. Essa expressão é sentida também dentro do ambiente de ensino destes cursos de graduação pesquisados.

Ainda sobre esta Dimensão, 20% dos entrevistados mencionam outro aspecto como dificuldade do ensino do empreendedorismo. São as situações ligadas a formação dos alunos, tanto no âmbito da formação antes da graduação, mais relacionada ao contato e necessidade de trabalhar, afastando assim os alunos do empreendedorismo, como na formação dentro da graduação, que muitas vezes exige o aprendizado de muitos procedimentos e métodos, principalmente na área de exatas, e alunos mais metódicos tendem a ser menos criativos, segundo a experiência relatada nesta amostra.

Na Dimensão 8: *Pretensão de mudança para o curso*, 30% esperam que a expressão de mudança seja no sentido de alcançar melhores resultados sobre a educação empreendedora:

“...eu gostaria de ver algo mais consistente...embora eu consiga formar um egresso com capacidade empreendedora, não necessariamente ele se torna um empreendedor.” (A.C.P.J).

Em virtude das dificuldades vislumbradas, embora os alunos sejam preparados, nem todos possuem interesse em empreender.

Outros 10% dos entrevistados pretendem mudanças em relação ao interesse e dedicação dos alunos ao estudo dessa atividade. Além disso tem-se que 60% citam mudanças

nos projetos dos cursos, sendo a maioria, 40% destes – relacionadas com a criação da Empresa Junior para o curso de graduação, e 20% destes com mudanças no plano pedagógico no que diz respeito à disponibilizar maior carga horária para a discussão do empreendedorismo, ou iniciá-la mais cedo, desde os primeiros semestres do curso, e ainda na criação de novos espaços, como um núcleo completo de empreendedorismo integrado entre faculdade, investidores e sociedade, que promovesse um maior intercâmbio entre essas esferas.

A última Dimensão, número 9, chama-se: *Pretensão de mudança para o empreendedorismo como um todo*, evidenciou-se preocupações para mudança em quatro aspectos a saber: mudança do empreendedorismo visando o desenvolvimento do bem estar social, promovendo uma sociedade mais justa, mais igualitária proporcionada pelo desenvolvimento econômico local, além de melhorias na educação e no ambiente comum a comunidade; mudança em relação a maturidade da atividade empreendedora, ou seja, sendo planejada, pensada e decidida com clareza, e não mais o empreendedorismo por necessidade, ou aquele realizado sem planejamento, que contribui para a mortalidade da empresa; mudança nas políticas nacionais de incentivo ao empreendedorismo, como a redução das taxas, o estímulo ao desenvolvimento de uma cultura empreendedora Brasileira; e por fim, mudança no empreendedorismo Brasileiro que pode explorar melhor as oportunidades das novas cadeias de negócios globalizadas, e que são exploradas na maioria das vezes por outros países, enquanto no Brasil as ações são mais locais e regionais.

Em última análise, pode-se ver discursos bem parecidos em relação ao que se espera da educação empreendedora fornecida, em relação aos benefícios da atividade empreendedora para seu curso e para a sociedade de uma forma geral, e ainda para a realidade Brasileira tanto na área da educação empreendedora como nas dificuldades do mercado de trabalho.

As metodologias de ensino narradas pelos entrevistados mostram de maneira geral uma ideia diferente da prática, pois muito embora os coordenadores e professores falem da necessidade do uso de metodologias ativas de ensino que coloquem o aluno em contato com a prática, não é bem isso que está sendo feito na maioria dos cursos analisados. Essa informação torna-se ainda mais importante quando o relato de quase todos entrevistados apontam para pretensão de alcançar melhores resultados desta educação empreendedora.

O ensino do empreendedorismo é uma atividade complexa, que envolve sim conceitos, mas que envolve essencialmente comportamentos e habilidades, e é nesta questão que se pretende avançar nossos conhecimentos a partir de agora com a análise dos resultados

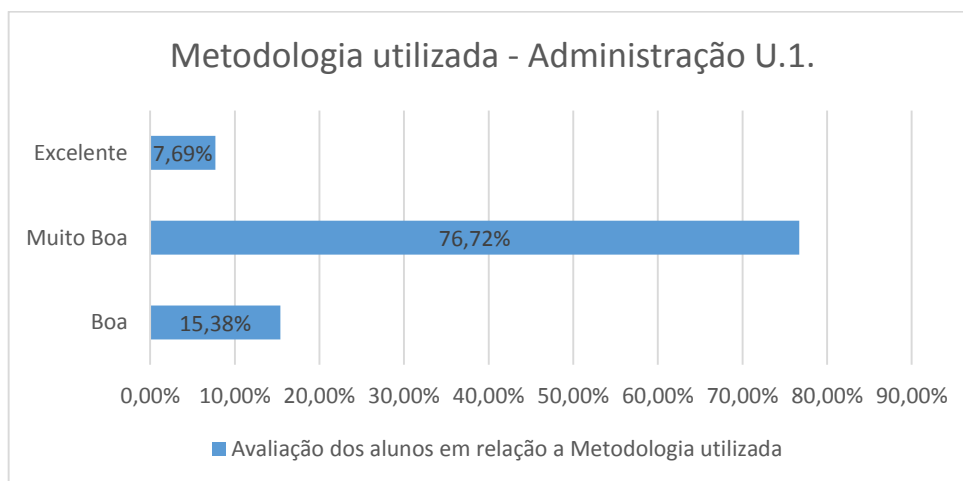
da coleta realizada com os alunos desta pesquisa. A análise quantitativa feita a partir dos instrumentos e questionário aplicados nos alunos é apresentada a seguir, separadas didaticamente por curso:

- Administração da U.1:

Para o curso de Administração da U.1., 100% dos alunos reconhecem existir o objetivo de desenvolvimento do perfil empreendedor nos alunos ao final da graduação, e dentre estes, 84,62% disseram reconhecer esse objetivo após o início do curso, contra 15,38% que disseram ter escolhido esta instituição de ensino por saber da promoção do empreendedorismo existente.

Em relação à metodologia de ensino utilizadas na Administração da U.1., 76,72% dos alunos disseram ser “Muito boa”, 7,69% “Excelente”, e 15,38% classificaram-na como “Boa”. Esses dados apontam para uma grande satisfação em relação às estratégias de ensino utilizadas neste curso de graduação.

Gráfico 3 – Percepção dos alunos de Administração da U.1 em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo



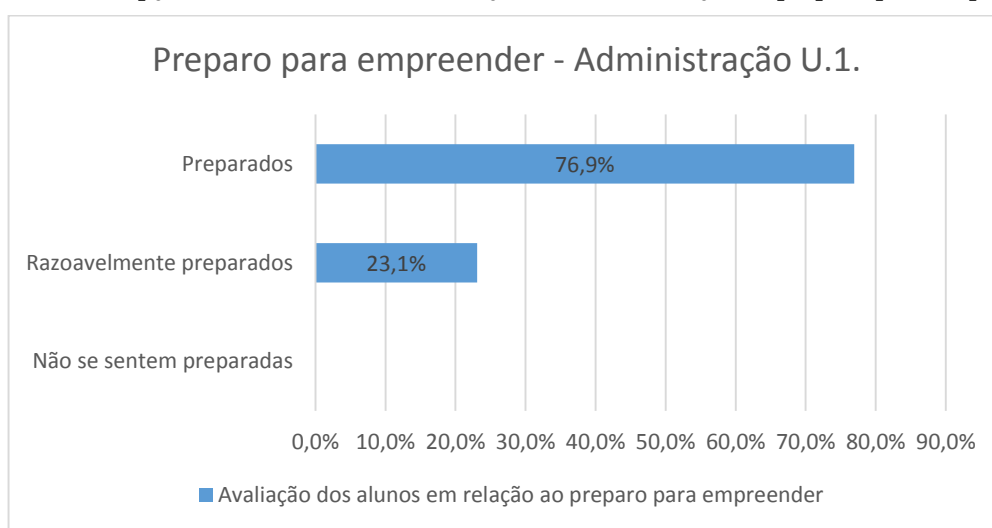
Fonte: elaborado pela autora.

Ainda neste curso, o interesse dos alunos divide-se igualmente em “Muito Bom” e “Excelente” com 46,15% dos alunos em cada um, e outros 7,7% dos alunos classificaram seu interesse como “Bom”. Sobre o empenho e dedicação nas disciplinas específicas oferecidas sobre empreendedorismo, classificam como “Bom” em 46,15% dos casos, 38,47% como “Muito Bom”, e 15,38% como sendo “Excelente”. Esses números

indicam uma queda significativa em relação à dedicação e empenho dos alunos, apesar de admitirem um grande interesse pelo assunto.

No curso de Administração da U.1., 76,92% dos alunos afirmam se sentir preparado para empreender, e 23,07% avaliaram como razoável seu preparo para empreender. Além disso, 84,61% dos casos apontam estar satisfeitos com o resultado alcançado sobre a preparação para empreender, enquanto 15,38% dizem estar razoavelmente satisfeitos sobre esta preparação.

Gráfico 4 – Percepção dos alunos de Administração da U.1 em relação ao preparo para empreender



Fonte: elaborado pela autora.

Quase 70% dos alunos de Administração da U.1., não reconhecem outro espaço na faculdade ou não frequentaram outro espaço que auxilie no desenvolvimento do perfil empreendedor, contra pouco mais de 30% que afirmaram participar de outros espaços onde o ensino empreendedor ocorre, citando a Feira Gourmet, Empresa Junior, Palestras e Cursos Extracurriculares.

Quando questionados sobre a importância que veem para o ensino do empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior, 76,92% dos alunos afirmam ser extremamente importante, e 23,07% julgam ser importante. Houve apenas uma observação feita por um aluno que reafirmava a importância do empreendedorismo como umas das disciplinas principais do curso de Administração.

Pode-se observar que há a percepção nos alunos do trabalho promovido na instituição de ensino, visando instrumentalizá-los para o empreendedorismo. Este dado

reforça a percepção dos docentes e coordenadores do curso, e demonstram que as ações realizadas são efetivas.

O curso de Administração da U.1., foi o único no qual existia formalizado um outro espaço de desenvolvimento do empreendedorismo como a Empresa Junior. Porém a não representatividade relevante desta empresa nos dados coletados está ligada provavelmente a abrangência que a empresa possui na faculdade, visto que dentro dela trabalham em torno de 20 alunos, esse número não representa 0,5% dos estudantes matriculados no curso de Administração da U.1.

No Questionário 2, “Auto-avaliação do perfil empreendedor”, 7,69% atingiu nível 2 de perfil empreendedor, 76,92% atingiu nível 3, sendo esta a maioria da amostra, e 15,38% atingiu o nível 4 de perfil empreendedor, que é o mais avançado. Quase que a totalidade dos alunos de Administração da U.1. apresentam o perfil empreendedor bem desenvolvido. Mais uma vez este item corrobora os dados já apresentados acima, onde para os professores deste curso de Administração há a percepção de que as metodologias utilizadas para o fomento do empreendedorismo são efetivas durante o curso, e não apenas durante a disciplina ofertada na última etapa, uma vez que o perfil empreendedor é trabalhado por várias ações realizadas durante o curso de administração e o fechamento se dá na disciplina da oitava etapa. Para os alunos, esses dados ficam comprovados por meio da aplicação do instrumento “Auto-avaliação do perfil empreendedor”.

No Questionário 3, “Auto-avaliação das habilidades empreendedoras”, foram avaliados as seguintes habilidades:

Figura 5 – Habilidades empreendedoras avaliadas

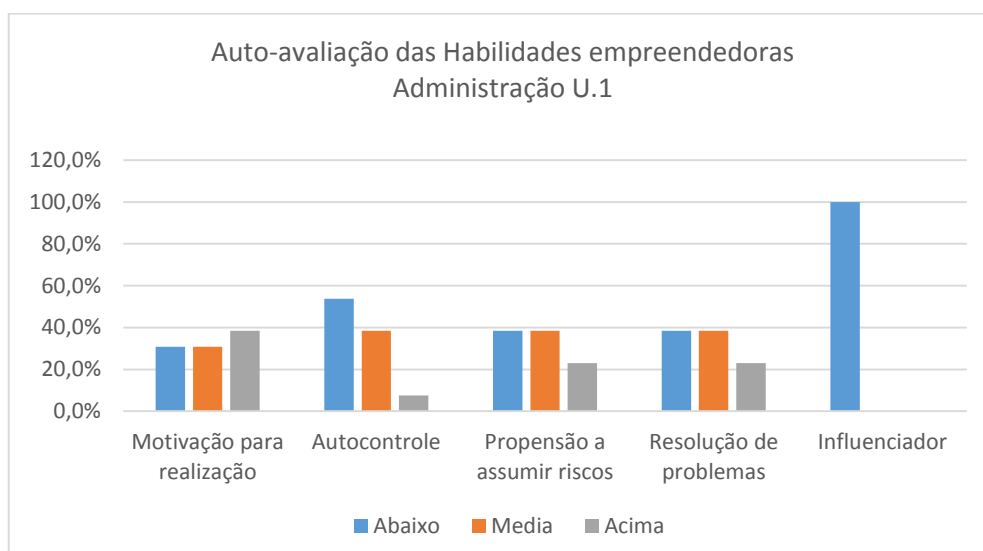
Motivação para realização	Um desejo de fazer acontecer, de atingir um alto padrão de realização/atingimento de objetivos.
Autocontrole (do destino)	Sentimento de influenciar o curso dos eventos da sua vida. O destino é definido mais por algo interno da pessoa do que devido a fatores externos.
Propensão a assumir riscos	Tomar riscos calculados e buscar informações antes de agir. Desejo de ser responsável pelas ações.
Resolução de problemas	Alguém que sabe resolver problemas de forma realista e toca uma operação/negócio sem necessitar de muita ajuda dos outros

Influenciador	Aquele que encontra pessoas que o ajudam a satisfazer seus próprios objetivos. Sabe convencer as pessoas a trabalharem para a realização de um objetivo estipulado por ele.
----------------------	---

Fonte: elaborada pela autora com base no gabarito do instrumento utilizado

Para cada habilidade são atribuídas notas que correspondem a várias atitudes tomadas pelos respondentes, conforme a figura 3 acima. E abaixo pode-se observar o resultado da Auto-avaliação das habilidades empreendedoras realizada pelos alunos da Administração U.1

Gráfico 5 - Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras - Administração U.1



Fonte elaborado pela autora.

Como pode ser observado no gráfico 5 acima, no curso de Administração da U.1., os alunos percebem uma deficiência em relação a habilidade de ser *influenciador*, sendo que em 100% da amostra, as notas obtidas estão abaixo da nota média. Em relação ao desenvolvimento das habilidades *propensão a assumir riscos* e *resolução de problemas*, as notas alcançadas foram iguais para os dois itens, sendo 38,46% abaixo da média, 38,46% com notas medianas, e 23,07% com habilidade desenvolvida acima da média. Sobre *autocontrole*, 53,8% também não alcançou a nota média para esta habilidade, 38,4% atingiram a categoria média, e apenas 7,6% receberam nota acima da média. A última habilidade avaliada a ser comentada é a *motivação para realização*, a única em que a maioria dos alunos atingiu notas acima da média, sendo essa nota tirada por 38,4% dos alunos, contra 30,8% com notas médias e 30,8% com notas abaixo da média.

Como pode ser observado, os alunos embora tenham desenvolvido o perfil empreendedor, quando fazem uma auto-avaliação sobre as suas habilidades em relação a indicadores necessários para empreender melhor, apontam a habilidade de ser influenciador como a habilidade que mais necessita ser trabalhada. Vale ressaltar que esta habilidade não envolve a atividade de empreender por si mesmo, ela implica na verdade que o empreendedor influencie outras pessoas e as convençam para que elas realizem um objetivo estipulado por ele. Este item *influenciador* pressupõe o desenvolvimento de habilidades de liderança enquanto empregador, característica esta que não é necessariamente trabalhada pela matriz curricular do curso, enquanto ensino de habilidades empreendedoras. As habilidades desenvolvidas pelas metodologias utilizadas no curso focam muito mais no empreendedorismo individual, no desenvolvimento de características como o trabalho em equipe e pro atividade.

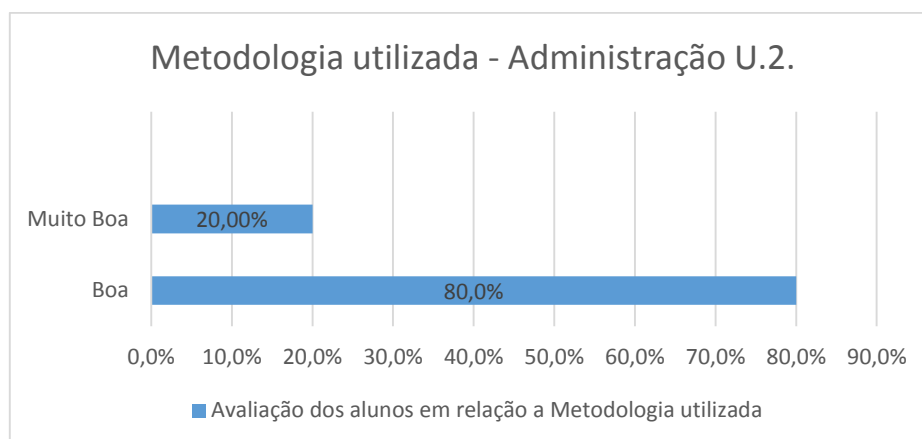
A segunda habilidade que mais necessita ser trabalhada, apontada pelos alunos foi a de *autocontrole*, esta habilidade diz respeito a sensação de influenciar os eventos da vida, ou seja, um controle sobre os fatores externos/destino. A percepção de que não conseguem ter um total controle sobre os eventos de sua vida, demonstram uma certa maturidade e percepção próxima da realidade do que acontece no mercado de trabalho dinâmico, como o mercado Brasileiro. Embora o instrumento sugira uma necessidade grande de autocontrole, acredita-se que esta necessidade é suprida pelos indicadores na média nos itens *resolução de problemas, propensão a assumir riscos e motivação para realização*. Deste modo, confirma-se na visão da autora deste trabalho e com base nos dados aqui apresentados que o curso Administração U.1, fomenta e desenvolve o perfil empreendedor.

- Administração da U.2:

Os números para o curso de Administração na U.2. indicam também que 100% dos alunos reconhecem o objetivo de desenvolvimento do perfil empreendedor nos alunos, sendo que esse reconhecimento aconteceu depois do ingresso do aluno na instituição de ensino, em 80% dos casos, e 20% afirmam ter escolhido a instituição sabendo deste objetivo.

Sobre a metodologia utilizada para o ensino empreendedor, 80% classificam como “Boa”, enquanto 20% avaliam como “Muito Boa”.

Gráfico 6 – Percepção dos alunos de Administração da U.2 em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo

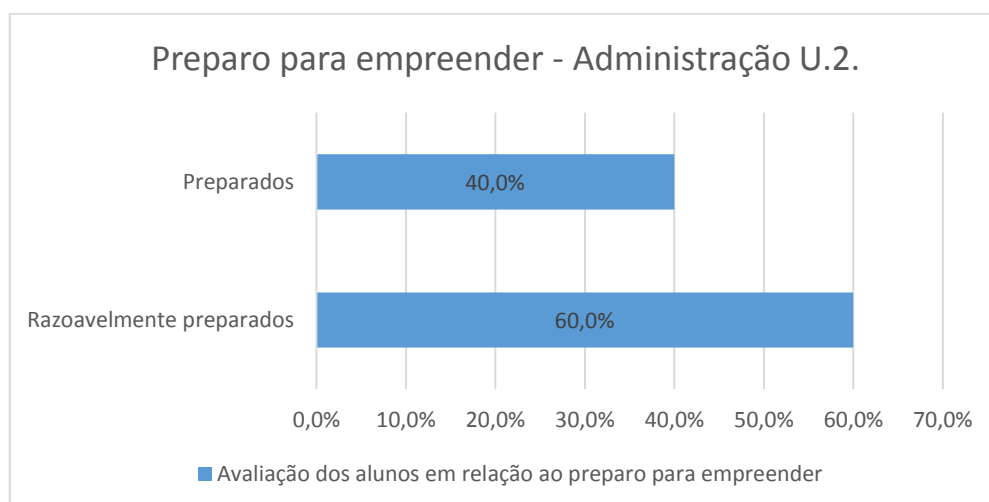


Fonte: elaborado pela autora.

Em relação ao interesse dos alunos pelas disciplinas responsáveis pelo desenvolvimento do empreendedorismo, 70% classifica seu interesse como “Bom”, e 30% como “Muito Bom”, indicando um interesse mediano da amostra desse curso em relação ao tema empreendedorismo. Esses números mantiveram-se em relação a classificação do empenho que os alunos julgaram ter tido nas disciplinas de empreendedorismo, reafirmando ainda a dedicação mediana neste quesito.

Continuando a análise tem-se que 60% dos alunos consideram-se “razoavelmente preparados” para empreender, e 40% dizem se sentir “preparados” para essa atividade. Ao mesmo tempo que 60% dos alunos mostram-se “razoavelmente satisfeitos” com os resultados atingidos, e 30% dos alunos estão satisfeitos. Ainda há 10% da amostra que respondeu estar extremamente satisfeita com os resultados obtidos pelo ensino empreendedor.

Gráfico 7 – Percepção dos alunos de Administração da U.2 em relação ao preparo para empreender



Fonte: elaborado pela autora.

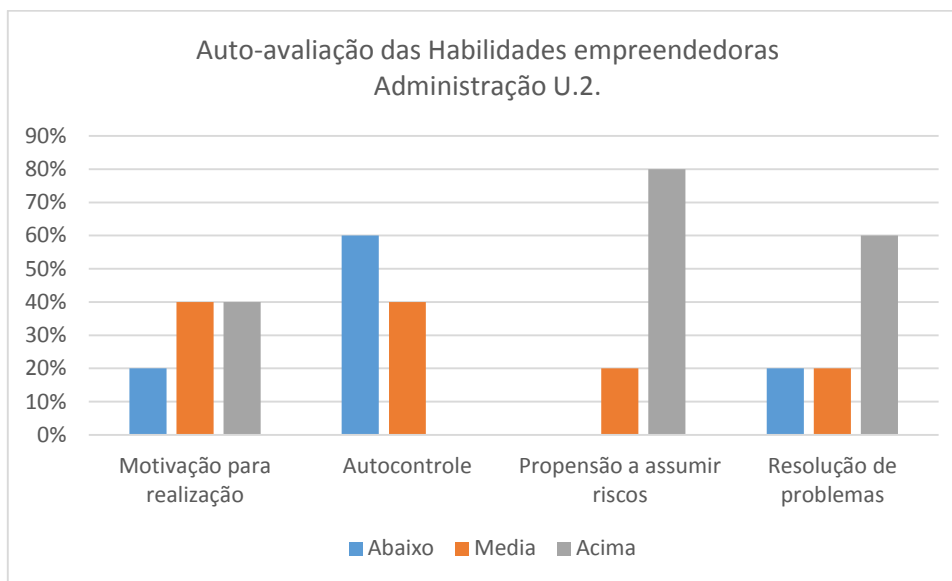
No curso de Administração da U.2., 90% dos alunos dizem não ter participado de outro espaço, além das disciplinas previstas, que tivesse o objetivo de ensino empreendedor, contra 10% que citou a Semana de Administração como um espaço frequentado.

Sobre a importância das Instituições de Ensino Superior estimularem o empreendedorismo, 60% julgaram ser extremamente importante, 30% importante e 10% razoavelmente importante, fato que chama atenção quando se olha para o interesse, dedicação e empenho dos alunos às disciplinas de empreendedorismo e encontra-se patamares medianos como no caso deste curso. A maioria dos alunos julgaram extremamente importante o ensino empreendedor nas instituições de ensino superior, porém seu empenho e dedicação não correspondem a toda importância que é dada.

Assim como no curso apresentado anteriormente, apenas um sujeito manifestou-se com observações, que no caso de Administração da U.2., referia-se às metodologias de ensino, denunciada por um sujeito como muito carente de práticas próximas à realidade.

Os dados apresentados seguem no mesmo caminho do relato do professor e coordenador do curso, indicando que os alunos percebem um bom aproveitamento das disciplinas, e uma satisfação a respeito do aprendizado da atividade empreendedora. A forma como vem sendo feito o ensino empreendedor nesta instituição é vista como positiva em comum acordo entre discentes e docentes.

A auto-avaliação do perfil empreendedor para o curso de Administração da U.2., mostra 10% dos alunos no nível 2 do perfil empreendedor, 60% dos alunos no nível 3 do perfil empreendedor, e 30% no nível 4 do perfil empreendedor. A maioria dos alunos encontram-se no nível 3 de desenvolvimento do perfil empreendedor, isso quer dizer que a percepção tida por eles é positiva em relação à existência do perfil empreendedor, assim como relata a maioria dos alunos no questionário 1, e de acordo com a percepção de seu coordenador e professor de curso, de que o no caso da Administração da U.2. há o estímulo e desenvolvimento do empreendedorismo.

Gráfico 8 - Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras - Administração U.2

Fonte elaborada pela autora.

No gráfico acima estão as habilidades empreendedoras avaliadas no Questionário 3, indicando resultados mais baixos também relacionados a habilidade *influenciador* – 90% abaixo da média, e 10% com nota na média – e a habilidade de *autocontrole*, que não obteve notas acima da média, sendo 40% em cima da média e 60% abaixo da média de desenvolvimento dessa habilidade. As notas sobre a habilidade de *motivação para realização* novamente aparecem como as mais atingidas, com 70% dos alunos acima da média, e 30% dos alunos alcançando notas medianas. As habilidades *propensão a assumir riscos* e *resolução de problemas* a maioria dos alunos apresentam notas abaixo da média, sendo 60% e 50% respectivamente, e ambas características com 30% das notas acima da média.

No curso de Administração da U.2., tem-se uma maior preocupação em relação a necessidade de desenvolvimento das habilidades empreendedoras avaliadas, uma vez que a percepção dos próprios alunos apontam para uma maioria abaixo da média em quatro, das cinco habilidades levantadas, a saber: *autocontrole*, *propensão a assumir riscos*, *resolução de problemas* e *influenciador*. A única habilidade na qual a maioria dos alunos atingiu notas acima da média, foi a *motivação para realização*.

O que pode-se tirar disto é a expressão de uma percepção um pouco distorcida sobre a realidade de mercado versus o preparo dos mesmos para empreender, considerando o perfil empreendedor, uma vez que ao responder o questionário 2, os alunos deram-se notas mais altas, porém ao responder o questionário 3, em que as habilidades são avaliadas através

da expressão de comportamentos, ficou evidente a falta de desenvolvimento das mesmas. Este fato acaba sendo consequência das metodologias de fomento ao empreendedorismo utilizadas pelo curso, uma vez que elas possuem um caráter muito mais teórico em termos de transmissão de conhecimentos e fundamentos necessários para o empreender, do que atividade empreendedora em si. Como foi descrito por um aluno:

“as aulas são muito boas, mas eu sinto falta de ter mais experiência, trabalhos aqui na faculdade mais próximos da realidade daquilo que a gente vai encontrar no dia a dia do trabalho mesmo...”

Além disso, pode-se considerar também como indicativo desta metodologia mais teórica do que prática, a fala do professor a respeito da Feira de Negócios desenvolvida:

“...foram exatamente 39 grupos, 39 modelos de negócios, eles trouxeram experimentação do negócio, e era pra ser apenas apresentação de slide...” (L.L.P.)

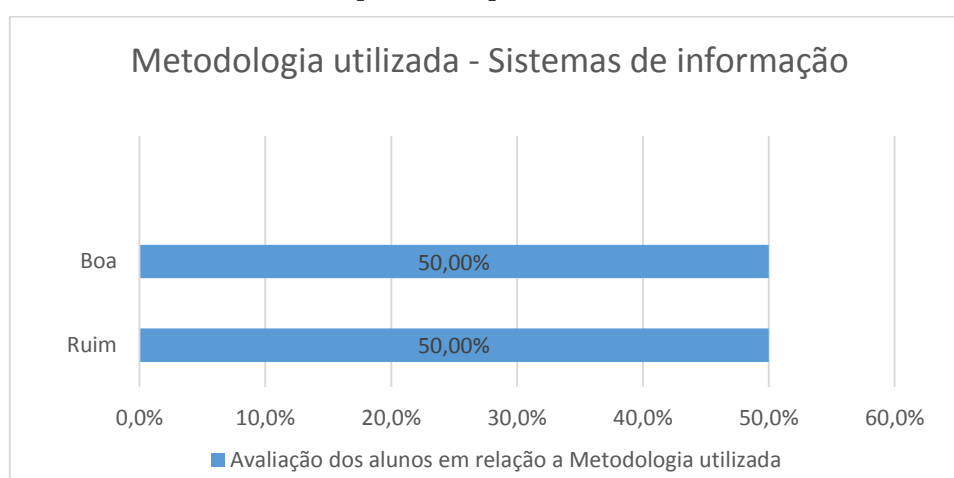
Em última análise, apesar de ser possível encontrar no curso de Administração da U.2., relato do uso de metodologias ativas de ensino e aprendizagem, o foco deste ensino acaba não sendo o desenvolvimento das habilidades necessárias para atividade empreendedora, e na verdade os resultados encontrados nos diz respeito a um conhecimento da teoria e fundamentos do empreendedorismo como conceito e como uma atividade no mercado de trabalho.

- Sistemas de Informação:

Passando para os dados do curso de Sistemas de Informação, diferente dos primeiros dois cursos analisados, não é unânime o reconhecimento do objetivo de desenvolver o perfil empreendedor no aluno egresso. 75% dos alunos afirmam que reconhecem esse objetivo, e 25% dos alunos afirmam que não veem esse objetivo como sendo parte do objetivo do curso. Dos 75% que reconhecem o objetivo, 83,33% disse conhecê-lo depois do ingresso na instituição de ensino, e 16,67% afirma conhecê-lo antes de seu ingresso.

A metodologia de ensino utilizada na disciplina específica de empreendedorismo foi avaliada por 50% como sendo “Ruim”, e 50% como sendo “Boa”, denunciando certo descontentamento com os recursos e estratégias utilizadas na disciplina. Cabe ressaltar que devido às mudanças nos cursos, os alunos que puderam responder a esta pesquisa, pelos critérios de inclusão mencionados anteriormente, cursaram a disciplina de empreendedorismo com um professor antigo, ou seja, que foi substituído por outro professor diferente daquele que foi entrevistado como o atual professor da disciplina.

Gráfico 9 – Percepção dos alunos de Sistemas de Informação em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo



Fonte: elaborado pela autora.

Os alunos de Sistemas de Informação julgam, em 50% dos casos, terem interesse muito bom em relação ao empreendedorismo, 37,5% dizem que o interesse é bom, e 12,5% como excelente. Para o empenho na disciplina os números se mantêm em 50% dos casos como sendo muito bom, e 37,5% como bom. Apenas 12,5% dos casos afirmaram um desempenho ruim.

Sobre o preparo para empreender, 12,5% sentem-se pouco preparados para empreender, 62,5% razoavelmente preparados, correspondendo a maioria da amostra, e 25% afirma se sentir preparado para desempenhar uma atividade empreendedora. Junto a isso tem-se que 25% estão pouco satisfeitos com esse resultado, 25% estão satisfeitos, e 50% encontram-se razoavelmente satisfeitos.

Em relação a importância de se desenvolver o perfil empreendedor em instituições de ensino superior, 25% julgam isto como uma atividade razoavelmente importante, 12,5% como importante, e 62,5% como extremamente importante.

No curso de Sistemas de Informação três alunos deixaram suas observações no espaço destinado para isso, e em todos os questionários o descontentamento estava relacionado com o professor antigo que ministrava a disciplina, e segundo um dos alunos, o mesmo ensinava empreendedorismo com uma grande carga de conteúdo:

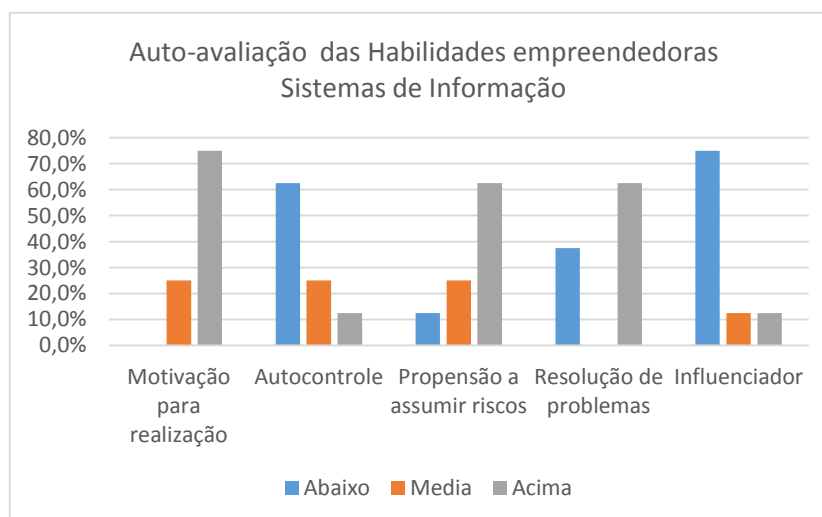
“passado aos alunos de forma cansativa e nada produtiva”

Esses números fazem mais sentido após a leitura das observações feitas pelos alunos, pois expressam o reconhecimento da atividade empreendedora como extremamente importante no contexto da graduação, se dedicam em sua maioria à esse aprendizado durante à disciplina, mas a satisfação encontrada é mediana, razoável, em relação ao ensino empreendedor recebido, assim como na avaliação das metodologias de ensino utilizadas, evidenciando uma defasagem neste processo de aprendizagem.

No Questionário 2 de auto-avaliação do perfil empreendedor” mostra que 62,5% dos alunos do curso de Sistemas de Informação encontram-se no nível 3 de classificação do perfil empreendedor, e 37,5% no nível 4 de desenvolvimento deste perfil. Apesar dos alunos expressarem satisfação razoável sobre o preparo para empreender recebido, esses números indicam que a percepção da maioria deles, reconhece a existência do perfil empreendedor.

Os dados levantados no Questionário 3 para o curso de Sistemas de Informação seguem abaixo:

Gráfico 10 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras – Sistemas de Informação



Fonte elaborada pela autora.

No Questionário 3 de avaliação das habilidades empreendedoras desenvolvidas, a maioria dos alunos encontram-se acima da média em relação a *motivação para realização*, com 75% dos alunos. A maioria também atingiu notas acima da média nas habilidades de *resolução de problemas* e *propensão a assumir riscos*, correspondendo a 62,5% dos alunos em ambas características. As características menos desenvolvidas, ou seja, aquelas em que a maioria dos alunos estão com notas abaixo da média são, *autocontrole*, com 62,5%, e *influenciador*, com 75% de alunos.

Novamente tem-se que a deficiência apontada neste questionário no desenvolvimento das habilidades de *autocontrole* e de ser *influenciador*, é compensada pela maturidade e desenvolvimento das demais características, *motivação para realização*, *propensão a assumir riscos* e *resolução de problemas*, que se mostram todas com notas acima da média para a maioria dos alunos.

Esse resultado pode indicar que apesar das respostas medianas em relação às metodologias e à satisfação dos alunos, é preciso levar em consideração outros fatores que podem ter influenciado para esta satisfação mediana em relação ao ensino empreendedor recebido. A expectativa gerada pelos alunos sobre a disciplina, a qual nem sempre é compatível com o que existe na realidade, e/ou outros fatores de influência do professor, podem contribuir para esta percepção mediana do ensino empreendedor presente no curso de Sistemas de Informação.

Além disso, ainda em relação aos fatores de influência nos resultados, tem-se que o desenvolvimento das habilidades empreendedoras nestes alunos pode ter acontecido por outras especificidades do curso, ou mesmo experiências de vida. Como apontado pelo coordenador de Sistemas de Informação, a atividade empreendedora é uma tendência nesta área de atuação:

“No caso do curso Sistema de Informação, a gente sempre teve a disciplina de empreendedorismo, uma vez que essa é uma profissão onde o profissional trabalha com consultoria e ele também pode ser um agente autônomo, então ele precisa ter visão empreendedora...” (E.C.C.)

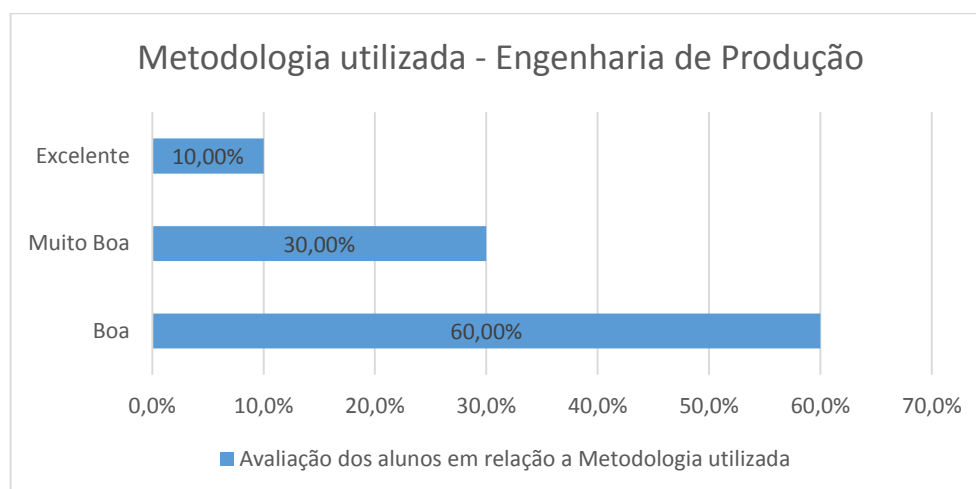
As experiências vividas pelos indivíduos fazem com que algumas características sejam mais desenvolvidas em determinada pessoa e menos em outra, o que não significa que esta outra não pode também alcançar o desenvolvimento das características que lhe fazem falta (DORNELAS, 2003).

- Engenharia de Produção:

Para o curso de Engenharia de Produção, assim como em Sistemas de Informações, não são todos alunos que reconhecem o objetivo de desenvolvimento do perfil empreendedor como parte do plano do curso. 90% dos alunos dizem que sim, contra 10% que afirmam não reconhecer esse objetivo. Dentro dos alunos que reconhecem esse objetivo, 77,7% afirmam tê-lo descoberto após o ingresso na instituição de ensino.

A respeito da metodologia de ensino utilizada, 60% correspondente a maioria dos alunos atestam ser “boa”, 30% “muito boa”, e 10% excelente.

Gráfico 11 – Percepção dos alunos de Engenharia de Produção em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo



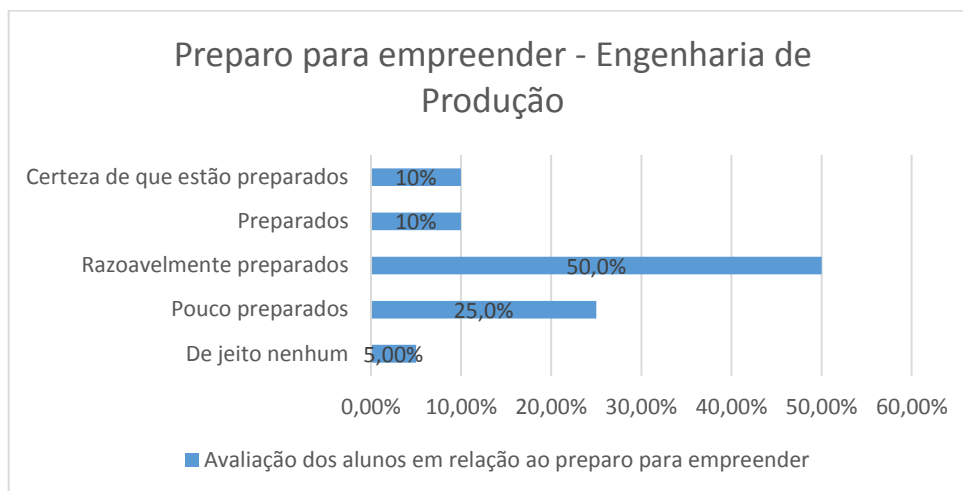
Fonte: elaborado pela autora.

Sobre o interesse dos alunos, em 40% dos casos afirmam ser “bom”, 30% dos casos “muito bom” e outros 30% “excelente”. Já em relação ao empenho na disciplina de empreendedorismo, 60% afirmam que foi “bom”, 25% “muito bom”, e 15% “excelente”.

Quando questionados sobre o sentimento de preparo para o empreender, 5% afirmam “De jeito nenhum”, 25% dizem estar pouco preparados, 50% razoavelmente preparados, 10% se sente preparado, e outros 10% tem certeza de que estão preparados para

empreender. A satisfação sobre esses resultados é de 5% dos alunos não estão nada satisfeitos, 10% pouco satisfeitos, 30% estão razoavelmente satisfeitos e 55% estão satisfeitos.

Gráfico 12 – Percepção dos alunos de Engenharia de Produção em relação ao preparo para empreender



Fonte: elaborado pela autora.

Nenhum aluno do curso de Engenharia de Produção afirma ter frequentado outro espaço de desenvolvimento do perfil empreendedor, além da disciplina específica do curso para isso.

Os alunos reconhecem a importância de se desenvolver o perfil empreendedor como pouco importante em 5% dos casos, importante em 30% dos casos, e extremamente importante em 65% dos casos.

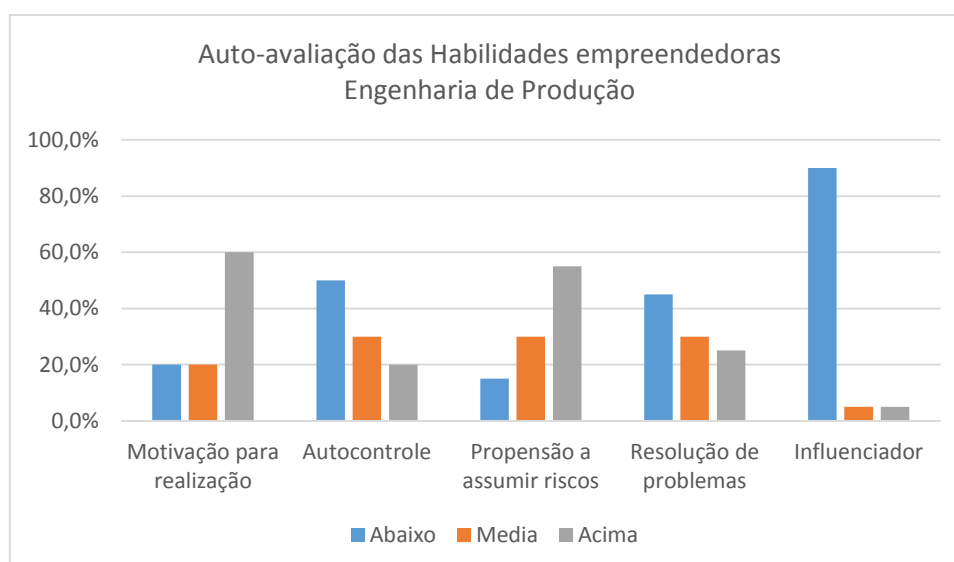
Apenas um aluno do curso de Engenharia de Produção deixou observações extras nos questionários, dizendo que sentiu dificuldade na realização das atividades propostas durante a disciplina de empreendedorismo, e por isso achava que o conteúdo deveria ser menos denso.

Os resultados do primeiro questionário reafirmam a percepção do coordenador e professor do curso a respeito da boa avaliação das metodologias utilizadas, bem como a dedicação e o interesse dos alunos pelo empreendedorismo. Assim como no curso discutido anteriormente, aqui na Engenharia de Produção a maioria dos alunos se sentem razoavelmente preparados para empreendedor, porém diferente do curso de Sistemas de Informação, os resultados mostram que a maioria dos alunos está satisfeita com esse resultado atingido.

No Questionário 2, 60% dos alunos atingiram o nível 3 de desenvolvimento do perfil empreendedor, e 40% atingiram o nível máximo, 4, de desenvolvimento.

Esses números apontam para uma percepção dos alunos também positiva em relação a existência de um perfil empreendedor. A maioria da amostra admite possuir muitas características empreendedoras e estar pronta para colocá-las em prática. O coordenador do curso, assim como os alunos, reconhece o desenvolvimento do perfil empreendedor, mas deixa claro em diversas falas que gostaria de ver resultados mais expressivos em relação a essa atividade. Ele cita que uma das recomendações dada ao professor que ministra esta disciplina é que ele tente passar aos alunos que o empreendedorismo é de fato uma boa opção de trabalho, pois apesar dele perceber a existência de um perfil empreendedor nos alunos, isso não necessariamente os despertam para a atividade empreendedora.

Gráfico 13 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras – Engenharia de Produção



Fonte elaborada pela autora.

O gráfico 13 corresponde ao questionário de auto-avaliação das habilidades empreendedoras. Encontram-se acima da média as habilidades *motivação para realização*, com 60% dos alunos, e *propensão a assumir riscos*, com 55% dos alunos com notas acima da média. As habilidades menos desenvolvidas pelos alunos são *autocontrole*, *resolução de problemas* e *influenciador*, com 50%, 45%, e 90%, respectivamente.

Chama-se atenção para a habilidade *resolução de problemas*, que se encontra com notas abaixo da média. Esta habilidade empreendedora diz respeito a solução de problemas de forma realista e sem precisa de muita ajuda de outras pessoas, conseguindo tocar uma ideia sozinho. Considera-se esta habilidade empreendedora muito importante de ser desenvolvida pelo fato estar ligada de forma direta com o empreendedorismo, seja ele enquanto uma atividade em si, ou enquanto intraempreendedorismo, quando se pensa em um

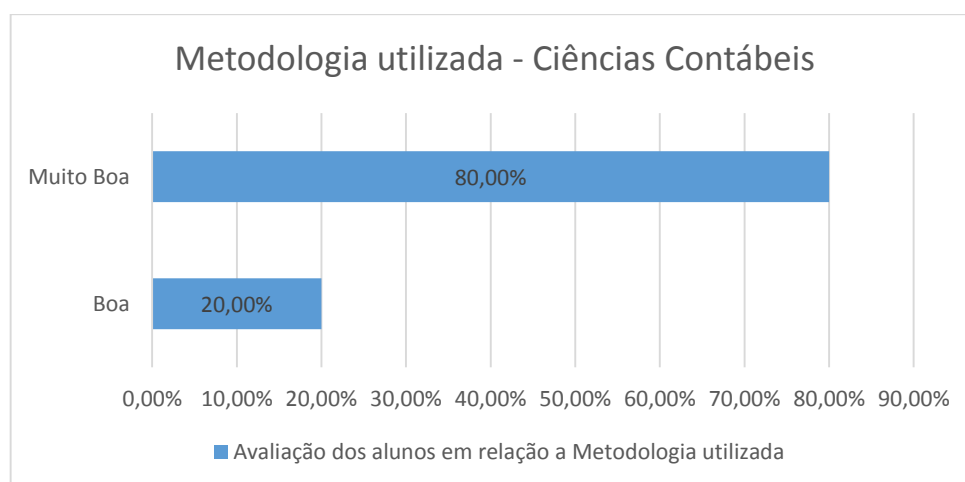
indivíduo com a habilidade *resolução de problemas* bem desenvolvida, pensa-se em um profissional mais autônomo, que pode ser um grande diferencial no mercado de trabalho (DORNELAS, 2003).

- Ciências Contábeis:

No curso de Ciências Contábeis, 100% dos alunos reconhecem o objetivo de desenvolvimento do perfil empreendedor, e a maioria escolheu esta instituição sem saber da existência desse objetivo – 80%.

Sobre a metodologia utilizada, 80% classifica-a como “muito boa”, e 20% como “boa”. Vale lembrar para avaliação destes números que para este curso, o professor da disciplina de empreendedorismo é o mesmo coordenador e professor do curso de Administração da U.2.

Gráfico 14 – Percepção dos alunos de Ciências Contábeis em relação a Metodologia utilizada na disciplina de empreendedorismo



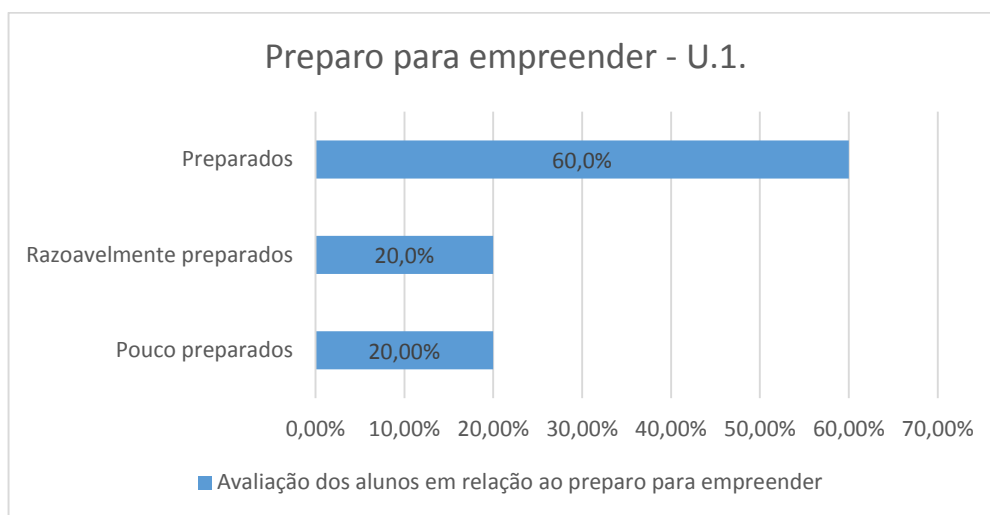
Fonte: elaborado pela autora.

A avaliação do interesse dos alunos pelo desenvolvimento do perfil empreendedor resultou em 40% com um bom interesse, e 60% na categoria “muito bom”. No quesito empenho estes números se dividem um pouco, pois 60% avaliaram sua dedicação como boa, 20% como muito boa, e outros 20% como excelente.

Em relação ao sentimento de preparo para empreender, 20% se sentem pouco preparados, 20% razoavelmente preparados, e 60% atestam se sentir preparados. Esses resultados são satisfatórios em 60% dos alunos, e razoavelmente satisfatórios em 40% destes.

Quando questionados sobre outros espaços frequentados, além das disciplinas, que desenvolvem o perfil empreendedor, 40% respondeu que sim, e citou Palestras como sendo estes espaços, enquanto que 60% afirmou não ter frequentado nenhum outro espaço além da disciplina.

Gráfico 15 – Percepção dos alunos de Ciências Contábeis em relação ao preparo para empreender



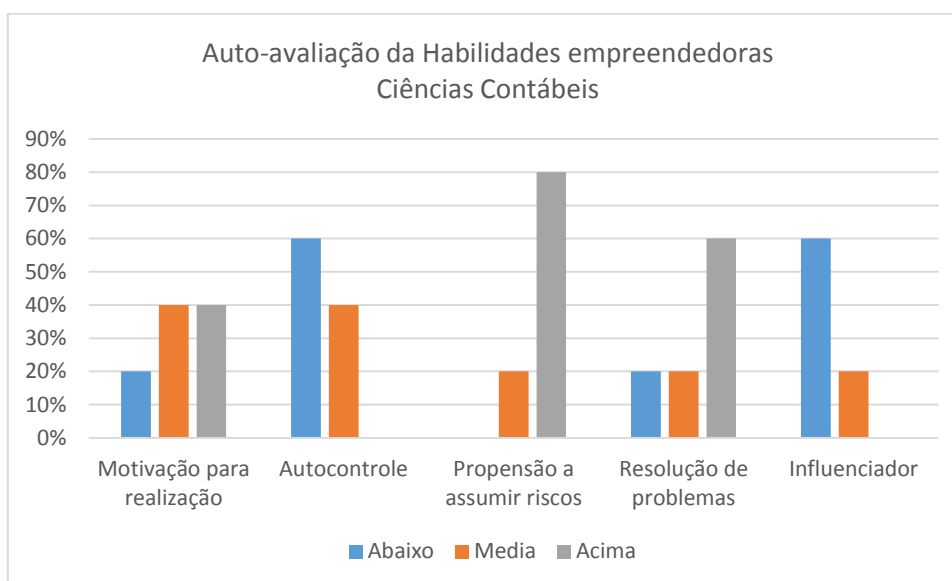
Fonte: elaborado pela autora.

Um aluno deste curso fez observações no espaço reservado para isso no questionário em relação a metodologia utilizada na disciplina. Segundo ele, a disciplina é oferecida muito no início do curso, e no final, quando os alunos percebem a importância da disciplina, alguns conceitos já se perderam.

De um modo geral, os números deste questionário apontam para alunos que se sentem satisfeitos e preparados para empreender.

No Questionário “Auto-avaliação do perfil empreendedor”, 20% dos alunos estão dentro do nível 3 de desenvolvimento do perfil empreendedor, e a maioria dos alunos, os demais 80% estão no nível 4 de desenvolvimento deste perfil.

Os alunos de Ciências Contábeis atingiram um alto percentual em relação a existência de um perfil empreendedor, sendo toda a amostra considerada dentro de níveis altos de desenvolvimento do empreendedorismo. Vale ressaltar que no momento de avaliação deste instrumento houve dúvida a respeito da veracidade das informações, uma vez que em dois questionários foram encontradas respostas iguais de pontuação atribuída para si mesmo, sem variação de notas em todas as características. Um dos alunos respondeu nota máxima 5 em todos os critérios e outro aluno de maneira semelhante lhe deu nota 4 em todos os critérios, podendo ter influenciado no resultado final.

Gráfico 16 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras – Ciências Contábeis

Fonte: elaborada pela autora.

No gráfico 16 acima estão os resultados do questionário 3. As habilidades *propensão a assumir riscos* e *resolução de problemas*, encontram-se com notas acima da média na maioria dos alunos, com 80% e 60% dos representantes respectivamente. As características *autocontrole* e *influenciador*, estão abaixo da média na maioria dos alunos, precisando ser mais desenvolvidas em 60% dos alunos em ambas habilidades. A *motivação para realização* aparece empatada com 40% dos alunos atingindo notas medianas e 40% com notas acima na média para esta habilidade.

Em relação ao ensino no curso de Ciências Contábeis, que é feito pelo mesmo professor do curso de Administração da U.2., pode-se ver uma metodologia mais voltada aos fundamentos do empreender do que do desenvolvimento das capacidades empreendedoras. Quando um aluno observa que ao final do curso, alguns conceitos já se perderam, e agora vemos na auto-avaliação das habilidades empreendedoras que a maioria dos alunos não sentem-se motivados para o ato de empreender, pode-se tirar dessas informações um possível despreparo para a atividade empreendedora, ou uma falta de maturidade para esta ação.

Todos os outros cursos analisados até então possuíam a habilidade *motivação para realização* com a maioria das notas acima da média, porém no curso de Ciências Contábeis essa característica ficou classificada abaixo da média. Sugere-se que os motivos deste resultado sejam investigados, uma vez que a *motivação para realização* está relacionada com o desejo de fazer algo acontecer, de atingir um alto padrão de realização de seus objetivos, e portanto, é uma habilidade impulsionadora do empreendedorismo, e a falta dela

pode ser vista como um desestímulo. Os fatores relacionados a este resultado podem ser internos ao curso ou à instituição de ensino, como podem ser externos, relacionados por exemplo com o atual cenário do empreendedorismo no Brasil, ou com as experiências de vida destes alunos.

- Superior de Biotecnologia:

O último curso a ser avaliado é o Superior de Biotecnologia, onde apenas um aluno compõe a amostra. Este aluno identifica o objetivo de desenvolvimento do perfil empreendedor no curso, e afirma que esta informação foi obtida após o início das aulas na instituição de ensino.

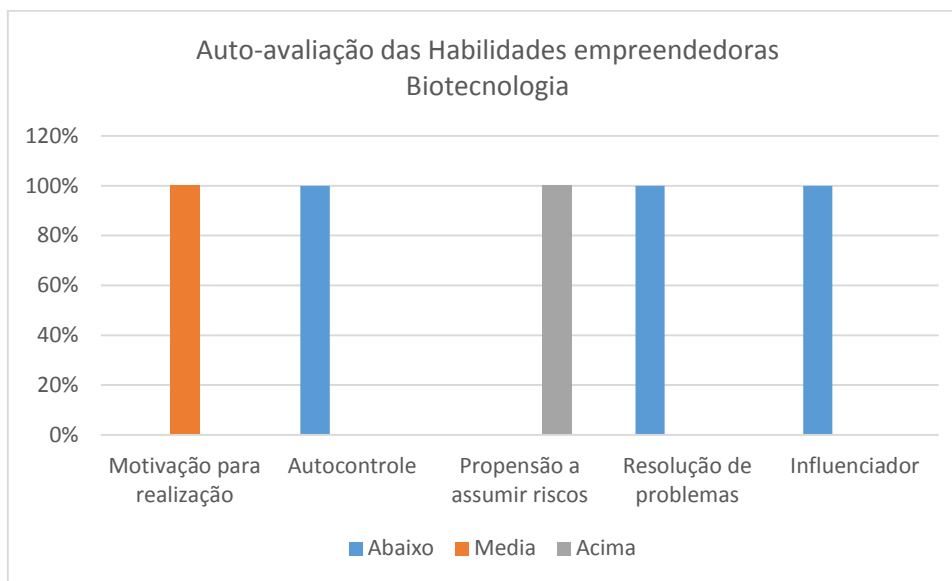
A metodologia utilizada foi avaliada de forma boa, e o interesse pelo desenvolvimento do perfil empreendedor avaliado como muito bom, embora seu empenho tenha sido classificado como bom.

A respeito dos resultados obtidos, o aluno se sente preparado para o ato de empreender, e julga estar razoavelmente satisfeito com esse resultado. Afirma ter frequentado outros espaços de desenvolvimento do perfil empreendedor e cita cursos extracurriculares. Além disso, ele julga como importante o ensino empreendedor nos cursos de graduação.

Este aluno também deixou observação no espaço destinado para isso no questionário. Segundo ele, a disciplina empreendedorismo é dada a distância, e não de forma presencial, o que dificulta assimilar o conteúdo, que fica muito teórico e pouco prático. Ele destaca ainda que pela importância que vê nesta disciplina para sua formação, ela não deveria ser dada dessa forma com ensino à distância.

Essa informação fornecida na observação pode ajudar a explicar o motivo possível para o fato deste aluno perceber-se preparado para empreender, porém não satisfeito de forma plena. Sua razoável satisfação pode estar ligada com a forma como foi conduzido o ensino do empreendedorismo, com uma metodologia avaliada de forma mediana por ele, ao que tudo indica, por ter sido utilizando o ensino a distância.

No questionário 2, de auto-avaliação do perfil empreendedor, este aluno alcançou o nível 3 de desenvolvimento, que diante das informações anteriores, acredita-se que este resultado está ligado mais com a percepção que tem sobre a teoria e os fundamentos do empreendedorismo.

Gráfico 17 – Auto-avaliação das Habilidades empreendedoras - Biotecnologia

Fonte elaborada pela autora.

Os resultados da auto-avaliação das habilidades empreendedoras estão no gráfico 6 acima.

O aluno apresentou a habilidade *motivação para realização* em cima da nota média; as habilidades *autocontrole*, *resolução de problemas* e *influenciador*, se encontram abaixo da nota média, e apenas a *propensão a assumir riscos* que está acima da média.

A análise dessas habilidades empreendedoras corrobora com os demais resultados para este aluno deste curso, de que há uma defasagem no sentido de desenvolvimento do empreendedorismo. O que se tem é um conhecimento acerca do tema, porém pouca maturidade na atividade empreendedora. Este aluno se classificou anteriormente como se sentindo preparado para empreender, e a única habilidade em que ele alcançou notas acima da média foi justamente a *propensão em assumir riscos*, ou seja, embora ele não apresente a maioria das habilidades necessárias para empreender, ele sente-se preparado e pode estar correndo o risco de se engajar em um empreendimento sem a maturidade necessária para tanto.

Este exemplo comentado acima, do empreendedorismo imaturo, aparece neste estudo em praticamente todos os cursos, com exceção do curso de Administração da U.1. dados como este são comuns de ser ver hoje em dia na realidade do ensino do empreendedorismo Brasileiro, o que contribui para a alta taxa de mortalidade dos novos empreendimentos que se vê no mercado de trabalho.

Com este resultado pode-se ver que apenas o curso de Administração da U.1. mostrou-se efetivo no desenvolvimento do empreendedorismo de forma mais plena, ou seja, englobando as habilidades necessárias para esta prática, saindo da esfera teórica dos fundamentos do empreendedorismo e atingindo a esfera comportamental dessa atividade, que em sua essência traz intrinsecamente a seu conceito, as dimensões de comportamento dos indivíduos chamados de empreendedores, segundo Filion (1999).

7. CONCLUSÃO

Retomando os objetivos propostos na introdução deste trabalho, a partir da avaliação dos cursos oferecidos por instituições de ensino superior das áreas da saúde, humanas e exatas da cidade de Ribeirão Preto, foi possível verificar a existência do ensino do empreendedorismo em poucos cursos, sendo a maioria deles pertencentes à área das ciências exatas, e ficando as ciências da saúde e humanas bastante carentes neste aspecto.

A baixa incidência do ensino empreendedor de maneira geral nas instituições de ensino superior levantadas, apontam para uma deficiência no desenvolvimento do empreendedorismo na sociedade envolvida, e ainda denunciam uma prática equivocada de educação empreendedora apenas para profissionais da área das ciências exatas, como se os demais profissionais de outras áreas não precisassem de conhecimento e habilidades empreendedoras.

Se os profissionais da área da saúde desenvolvessem habilidades e comportamentos empreendedores ao longo de sua formação, muitos problemas relacionados à administração de seus consultórios, clínicas, escritórios, consultorias, escolas, e projetos, portanto, as dificuldades na administração e viabilização das ideias, seriam sanadas, ou melhoradas, pois a atividade empreendedora se desenvolveria com maior maturidade e maior eficiência do que vemos nos dias de hoje, muitas vezes sem planejamento.

Dentro das instituições que ofereciam a disciplina de empreendedorismo, não ficou confirmado a efetividade do ensino empreendedor, com exceção de um único curso.

O curso em que o ensino empreendedor foi identificado como efetivo foi da área de humanas, de Administração da instituição identificada, por questões sigilosas, como U.1.

As metodologias utilizadas neste curso são correspondentes a práticas mais ativas de ensino, em que os alunos são agentes do próprio aprendizado. Um dos objetivos, não apenas da disciplina de empreendedorismo oferecida no curso, como também de todo o projeto pedagógico do mesmo, é o desenvolvimento do perfil empreendedor do aluno, sendo este buscado através do contato com a realidade da atividade empreendedora, e o aluno aprende “fazendo acontecer” um empreendimento. Dessa forma é possível que ele desenvolva não só os conceitos sobre empreendedorismo, como as habilidades necessárias para isso, e os caminhos a serem trilhados pelo empreendedor.

Nos demais cursos investigados, as práticas aplicadas visando desenvolver o perfil empreendedor nos alunos, não são coerentes com o que dizem as referências deste assunto, uma vez que ainda estão presas aos pressupostos teóricos do empreendedorismo, reforçando seus conceitos e fundamentos, em detrimento do desenvolvimento pleno do comportamento empreendedor. As metodologias de ensino utilizadas nas disciplinas aparecem em sua maioria como sendo metodologias mais ativas, utilizadas em parceria com uma metodologia tradicional de ensino, porém, mesmo com estratégias de ensino ativo, o objetivo de ensino fica sendo a parte conceitual e de entendimento da atividade empreendedora, e não o ato de empreender em si, que traz consigo habilidades e comportamentos necessários para compor o perfil do empreendedor.

O encontro da Educação Empreendedora dentro de uma das instituições de ensino investigadas, é uma das grandes contribuições deste trabalho para o meio acadêmico, pois se trata de uma metodologia que propicia de fato o desenvolvimento do empreendedorismo nos alunos.

A importância do ensino empreendedor ficou evidenciada em todo este estudo, não apenas visando estimular novos empreendimentos, mas por acreditar nas consequências positivas de uma sociedade mais empreendedora, onde o desenvolvimento chega a várias esferas, econômica, social, ambiental, educacional, e conseqüentemente a isso, com mais igualdade e melhor qualidade de vida.

Para futuras pesquisas e estudos sugere-se tentar descobrir novas metodologias e estratégias de ensino que possam auxiliar no desenvolvimento do perfil empreendedor nos indivíduos. Além disso, que sejam avaliados outros cursos de instituições de ensino, afim de descobrir tantas outras metodologias eficientes, e para que sejam avaliadas as práticas vigentes.

A relevância deste estudo torna-se notória na medida em que serve de análise e reflexão em alguns aspectos, como por exemplo: para os professores participantes que ministram as disciplinas de empreendedorismo, para que revejam suas práticas e busquem cada vez mais a efetividade do ensino empreendedor; para os coordenadores de curso e dirigentes da educação, para que reflitam sobre a importância do desenvolvimento do perfil empreendedor como objetivo de seus programas de ensino; para os alunos que poderão, a partir dos resultados obtidos, refletir sobre como está seu desenvolvimento em relação ao empreendedorismo; para a comunidade científica que muito pesquisa sobre a atividade empreendedora, mas que carece de estudos a respeito da educação empreendedora e da forma como esta prática vem sendo feita; e para a autora deste trabalho que admite ter se

desenvolvido muito tanto pessoalmente e profissionalmente a partir dos conhecimentos adquiridos nos caminhos deste estudo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Renato Fonseca; TORKOMIAN, Ana Lucia Vitale. Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. In: **Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, 2001. *Anais...* Londrina, PR, II EGEPE, p. 299-311. 2001.

AUSTIN, James; STEVENSON, Howard; WEI-SKILLERN, Jane. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? **Revista de Administração**, São Paulo, v.47, n.3, p.370-384, julho-setembro. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BIRLEY, Sue; MUZYKA, Daniel K. **Dominando os desafios do empreendedor**. São Paulo: Makron Books Ltda, 2001.

BULGACOV, Yara Lúcia M. ET AL. Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fulga da exclusão? **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.45, n.3, p.695-720, maio-junho. 2011.

CASTRO, Jose Manuel; MACHADO, Lucilia. Lições de África: o modelo curricular das escolas profissionais moçambicanas, o empreendedorismo e o desenvolvimento local. In: **Construir projectos, empreender carreiras: a formação, a orientação e o empreendedorismo**, Moçambique: Fundação Portugal, 2011.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Saraiva, 2006.

COSTA, Alessandra Mello; BARROS, Denise Franca; CARVALHO, José Luis Felício. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**, Curitiba, v. 15, n. 2, art. 1, p.179-197, março-abril. 2011.

CUNHA, Roberta Araújo Nascimento. A universidade na formação de empreendedores: a percepção prática dos alunos de graduação. In: **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, 28., 2004. *Anais...* Curitiba, PR, ANPAD, 2004. CD ROOM.

DANTAS, Edmundo Brandão. Empreendedorismo e intra-empendedorismo: é preciso aprender a voar com os pés no chão. **BOCC – Biblioteca online de ciência e comunicação**. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acessado em 12 nov 2013.

DE PAULA, Silvio Luiz; SANTOS, Claudinete de Fátima S. Oliveira; SILVA, Minelle Enéas. A evolução empreendedora no C.E.S.A.R.: o uso do intra-empendedorismo como subsídio para a incubação de novas empresas de base tecnológica. In: Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais, 14, 2011. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2011/artigos/E2011_T00099_PCN30497.pdf>. Acesso em 12 nov 2013.

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura, 1999.

DOLABELA, Fernandes. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa. 6ª ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. 3ª ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DOUGLAS, Evan J.; FITZSIMMONS, Jason R. Intrapreneurial intentions versus entrepreneurial intentions: distinct constructs with different antecedents. **Small Bus Econ**, v.41, p.115-132, 2013.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Innovations and entrepreneurship**: practice and principles. New York: Harper& How, 1986.

ESTEVAM, Artilene Barros Rabelo. Intra-Empendedor e Dimensão Cultural: um estudo com trabalhadores de uma empresa cearense. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.3, n.1, p.94-109, janeiro-junho, 2012.

FERREIRA, Paulo Gitirana Gomes; MATTOS, Pedro Lincoln C. Leão. Empreendedorismo e Práticas Didáticas nos ursos de Graduação em Administração: os estudantes levantam o problema. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação, 27., 2003. **Anais...**Rio de Janeiro, RJ, ANPAD, 2003.

FILLION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v.34, n.2, p.05-28, abril-junho. 1999.

FILLION, Louis Jacques. Entendendo os Intraempreendedores como visionistas. **Revista de Negócios**, Blumenau, v.9, n.2, p.65-80, abril-junho, 2004.

FRIEDLAENDER, G.M.S. **Metodologia de Ensino-Aprendizagem visando o comportamento empreendedor**. Tese de doutorado – UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina; Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87749/206008.pdf?sequence=1>>. Acessado em 10 junho 2013.

GAWELL, Malin. Social Entrepreneurship: Action Grounded in Needs, Opportunities and/or Perceived Necessities? **ISTR – International Society for Third Sector Research**. v.24, p.1071-1090, 2013.

GEM – GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo**. 2012. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org/docs/download/221>>. Acessado em: 17 junho 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DA QUALIDADE E PRODUTIVIDADE. Disponível em: <http://www.ibqp.org.br/gem/>>. Acessado em: 21 maio 2011.

JORGE, José Tadeu; LOTUFO, Roberto de Alencar; CORTEZ, Luís. A cultura do empreendedorismo e a gestão da propriedade intelectual no ambiente universitário: a experiência da universidade estadual de Campinas. **UNICAMP**. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Empreendedorismo/433804.html>>. Acesso em: 21 junho 2012.

LEITE, Elaine da Silveira; MELO, Natália Maximo. Uma nova noção de empresário: a naturalização do “empreendedor”. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v.16, n.31, p.35-47. 2008.

LEITE, Elaine da Silveira. **O fenômeno do Empreendedorismo: criando riquezas**. Recife, Editora Bargaço, 2000.

LIZOTE, Suzete Antonieta; LANA, Jeferson; GAUCHE, Susana; VERDINELLI, Miguel Angel. Comportamento Intraempreendedor: um estudo em instituições de ensino superior. **Revista GUAL - Gest-ó Universitária na América Latina**. Florianópolis, v.6, n.1, p.233-252, janeiro, 2013.

LOPES, Rose (org). **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. 1ª ed., Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

MARTENS, Cristina Dai Prá; FREITAS, Henrique. Influência do ensino de empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes. **Estudo & Debate**, Lajeado, v.15, p.71-95. 2008.

MARTES, Ana Cristina Braga. Weber e Shumpeter: a ação econômica do empreendedor. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v.30, n.2, p.254-270, abril-junho. 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org.). (2001). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes.

PINCHOT III, Gifford. **Intrapreneuring – Why you don't have to leave the corporation to become**. 1ª ed., New York: Harper & Row, 1985.

PREFEITURA DE RIBEIRÃO PRETO. Disponível em: <www.ribeiraopreto.sp.gov.br>. Acessado em: 02 setembro 2013.

REDFORD, Dana. Entrepreneurship education in Portugal: 2004/2005 national survey. **Comportamento Organizacional e Gestão**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.19-41. 2006.

SANTOS, Susana Correia; CAETANO, Antonio; CURRAL, Luís. Atitudes dos estudantes universitários face ao empreendedorismo. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, Lisboa, v.9, n.4, p.2-14, outubro-dezembro. 2010.

SCHMIDT, Serje; BOHNENBERGER, Maria Crsitina. Perfil empreendedor e Desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea, RAC**, Curitiba, v.13, n.3, art.6, p.450-467, julho-agosto. 2009.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Disponível em: <www.sebrae.com.br>. Acessado em 21 maio 2011.

SILVA, Marco Antonio Oliveria Monteiro; CORREIA, Manuela Faia; SCHOLTEN, Marc; GOMES, Luiz Flavio Autran Monteiro. Cultura nacional e orientação empreendedora: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal. **Comportamento Organizacional e Gestão**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.65-84. 2008.

SOUZA, Eda Castro Lucas; GUIMARÃES, Tomás de Aquino (Organizadores). **Empreendedorismo além do plano do negócio**. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

ZOUAIN, Moraes Deborah; OLIVEIRA, Fátima Bayma; BARONE, Francisco Marcelo. Construindo o perfil do jovem empreendedor brasileiro: relevância para a formulação e implementação de política de estímulo ao empreendedorismo. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.41, n.4, p.797-807, julho-agosto. 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed; Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – SOLICITAÇÕES DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA À COORDENADORA DE GRADUAÇÃO DA U.

Ilma Sra.

Profa.

Coordenadora de graduação da U.

Solicitamos junto a Vossa Senhoria a autorização para realizar um estudo que tem como objetivo avaliar os cursos oferecidos por instituições de ensino superior das áreas da saúde, humanas e exatas da cidade de Ribeirão Preto, para verificar se possuem ou não conteúdos voltados ao desenvolvimento do empreendedorismo, e checar a efetividade dos mesmos.

Trata-se de uma pesquisa que contará com os coordenadores dos cursos que possuem como objetivo o ensino empreendedor, os professores que lecionam as disciplinas sobre empreendedorismo, e os alunos regularmente matriculados nestes cursos de graduação e que foram aprovados nestas disciplinas. Os coordenadores e professores responderão a entrevista semiestruturada, e os alunos a um questionário de auto avaliação, portanto, não ocorrerão procedimentos invasivos ou potencialmente lesivos, direcionado a você ou a qualquer outro indivíduo. No entanto, por tratar-se de informações pessoais, o consentimento livre e esclarecido de cada um será necessário. Ao participante será garantida a liberdade da retirada do consentimento a qualquer momento, e deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo nesta instituição.

Diante da importância reservada às questões de pesquisa neste município, reiteramos tal solicitação nos comprometendo a cumprir todas as questões éticas envolvidas na ação e resultados.

Atenciosamente,

Prof^a Dr^a Daniela Costa Carnio Marasea
Pesquisadora responsável - orientadora

Nicole Maset Fernandes - Pesquisadora

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA AOS
COORDENADORES DE CURSO DE GRADUAÇÃO DA U.**

Ilma Sra.

Profa. Dr(a).

Coordenadora curso de

Solicitamos junto a Vossa Senhoria a autorização para realizar um estudo que tem como objetivo avaliar os cursos oferecidos por instituições de ensino superior das áreas da saúde, humanas e exatas da cidade de Ribeirão Preto, para verificar se possuem ou não conteúdos voltados ao desenvolvimento do empreendedorismo, e checar a efetividade dos mesmos.

Trata-se de uma pesquisa que contará com os coordenadores dos cursos que possuem como objetivo o ensino empreendedor, os professores que lecionam as disciplinas sobre empreendedorismo, e os alunos regularmente matriculados nestes cursos de graduação e que foram aprovados nestas disciplinas. Os coordenadores e professores responderão a entrevista semiestruturada, e os alunos a um questionário de auto avaliação, portanto, não ocorrerão procedimentos invasivos ou potencialmente lesivos, direcionado a você ou a qualquer outro indivíduo. No entanto, por tratar-se de informações pessoais, o consentimento livre e esclarecido de cada um será necessário. Ao participante será garantida a liberdade da retirada do consentimento a qualquer momento, e deixar de participar do estudo sem qualquer prejuízo nesta instituição.

Diante da importância reservada às questões de pesquisa neste município, reiteramos tal solicitação nos comprometendo a cumprir todas as questões éticas envolvidas na ação e resultados.

Atenciosamente,

Prof^a Dr^a Daniela Costa Carnio Marasea
Pesquisadora responsável - orientadora

Nicole Maset Fernandes - Pesquisadora

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos interessados em estudar como vem sendo feito o ensino do empreendedorismo no ambiente universitário. No caso de alguns países, sabemos que o estímulo ao empreendedorismo ocorre já nos cursos de graduação, e no caso do Brasil, não encontramos muitos estudos que tivessem ainda abordado tal estudo no âmbito acadêmico. As faculdades de Ribeirão Preto foram escolhidas devido a cidade ser um centro universitário e ainda ser o centro da região que mais se desenvolve economicamente hoje no Brasil, e segundo alguns dados do governo, esse desenvolvimento está ligado às atitudes empreendedoras encontradas na região.

Nesse estudo pretendemos avaliar os cursos oferecidos por faculdades da área da saúde, humanas e exatas da cidade de Ribeirão Preto, para verificar se possuem ou não matérias voltadas para o desenvolvimento do empreendedorismo, e no caso das que possuem, checar a efetividade deste ensino.

Pedimos a sua colaboração no sentido de participar, de modo voluntário, deste estudo:

() Professores das disciplinas de empreendedorismo e Coordenadores de curso;

Caso você concorde vamos precisar de um encontro, de cerca de 60 minutos, no qual você participará de uma entrevista com questões a respeito do desenvolvimento do empreendedorismo no curso que você leciona ou coordena. E ainda, caso concorde, essa entrevista será gravada para posterior transcrição.

() Alunos que já finalizaram as disciplinas sobre empreendedorismo;

Caso você concorde vamos precisar de um encontro, durante uma de suas aulas, mediante autorização de sua faculdade, em que você responderá a três instrumentos, sendo um deles um questionário sobre sua percepção a respeito da educação empreendedora recebida, e outros dois, instrumentos validados de auto avaliação do perfil empreendedor.

Os instrumentos serão aplicados em local e horário convenientes para você e para a instituição que pertence. Não haverá qualquer tipo de despesas com as atividades ou material, e ainda, as atividades serão realizadas na própria instituição de ensino, preservando a sua disponibilidade e a não interferência com a sua rotina diária. Essas atividades não trazem riscos nem exposição. Você não será identificado. Tomaremos todos os cuidados para garantir o sigilo das informações. A qualquer momento você poderá desistir da participação neste estudo, sem nenhum constrangimento ou ônus, devendo apenas devolver os instrumentos que lhe foram concedidos sem preencher ou incompletos, no caso dos alunos, e no caso dos professores e coordenadores, solicitar durante a entrevista que seja excluída sua participação.

Informamos que a Universidade de Ribeirão Preto está isenta de qualquer responsabilidade sobre o estudo, que está sendo desenvolvido como um trabalho de pós-graduação.

Esta é uma atividade de pesquisa, e não é um atendimento psicológico. Mas caso você tenha interesse, poderemos conversar sobre os dados, mediante solicitação direta via e-mail. Coloco-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Ribeirão Preto, 15 de novembro de 2013.

Nicole Maset Fernandes
Psicóloga
e-mail: nicolemaset@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Daniela Costa Carnio Marasea
Psicóloga e Orientadora
e-mail: danicarnio@unaerp.br

AUTORIZAÇÃO:

Tendo recebido informações sobre o projeto de pesquisa “*O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO: UM ESTUDO DE CASO NAS ÁREAS DA SAÚDE, EXATAS E HUMANAS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO INTERIOR PAULISTA*”, eu _____,
RG _____, me disponho a participar da pesquisa .

Ribeirão Preto, _____ de _____ de _____.

Assinatura

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM PROFESSORES E COORDENADORES DE CURSO.

Roteiro de Entrevista para Professores:

- a) Nome:
- b) Curso de graduação que dá aula:
- c) Qual o nome da(s) disciplina(s) ministradas pelo Sr.(a) neste curso que tem como um dos objetivos desenvolver o perfil empreendedor nos alunos?
- d) O que o Prof.(a) pensa sobre a prática que algumas instituições de ensino superior possuem, de estimular o desenvolvimento do perfil empreendedor nos alunos da graduação?
- e) Quais metodologias de ensino são utilizadas pelo Sr.(a) nessas disciplinas, visando o cumprimento do objetivo de desenvolver o perfil empreendedor nos alunos?
- f) O que o Prof.(a) sente sobre o interesse dos alunos às atividades propostas?
- g) O que o Prof.(a) sente sobre a dedicação e empenho dos alunos às atividades propostas?
- h) O que o Prof.(a) sente sobre os resultados alcançados ao final da disciplina?
- i) Como é feita a avaliação para que o Prof.(a) comprove a eficiência desses métodos?
- j) Além da disciplina, existe outro meio, espaço ou incentivo, que o Prof.(a) conheça, que esta Instituição de Ensino Superior disponibilize aos alunos visando o desenvolvimento do empreendedorismo?

Roteiro de Entrevista para Coordenadores:

- a) Nome:
- b) Curso de graduação que coordena:
- c) Quais as disciplinas ministradas neste curso tem como um dos objetivos desenvolver o perfil empreendedor nos alunos?
- d) O que o Prof.(a) pensa sobre a prática que algumas instituições de ensino superior possuem, de estimular o desenvolvimento do perfil empreendedor nos alunos da graduação?
- e) Em relação à matriz curricular deste curso de graduação. Existe alguma alteração que o Sr.(a) faria em relação ao objetivo de desenvolvimento do empreendedorismo?
- f) Em relação às metodologias de ensino utilizadas. Existe alguma recomendação dada pelo Sr.(a) para que seja utilizada alguma determinada metodologia de ensino?
- g) O que o Coord.(a) sente sobre os resultados alcançados para este objetivo específico?
- h) Além das disciplinas, existe outro meio, espaço ou incentivo, que o Coord.(a) conheça, que esta Instituição de Ensino Superior disponibilize aos alunos visando o desenvolvimento do empreendedorismo?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS.

Questionário: (apenas alunos dos cursos que possuem as disciplinas de empreendedorismo)

a) Curso da graduação que pertence:

b) Semestre que está cursando:

Em relação a sua experiência durante o curso de graduação, por favor responda:

c) Você reconhece existir o objetivo de desenvolver o perfil empreendedor nos alunos neste curso de graduação?

1 – Sim

2 – Não

d) Em caso afirmativo da questão anterior, você teve esse conhecimento em que momento?

1 – Já na escolha da faculdade, antes do início das aulas.

2 – No decorrer do curso depois que já havia iniciado as aulas.

e) Como você avalia a metodologia de ensino utilizada nas disciplinas que visam desenvolver o perfil empreendedor nos alunos?

1 – Muito ruim

2 – Ruim

3 – Boa

4 – Muito boa

5 – Excelente

f) Como você avalia seu interesse pelas disciplinas que visam desenvolver o perfil empreendedor nos alunos?

1 – Muito ruim

2 – Ruim

3 – Bom

4 – Muito bom

5 – Excelente

g) Como você avalia seu empenho e dedicação nas disciplinas que visam desenvolver o perfil empreendedor nos alunos?

1 – Muito ruim

2 – Ruim

3 – Bom

4 – Muito bom

5 – Excelente

h) Nesse momento do curso em que está, você sente que está saindo da graduação preparado para o ato de empreender?

1 – De jeito nenhum

2 – Pouco

3 – Razoável

4 – Sim, me sinto preparado

5 – Com certeza, muito preparado

i) Você está satisfeito com o resultado alcançado por você em relação a sua preparação para o ato de empreender?

1 – Nada satisfeito

2 – Pouco satisfeito

3 – Razoavelmente satisfeito

4 – Satisfeito

5 – Extremamente Satisfeito

j) Além das disciplinas, você frequentou algum outro espaço fornecido pela faculdade, no qual julga ter te auxiliado no desenvolvimento do perfil empreendedor?

1 – Sim. Qual? _____

2 – Não

k) Como você julga a importância de Instituições de Ensino Superior que tentem desenvolver o perfil empreendedor nos alunos de graduação?

1 – Nada importante

2 – Pouco importante

3 – Razoavelmente importante

4 – Importante

5 – Extremamente importante

l) Fique à vontade para fazer quaisquer observações que julgue relevante ao tema dessa pesquisa, caso queira.

APÊNDICE E – TESTE “AUTO-AVALIAÇÃO DO PERFIL EMPREENDEDOR.

1. Atribua à sua pessoa uma nota de 1 a 5 para cada uma das características a seguir e escreva a nota na última coluna.
2. Some as notas obtidas para todas as características.
3. Analise seu resultado global com base nas explicações ao final.
4. Destaque seus principais pontos fortes e pontos fracos
5. Quais dos pontos fortes destacados são mais importantes para o desempenho de suas atribuições atuais na empresa?
6. Quais dos pontos fracos destacado deveriam ser trabalhados para que o seu desempenho na empresa seja melhorado? É possível melhorá-los?

Características	Excelente	Bom	Regular	Fraco	Insuficiente	Nota
	5	4	3	2	1	
<i>Comprometimento e determinação</i>						
1. Proatividade na tomada de decisão						
2. Tenacidade, obstinação						
3. Disciplina, dedicação						
4. Persistência em resolver problemas						
5. Disposição ao sacrifício para atingir metas						
6. Imersão total nas atividades que desenvolve						
<i>Obsessão pelas oportunidades</i>						
7. Procura ter conhecimento profundo das necessidades dos clientes						
8. É dirigido pelo mercado (market drive)						

9. Obsessão em criar valor e satisfazer aos clientes						
<i>Tolerância ao risco, ambiguidade e incertezas</i>						
10. Toma riscos calculados (analisa tudo antes de agir)						
11. Procura minimizar os risco						
12. Tolerância às incertezas e falta de estrutura						
13. Tolerância ao estresse e conflitos						
14. Hábil em resolver problemas e integra soluções						
<i>Criatividade, autoconfiança e habilidade de adaptação</i>						
15. Não-convencional, cabeça aberta, pensador						
16. Não se conforma com o status quo						
17. Hábil em se adaptar as novas situações						
18. Não tem medo de falhar						
19. Hábil em definir conceitos e detalhar ideias						
<i>Motivação e superação</i>						
20. Orientação a metas e resultados						
21. Dirigido pela necessidade de crescer e atingir melhores resultados						
22. Não se preocupa com o status e poder						
23. Autoconfiança						
24. Ciente de suas fraquezas e forças						
25. Tem senso de humor e procura estar animado						
<i>Liderança</i>						
26. Tem iniciativa						
27. Poder de autocontrole						
28. Transmite integridade e confiabilidade						
29. É paciente e sabe ouvir						
30. Sabe construir times e trabalhar em equipe						
TOTAL						

Some as notas e analise seu desempenho:

120 a 150 pontos: Você provavelmente já é um empreendedor, possui características comuns aos empreendedores e tem tudo para se diferenciar em sua organização.

90 a 119 pontos: Você possui muitas características empreendedoras e às vezes se comporta como um, porém pode melhorar ainda mais se equilibrar os pontos ainda fracos com os pontos fortes.

60 a 89 pontos: Você ainda não é muito empreendedor e provavelmente se comporta, na maior parte do tempo, como um administrador tradicional e não um “fazedor”. Para se diferenciar e começar a praticar atitudes empreendedoras procure analisar os seus principais pontos fracos e definir estratégias pessoais para eliminá-los.

Menos de 59 pontos: Você não é empreendedor e, se continuar a agir como age dificilmente será um. Isso não significa que você não tenha qualidades, apenas que prefere seguir a ser seguido. Se sua posição na empresa exigir um perfil mais empreendedor, reavalie sua carreira e seus objetivos pessoais.

APÊNDICE F – TESTE “AUTO-AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES EMPREENDEDORAS”

Para cada questão, faça um círculo na resposta que está mais adequada às suas crenças ou ações, mesmo que aparentemente não tenham algo em comum com o que você faz/gosta de fazer. Esteja certo de selecionar aquela que você acredita ser a mais verdadeira, em vez da que gostaria que fosse verdade. Mais uma vez cabe frisar que não existe respostas certas ou erradas e a ideia aqui é avaliar como você observa seu ambiente...**Seja rápido, não pondere!**

1. Eu acredito que as pessoas que conheço e que são bem-sucedidas nos negócios:

- a. têm bons contatos
- b. são mais habilidosas/espertas que eu
- c. são parecidas comigo, mas talvez trabalhem mais arduamente

2. Eu gosto:

- a. de ser fiel aos meus amigos e colegas
- b. de ser muito sistemático em meu trabalho
- c. de fazer o meu melhor em qualquer trabalho que eu assumo

3. Se eu chego em casa para descansar e ter uma noite relaxante e descubro que a pia da cozinha está com vazamento:

- a. eu estudo o guia de “faça você mesmo” para ver se consigo consertar o problema
- b. eu convenço um amigo a arrumar a pia para mim
- c. eu ligo para um encanador

4. Em relação aos valores individuais, eu sinto que:

- a. a maioria das pessoas recebe o respeito que merece
- b. o valor individual das pessoas passa despercebido independentemente de quanto as pessoas trabalham
- c. os outros são quem determinam de forma significativa o valor de uma pessoa

5. Meu objetivo na vida é:

- a. fazer uma grande quantidade de realizações bem-sucedidas

- b. servir ao meu país
- c. atingir um alto *status* na sociedade

6. Se eu tivesse uma noite livre, eu iria:

- a. assistir a um programa de TV.
- b. visitar um amigo
- c. praticar um *hobby*

7. Se um funcionário que é meu amigo não estivesse fazendo seu trabalho corretamente:

- a. eu o convidaria para um drinque, falaria genericamente que as coisas não estavam indo bem e esperaria que ele captasse a mensagem
- b. eu o deixaria sozinho e teria esperança de que ele se acertasse
- c. eu daria a ele um forte aviso e o demitiria se ele não se acertasse

8. Eu acho:

- a. que é difícil saber se uma pessoa gosta ou não de você
- b. que o número de amigos que tenho depende de quão legal eu sou
- c. desenvolver relacionamentos duradouros é geralmente perda de tempo

9. Em meus sonhos diários, eu pareço geralmente como:

- a. um milionário em um iate
- b. um detetive que resolveu um caso difícil
- c. um político discursando para comemorar uma vitória

10. Eu prefiro jogar:

- a. banco imobiliário
- b. roleta-russa
- c. bingo

11. Eu frequentemente desejo ser:

- a. um trabalhador solitário que ajuda os pobres
- b. bem-sucedido fazendo algo significativo
- c. um verdadeiro devoto de Deus

12. Eu acho que por prazer e felicidade as pessoas devem:

- a. fazer caridades
- b. conseguir as básicas amenidades da vida
- c. enfatizar as realizações das pessoas

13. Eu frequentemente desejo:

- a. ser um realizador social popular
- b. ser um grande líder político
- c. fazer algo de grande significância

14. As coisas ruína que nos acontecem são:

- a. o resultado de falta de habilidade, ignorância, preguiça ou todas as três
- b. balanceadas por coisas boas
- c. inevitáveis, e devem ser aceitas como são

15. Para fazer exercícios eu prefiro:

- a. entrar em um clube/academia
- b. participar de um time/equipe da vizinhança
- c. fazer caminhada no meu ritmo

16. Quando convidado para trabalhar em grupo, eu aceitaria com muito prazer:

- a. outras pessoas que venham com boas ideias
- b. cooperar com outros
- c. tentar encontrar outras pessoas para fazer o que eu quero

17. Se meu chefe me pedisse para assumir um projeto decadente, eu:

- a. o assumiria
- b. não assumiria se já tivesse cheio de trabalho
- c. daria a ele uma resposta em poucos dias após levantar mais informações

18. Para ser bem-sucedido, eu preciso:

- a. dar um jeito de estar no lugar certo, na hora certa
- b. estar atento para influenciar os outros a fazerem as coisas como eu desejo
- c. trabalhar arduamente, porque não tem como lidar ou esperar pela sorte

19. Em qualquer trabalho que assumo:

- a. eu gosto de fazer planos avançados
- b. eu gosto de fazer o meu melhor
- c. eu gosto de assumir total responsabilidade

20. Eu sou mais feliz quando:

- a. estou fazendo os outros felizes
- b. sou bem-sucedido em meu trabalho
- c. sou o centro das atenções dos outros

21. Na escola eu preferia escolher cursos com ênfase em:

- a. trabalhos práticos
- b. em artigos, pesquisa e leitura
- c. provas, exames, testes

22. Ao comprar um refrigerador eu:

- a. escolheria uma marca conhecida e tradicional
- b. perguntaria aos meus amigos o que eles compraram
- c. compararia as vantagens de diferentes marcas

23. Eu acho que:

- a. o mundo é tocado por poucas pessoas com o poder e não há muito que os pequenos possam fazer
- b. o cidadão mediano pode ter uma influência nas decisões do governo ou dos que detêm o poder
- c. as decisões do governo e dos que detêm o poder são baseadas apenas no que é correto para a maioria

24. Eu preferiria:

- a. comprar um bilhete de loteria
- b. apostar em um jogo de futebol
- c. jogar uma partida de truco

25. Quando me encontro envolvido em situações complicadas:

- a. procuro ajuda de outros que estão mais bem preparados para lidar com a situação
- b. me retiro da situação
- c. cuidadosamente avalio a situação e busco respostas razoáveis

26. Meu relacionamento com os outros é reforçado quando:

- a. as outras pessoas tem os mesmos objetivos que eu tenho
- b. eu posso influenciar os outros para alcançar meus objetivos
- c. as outras pessoas tem objetivos que não entram em conflito com os meus

27. Se estou em viagem de negócios com horário marcado para um reunião e meu vôo atrasa, pousando em uma cidade vizinha:

- a. eu alugo um carro e tento chegar ao destino final
- b. aguardo pelo próximo vôo
- c. reagendo a reunião

28. Em relação à minha vida:

- a. eu às vezes não tenho controle suficiente sobre o rumo que está tomando
- b. meus pais sempre terão controle sobre minhas principais decisões
- c. o que acontece comigo é devido a mim mesmo

29. No passado eu estabeleci metas que requeriam:

- a. um tempo exorbitante e um esforço tremendo para serem atingíveis
- b. um alto nível de performance, mas metas atingíveis
- c. um esforço mínimo para serem atingidas

30. Eu prefiro colegas de trabalho que:

- a. são capazes de se adaptar ou mudar
- b. lutam por aquilo que acreditam ser correto
- c. são inexpressivos e altamente suscetíveis a sugestões

31. Ao fazer exames/testes no colégio, eu descobri:

- a. que se os estudantes estão bem preparados, dificilmente um teste é injusto

- b. estudar geralmente é inútil porque as questões dos exames geralmente não são relacionadas ao conteúdo do curso
- c. os exames são injustos para todos os estudantes

32. Eu topo jogar cartas quando:

- a. jogo com bons amigos
- b. jogo com pessoas que me desafiam
- c. jogo por altas apostas

33. Supondo que eu tivesse um pequeno negócio de limpeza, quando um amigo e competidor meu morre subitamente:

- a. eu garanto à sua esposa que nunca tentarei pegar seus clientes
- b. eu oferecerei o suporte necessário até que a empresa de meu ex-competidor se recupere
- c. vou até o escritório do meu ex-competidor e faço uma proposta para comprar a empresa dele.

34. Quando trabalho em grupo:

- a. eu tento influenciar pessoalmente os resultados
- b. eu me sinto inibido pelos outros e faço os outros atingirem os resultados
- c. eu trabalho arduamente para ajudar os líderes do grupo

35. Como membro do comitê de um novo projeto, se me deparo com uma grande falha, minha reação é:

- a. encontrar e responsabilizar outros membros devido à sua participação no projeto
 - b. assumir minha parte no problema e dar continuidade ao projeto
 - c. tentar justificar as falhas com pensamentos positivos
-

Pontuação – Atribua 1 ponto para cada resposta sua que corresponda às respostas da tabela a seguir:

1c	7a	13c	19b	25c	31a
2c	8b	14ª	20b	26b	32b
3ª	9b	15c	21a	27ª	33c
4ª	10a	16c	22c	28c	34a
5ª	11b	17c	23b	29b	35b
6c	12c	18c	24c	30ª	

Auto-avaliação das habilidades empreendedoras:

Motivação para a realização

Questões 2, 5, 11, 12, 13, 19, 20

(baixo)_____1_____2_____3_____4_____5_____6_____7_____ (alto)

Autocontrole

Questões 4, 8, 14, 18, 23, 28, 31

(baixo)_____1_____2_____3_____4_____5_____6_____7_____ (alto)

Propensão a assumir riscos

Questões 7, 10, 17, 22, 24, 29, 35

(baixo)_____1_____2_____3_____4_____5_____6_____7_____ (alto)

Resolução de problemas

Questões 3, 6, 9, 15, 21, 25, 27

(baixo)_____1_____2_____3_____4_____5_____6_____7_____ (alto)

Influenciador

Questões 1, 16, 26, 30, 32, 33, 34

(baixo)_____1_____2_____3_____4_____5_____6_____7_____ (alto)

Explicação das categorias de auto-avaliação do potencial empreendedor**Motivação para realização**

Um desejo de fazer acontecer, de atingir um alto padrão de realização/atingimento de objetivos.

Autocontrole (do destino)

Sentimento de influenciar o curso dos eventos da sua vida. O destino é definido mais por algo interno da pessoa do que devido a fatores externos.

Propensão a assumir riscos

Tomar riscos calculados e buscar informações antes de agir. Desejo de ser responsável pelas ações.

Resolução de problemas

Alguém que sabe resolver problemas de forma realista e toca uma operação/negócio sem necessitar de muita ajuda dos outros

Influenciador

Aquele que encontra pessoas que o ajudam a satisfazer seus próprios objetivos. Sabe convencer as pessoas a trabalharem para a realização de um objetivo estipulado por ele.

APÊNDICE G – CATEGORIZAÇÃO DAS DIMENSÕES PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1

Coordenador do curso de Administração da U.1.

Dimensão: Estruturação do Curso

- projeto integrado com todas disciplinas da oitava etapa;
- sem ser essa disciplina, vários projetos ao longo do curso;
- 60% a 70% das disciplinas, de forma direta ou indireta, contribuem para ações empreendedoras;
- começam desde a terceira etapa;
- interface com o mercado;
- incentivo para o Desafio Empreendedor Sebrae é pouco aproveitado;
- incentivo para participação em feiras de empreendedorismo é pouco aproveitado;
- empresa junior promove empreendedorismo mas não foi criada pra isso.

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- muito interessante;
- importante pelo aprendizado e pela formação profissional.

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- bastante interessante;
- importância de se conhecer a realidade para a formação;
- importante do ponto de vista da gente melhorar a sociedade.

Dimensão: Realidade Brasileira

- ações empreendedoras estão ligadas desde o início mais simples de uma empresa;
- a grande composição das empresas no Brasil são as micro e pequenas empresas;
- alunos precisam entender as dificuldades existentes no mercado;
- pequenas e micro empresas responsáveis pela geração de emprego.

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- metodologias de aprendizagem ativa;

- métodos ativos partem do princípio da interação, resolução de problemas, experenciar situações muito próximas do real;
- alunos precisam entender as dificuldades existentes no mercado;
- teoria é muito importante, tem que estar embasado, prática sem teoria é vago;
- a orientação é para buscar métodos diferentes;
- pra cada situação métodos diferentes;
- propiciar trabalho em equipe, compreensão, e raciocínio lógico, associados ao empreendedorismo;
- partidário que a gente possa adotar vários métodos.

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- resultados tímidos;

Dimensão: Dificuldades encontradas

- a cultura ainda é empresarial nesse país;
- predominância do pensamento que associa o sucesso profissional ligado a uma grande empresa ou multinacional;
- quando o aluno não empreende, ele deixa de ajudar a comunidade local dele que poderia ajudar;
- há oportunidades, mas que são barradas por essa cultura empresarial.

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- gostaria que o aluno tivesse logo na primeira etapa contato com essas questões da formação empreendedora;
- chegar a um número de 50% a 60% de alunos egressos que empreendem;
- projeto para o futuro é o núcleo empreendedor. Um núcleo matricial que dê subsídios, que englobe mercado, universidade, todos os cursos e a sociedade;
- intercâmbio entre alunos de diferentes cursos.

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

- preocupação com uma sociedade mais justa, mais igualitária, com o ambiente;
- contribuições mais locais socialmente falando.

Entrevista 2

Coordenador do curso de Engenharia de Produção

Dimensão: Estruturação do Curso

- disciplina chama-se Empreendedorismo;
- outras disciplinas que também contribuem é Processo de desenvolvimento de produtos, e Gestão de tecnologia.
- Empreendedorismo na oitava etapa, mas a Gestão de Tecnologia é na sexta etapa;
- matriz curricular é nova, mas já havia empreendedorismo antes e o corpo docente julga estar bem estruturado;
- essa disciplina é comum ao curso de Administração;
- participação de alunos ne empresa junior da Administração.

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- contribuição importante;
- inclusão da matéria por inclusão não nos diz nada, tem que pensar no perfil do egresso.

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- elemento impulsionador da geração de novos negócios no Brasil;
- muito importante.

Dimensão: Realidade Brasileira

- no Brasil ainda é muito incipiente;
- no Brasil ainda tem-se muitos empreendedores informais e a taxa de mortalidade das empresas é muito alta.

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- que permita, viabilize, o possível empreendedor;
- que fomente a ideia que empreendedorismo é uma coisa legal, que faça o olho do aluno brilhar;
- professor livre na metodologia, mas tenha o objetivo de mostrar o porquê é importante empreender.
- construção do plano de negócios;
- comparações entre Brasil e outros países;

- identificar o perfil de cada aluno quanto ao empreendedorismo.

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- resultados são parciais;
- resultados acontecem sim, mas são ainda muito pontuais;
- embora consiga formar um egresso com conhecimento empreendedor, não necessariamente ele se torna um empreendedor.

Dimensão: Dificuldades encontradas

- realidade e cultura Brasileira;
- empresas não tem maturidade pra realidade do empreendedorismo no Brasil.

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- de ver resultados com mais intensidade;

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

- empreendedorismo no Brasil de uma forma mais madura.

Entrevista 3

Coordenador do curso de Sistemas de Informação.

Dimensão: Estruturação do Curso

- disciplina Empreendedorismo ministrada na quinta etapa;
- matriz nova, mas no nosso curso sempre teve a disciplina de empreendedorismo;
- o empreendedorismo sempre foi finalidade nesse curso;
- disciplina por professores da Administração;
- algumas iniciativas com a empresa junior da Administração, mas ainda é um espaço informal.

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- a realidade da nossa profissão é que inclina para o trabalho de consultoria e autônomo, inclina a abertura da própria empresa;

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- muito importante.

Dimensão: Realidade Brasileira

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- criar habilidades e competências proativas e de criatividade;
- atividade prática de construir um plano de negócios.

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- é importante até para habilidade de negociação (negociar remuneração com empresas);

Dimensão: Dificuldades encontradas

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- queria mais carga horária, mas não tem como dimensionar uma carga horária maior;

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

Entrevista 4

Coordenador do curso Superior em Biotecnologia.

Dimensão: Estruturação do Curso

- empreendedorismo faz parte do projeto pedagógico do curso;
- em diferentes disciplinas trabalha-se a possibilidade de desenvolver negócios;
- matriz curricular nova;
- empreendedorismo em disciplinas como Administração, Plano de Negócio, Marketing, Liderança e Empreendedorismo;
- dentro do projeto pedagógico do curso;
- além da disciplina não temos nenhum outro espaço formal.

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- fundamental;
- aqui é o caminho de passagem para que ele tenha ideias e tenha formação pra alcançar seus objetivos;

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- uma atitude natural e mais do que necessária;
- o Brasileiro é inovador, porém não empreendedor
- mais do que necessário e chega tarde;
- despertar realmente em todos os cursos da universidade;
- alguns cursos acho que necessitam mais do que outros, mas ainda assim, todos necessitam;
- importante empreender socialmente;
- mesmo pra ser funcionário é preciso aprender a empreender.

Dimensão: Realidade Brasileira

- no Brasil, o aluno só vai pensar nas ideias pra isso quando ele está na graduação ou pós-graduação;
- no Brasil a classe média é muito apática;
- abrir uma empresa é uma luta todo dia; parece que o sistema não quer que se empreenda, uma máquina que luta contra o empreender.

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- é passado aos professores que o empreendedorismo seja constantemente colocado dentro do curso;
- tentar contextualizar;
- localizar a disciplina com a problemática;
- estudo de casos;

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- tenho alunos que empreenderam sim; mas de um modo geral eu ainda não sinto isso.

Dimensão: Dificuldades encontradas

- cultura Brasileira não é empreendedora;
- no Brasil teve que ser criada uma disciplina com esse nome, empreendedorismo, porque não faz parte da nossa cultura.
- abrir uma empresa é uma luta todo dia; parece que o sistema não quer que se empreenda, uma máquina que luta contra o empreender.

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- sonho de qualquer universidade seria trazer empresas e instituições dentro da universidade;
- intercâmbio entre empresas;
- ser dado algum problema real pra ele resolver;
- melhores resultados do empreendedorismo é uma coisa que ainda vai levar um tempo pra mudar.

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

- novas cadeias de negócios globalizadas que existem;
- não é o empreender digamos apenas comercial, o empreender social mesmo;
- tem muito que melhorar.

Entrevista 5

Professor da disciplina sobre empreendedorismo no curso de Administração da U.1.

Dimensão: Estruturação do Curso

- disciplina Administração Empreendedora;
- feira gastronômica de empreendedorismo;
- projeto integrado na oitava etapa com outras disciplinas;
- empresa junior de Administração;
- visita técnica internacional é outro espaço onde o aluno reflete sobre isso

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- há 20 anos atrás o curso de Administração não tinha Empreendedorismo, e ainda hoje não são todos;
- essencial;
- no dia da feira você alunos se transformando, isso é muito legal, mas dá trabalho para nós professores;
- tem muita gente que só descobre os benefícios do empreendedorismo quando está visualizando, daí a importância de deixar a vista do aluno a prática da coisa;
- nessa universidade como um todo, tudo sobre empreendedorismo cai aqui pra nós da Administração.

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- aumenta-se a procura, se dá cada vez mais importância
- o empreendedor precisa estudar;
- nós somos bagunçados por natureza, e não tem empreendedorismo com bagunça.

Dimensão: Realidade Brasileira

- vejo um academicismo muito grande nas IES;
- os cursos estão buscando fundamentar suas decisões para o empreendedorismo;
- na prática vejo ações muito locais;
- o máximo que se vê no Brasil é o contato com o Sebrae, baseado na indústria nacional e pequenas empresas, e empreendedorismo não é só isso;
- no Brasil grande dificuldade de abrir uma empresa;
- entraves para essa atividade;
- tem muito Brasileiro sendo empreendedor lá fora, em outros países, pois as taxas são mais baixas, menos burocracia, acesso a financiamentos, mais fornecedores e mais barato;
- Instituto Nilsen mostrou que em cada 10 estudantes, 6 têm vontade de empreender;
- me preocupa que muitos possam pensar que ser empreendedor significa tempo livre para si, e isso não é verdade;

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- aulas expositivas, onde trabalha-se conceitos de autores nacionais e internacionais;
- bibliografia americana e asiática pra ver outros perfis de empreendedor;
- exercícios, estudos de caso, debates em sala de aula;
- os melhores resultados são do estudo de caso, ou em notícias de acontecimentos do momento;
- trabalho prático, lançam um produto, lançam uma empresa na feira;
- parte teórica seguida de parte interdisciplinar;
- tem muita gente que só descobre os benefícios do empreendedorismo quando está visualizando, daí a importância de deixar a vista do aluno a prática da coisa;
- se ele não desenvolver a parte prática, que é o plano de negócios, a parte teórica se perde rapidinho.

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- alguns possuem desempenho abaixo, que só foram atrás da nota, mas tem aqueles que estão fazendo mesmo um teste para ver se são empreendedores;
- me preocupam bastante;
- alunos não demonstram tanto interesse a não ser que tenham um referencial familiar;
- a sensação de produção é fantástica pra quem se imaginava perdido;
- a parte teórica funciona bem, mas depois percebo que muitos se afastam dos conceitos;

Dimensão: Dificuldades encontradas

- no Brasil grande dificuldade de abrir uma empresa;
- entraves para essa atividade;
- os problemas do empreendedorismo são tão grande, no caso Brasileiro, que isso afasta potenciais empreendedores;

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- que houvesse mais interesse;
- o empreendedor precisa estudar.

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

- mudança na política nacional de empreendedorismo;
- outros cursos tem entrado em contato conosco pra desenvolver algum projeto; existe essa possibilidade de muitas áreas se interligarem.

Entrevista 6

Professor da disciplina sobre empreendedorismo no curso de Engenharia de Produção e de Sistemas de Informação.

Dimensão: Estruturação do Curso

- disciplina Empreendedorismo;
- a empresa junior desenvolve bastante;

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- no caso de engenharia, o engenheiro é mais metódico, do que criativo, então é importante desenvolver;
- desenvolver capacidade de argumentação, trabalho em equipe;

- intra empreendedorismo também é importante

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- fantástico;
- super importante;
- empreendedorismo ligado a habilidades das pessoas, e podem ser desenvolvidas;

Dimensão: Realidade Brasileira

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- disciplina com mais prática do que teoria;
- dinâmicas de grupo;
- criação de produtos;
- plano de negócios;
- no início da disciplina trabalha-se o empreendedorismo como conceito e desenvolvimento de habilidades nos alunos, e depois trabalha-se o plano de negócio;
- teste do perfil empreendedor.

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- o interesse é enorme;
- alunos que já abriram negócios;
- a parte de desenvolvimento de habilidade é a mais difícil, ficam com vergonha, são tímidos, mas no fim desenvolvem;
- aproveitam muito o ambiente da sala;
- os mais velhos, que já tem empresas ou ideia de empresas aproveitaram mais a disciplina do que os mais novos.

Dimensão: Dificuldades encontradas

- engenheiros aprendem muitos métodos, é mais metódico do que criativo.

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- vincular alguns alunos na empresa junior de Administração.

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

Entrevista 7

Coordenador do curso de Administração da U.2. e Professor da disciplina sobre empreendedorismo mesmo curso.

Dimensão: Estruturação do Curso

- temos esse objetivo desde o início do curso em praticamente todas as disciplinas;
- TCC focado no plano de negócio, na abertura de negócio;
- desde o segundo ano, terceiro termo;
- feira de negócios como primeira avaliação do plano de negócio, e depois de finalizado, é julgado pela banca de professores;

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- a inserção do empreendedorismo é muito importante;
- dois motivos: pra balizar as condutas do futuro formando e pra desertar, emancipar essa pessoa;

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- tem que ter o gatilho do empreendedorismo;

Dimensão: Realidade Brasileira

- a economia é rodada em cima de pequenos negócios e empresas familiares;
- atual cenário econômico Brasileiro em relação a disponibilidade de crédito eles começam a ver que podem tocar um negócio;

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- várias teorias, vários autores são trabalhados;
- estudo de caso mais comum;
- vídeos, dinâmicas;
- metodologias mais ativas de ensino, não tão tradicionais;
- a lousa é essencial porque eles cobram, porque o conteúdo formalizado faz falta em concursos por exemplo;
- mescla entre lousa e prática;

- filtra os padrões de comportamento dos alunos, tira o perfil do aluno pra saber se ele se identifica mais com o empreendedorismo ou com o intraempreendedorismo;
- coloca o aluno em contato com a realidade de mercado existente;
- foco na inovação e na destruição criadora de Shumpeter;
- instiga o aluno pra despertá-lo;
- metodologias do Sebrae, todos os professores envolvidos nessas disciplinas foram treinados pelo Sebrae;

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- casos de alunos que durante a disciplina já tiveram ideias de empreender;
- alunos que já estão trabalhando, condicionados ao trabalho, acham que é só mais uma disciplina qualquer;
- houve uma melhora sim de interesse, cerca de 70% dos alunos daqui hoje se interessam;
- desde 2008 até agora, foram 12 planos de negócios que saíram do plano e ganharam corpo;
- com exceção de uma sala de aula, em todas as outras temos pelo menos 1 aluno nessa realidade empreendedora;

Dimensão: Dificuldades encontradas

- a formação dos alunos, os que tiveram experiência com trabalho, são mais engessados.

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- empresa junior a gente já tentou mas não conseguiu, mas é uma ideia que existe.

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

Entrevista 8

Coordenador do curso de Ciências Contábeis da U.2.

Dimensão: Estruturação do Curso

- curso de Ciências Contábeis é junto com Administração os dois primeiros anos, que é quando eles tem a disciplina de empreendedorismo;
- depois que separa pra Ciências Contábeis não tem;
- objetivo no perfil do egresso, como uma prática da instituição;

- projeto integrado com a Administração;
- fora a disciplina não tem ainda um espaço próprio pro empreendedorismo.

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- eu acho muito positivo;

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- qualquer disciplina, se você tem uma ideia, você precisa do empreendedorismo pra por em prática essa ideia.

Dimensão: Realidade Brasileira

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- o professor tem que partir da prática pra depois abordar a teoria;
- estudar problemas;
- na resolução de problemas você busca teoria pra solucionar o problema

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

Dimensão: Dificuldades encontradas

- coordenador acabou de assumir o curso, ainda não teve tempo de ver o que precisa ser mudado.

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- existe ideia de montar uma empresa junior.

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

Entrevista 9

Coordenador do curso de Engenharia da Computação.

Dimensão: Estruturação do Curso

- disciplina específica que trata de negócios;
- matéria Empreendedorismo na oitava etapa;

- palestrantes sobre o tema, ex-alunos quem são donos de negócios vem dar palestras, Semana da Informática;
- outras disciplinas do curso também esbarram no assunto do empreendedorismo;
- dois grupos de estudo: jogos e games, e automação industrial;
- visitas a feiras;

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- em relação a Engenharia da Computação é uma tendência mundial a atividade empreendedora, por isso é tão importante.

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- muito importante.

Dimensão: Realidade Brasileira

- no Brasil hoje a carga tributária é extremamente alta;
- tem aquele que empreendedor por natureza, e aquele que o mercado o força a isso, vai ter que se obrigado, e ele vai sofrer com isso;

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- hoje o uso das metodologias é livre;
- as discussões das reuniões de colegiado vão no sentido de fomentar o empreendedorismo.

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- esses resultados são fortes, por também ser uma tendência da área da Engenharia da Computação;
- ainda poderia ser maior, tem potencial pra isso;

Dimensão: Dificuldades encontradas

- no Brasil hoje a carga tributária é extremamente alta;
- o curso não tem uma estrutura formal pro empreendedorismo;

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

- objetivo futuro de implantar uma empresa junior, mas não nos moldes tradicionais.

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.

Entrevista 10

Professor da disciplina do curso de Engenharia da Computação.

Dimensão: Estruturação do Curso

- disciplina Empreendedorismo mais pro final do curso;
- outras disciplinas;
- disciplina de Relacionamento Interpessoal;
- ciclo de palestras na Semana da Engenharia é um espaço.

Dimensão: Importância da educação empreendedora para o curso

- muito importante;
- mostrar para os alunos que é possível empreender;
- fundamental nos dias atuais desenvolvermos a competência de empreender;
- fortalece o crescimento de novas empresas;
- são essas empresas que fortalecem a economia;

Dimensão: Importância da educação empreendedora em graduação

- não só na Engenharia da Computação, em qualquer curso é muito importante;

Dimensão: Realidade Brasileira

- a cada 10 empresas, 3 permanecem vivas no mercado;
- complicado empreender no Brasil, taxa tributária muito grande;
- sonegação de impostos para permanecer no mercado
- trabalhar a gestão de pessoas; liderança, motivação, trabalho em equipe, são coisas que hoje o empreendedor precisa desenvolver.

Dimensão: Metodologias de ensino utilizadas

- trabalhar a questão do perfil empreendedor;
- auto avaliação do perfil;
- primeiro utiliza metodologia tradicional de ensino no começo da disciplina;
- evolve muitos assuntos teóricos no início;
- depois um pouco de metodologia ativa;

- desenvolvimento de um projeto, de um plano de negócio;
- metodologia comportamentalista;
- aluno ativo no seu processo de ensino e aprendizagem;
- de vez em quando usa um pouco de PBL, que é aprendizagem baseada em problema;
- importância de se desenvolver alguns comportamentos, algumas competências;
- artigos científicos e matérias publicadas que mostrem o comportamento de um gestor;
- trabalhar a gestão de pessoas; liderança, motivação, trabalho em equipe;

Dimensão: Resultados da educação empreendedora fornecida

- como a disciplina é oferecida no final do curso, os alunos são mais maduros e aproveitam mais a disciplina;
- tem alunos que terminaram o curso e empreenderam;
- conseguimos despertar em alguns alunos;

Dimensão: Dificuldades encontradas

- empreender não é tarefa fácil;
- no Brasil a taxa tributária é muito grande para empreender;

Dimensão: Pretensões de mudança para o curso

Dimensão: Pretensões de mudança pro empreendedorismo como um todo.
